



**Universidade de Brasília**  
**Instituto de Letras**  
**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística**

**Uma análise da interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical no contexto da alternância causativa**

Márcia Osória da Costa Pereira

Brasília, 2012

Márcia Osória da Costa Pereira

**Uma análise da interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical no contexto da alternância causativa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de MESTRA em Linguística. Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Reigota  
Naves

Brasília, 2012

## COMISSÃO EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves – UnB

Orientadora

---

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho – UniCEUB

Membro Externo

---

Profa. Dra. Ana Suelly A. C. Cabral – UnB

Membro Interno

---

Profa. Dra. Heloisa M. M. L. A. Salles – UnB

Suplente

*Dedico esta dissertação à professora Rozana Naves. Obrigada por me ensinar os primeiros passos para uma longa jornada.*

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pela fonte inesgotável de luz, fonte que me permitiu, em situações extremas, fazer o exercício da fé e da confiança.

Aos meus pais, *in memoriam*.

À minha família, Marcondes, Mayara e Maryanne. Que bom que vocês existem na minha vida! Devo a vocês, incondicionalmente, a realização deste momento.

À orientadora deste trabalho, professora Dra. Rozana Reigota Naves, pelos comentários, contribuições e todas as leituras que fez desta dissertação.

Aos professores participantes da banca examinadora, Marcus Vinicius da Silva Lunguinho, Ana Suelly A. C. Cabral e Heloisa M. M. L. A. Salles.

Aos servidores e professores da pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília.

À minha família gerativa: Ana Terra Mejia, Beatriz Carneiro, Bruno Pilastre, Cristiany Fernandes, Déborah Mendonça, Jane Adriana, Mirna Valverde, Moacir Junior, Wanderson Bonfim e Zenaide Dias.

Aos colegas de trabalho que participaram da primeira etapa desse processo: Edna, Ivonildo, Fred e, especialmente, ao Sr. Jutahy Magalhães e a Sra. Jacqueline Magalhães. Obrigada também pelo apoio logístico. Aos colegas do Núcleo de Revisão Textual do TJDFT, que participaram da segunda etapa desta pesquisa: Adilson, Ana Luiza, Débora, Edlene, Josué, Karla, Luciana e Neila. Em especial, para Karla, pelo apoio e generosidade.

Por fim, agradeço aos amigos; à Cristiany, pelo apoio de sempre; à Ana Terra, pela revisão desta pesquisa; e aos professores Heloisa Salles, Maria José Foltran, Marcus Lunguinho e Tereza Wachowicz, pelo envio de material e a pronta disposição para ajudar.

*O correr da vida embrulha tudo.*

*A vida é assim: esquenta e esfria, aperta  
e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.*

*O que ela quer da gente é coragem.*

Guimarães Rosa

## RESUMO

Esta dissertação analisa a interação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical no licenciamento da alternância causativa no português do Brasil (PB), especificamente o comportamento de verbos do tipo de *quebrar*, de *escrever* e de *limpar*. Esses predicados admitem a construção transitiva com um argumento Agente/Causa e um argumento Tema. Desses, somente a classe de *quebrar* admite a alternância causativa. Entretanto, conforme observado por Naves e Lunguinho (2008), sob determinadas condições sintáticas (como no caso da presença de verbos auxiliares e de adverbiais), a alternância causativa pode ser licenciada para os verbos do tipo de *limpar*, mas não para verbos do tipo de *escrever*. Para analisar esse fato, partimos do pressuposto de que há elementos de natureza gramatical (afixos verbais, verbos auxiliares e aspectuais e sintagmas adverbiais) que podem alterar a classe aspectual dos predicados (o aspecto lexical sendo dado pela relação verbo + argumento interno), licenciando a alternância, como no caso de verbos de tipo *limpar*. Considerando uma estrutura sintática em que se articulam duas projeções funcionais – AspP, responsável por codificar telicidade (aspecto lexical), e TP, responsável por codificar perfectividade (aspecto gramatical) –, propomos que esses elementos gramaticais operam sobre Asp, mudando o tipo aspectual dos predicados que denotam mudança de estado do argumento interno, como é o caso de *limpar*, em oposição a *escrever*, um verbo que é definido nesta dissertação como sendo inerentemente delimitado pelo primitivo *PATH*, razão pela qual não projeta AspP.

**Palavras-chave:** alternância causativa, aspecto lexical, aspecto gramatical, verbos auxiliares, adverbiais

## ABSTRACT

This dissertation analyzes the interaction between lexical aspect and grammatical aspect in the licensing the causative alternation in Brazilian Portuguese (BP), specifically the behavior of verbs like *break*, *clear* and *write*. These predicates admit a transitive construction with an Agent/Cause argument and a Theme argument. Of them, only the class of *break* admits the causative alternation. As noted by Naves and Lunguinho (2008), under certain syntactic conditions (such as the presence of auxiliary verbs and adverbials), the causative alternation can be licensed for verbs like to *clean*, but not for verbs like *write*. To examine this, we assume that there are grammatical elements (verbal affixes, auxiliaries and aspectual verbs and adverbial phrases) that can change the aspectual class of predicates (lexical aspect given by the relation verb + internal argument), licensing an operation of type shifting, such as for verbs like *clean*. Given a syntactic structure in which two functional projections are articulated – AspP, responsible for encoding telicity (lexical aspect), and TP, responsible for encoding perfectivity (grammatical aspect) –, we propose that these grammatical elements operate on Asp, changing the aspectual type of the predicates that denote change of state of the internal argument, such as *clean*, as opposed to *write*, a verb that is defined in this dissertation as inherently bounded by the primitive *PATH*, which prevents the projection of AspP.

**Key words:** causative alternation, lexical aspect, grammatical aspect, auxiliary verbs, adverbials



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1 Objeto de estudo, objetivos e hipótese de pesquisa.....	11
2. Referencial Teórico.....	14
2.1 O modelo de Princípios e Parâmetros (P&P).....	16
2.2 Avanços recentes do Modelo P&P: o Programa Minimalista.....	20
2.3 A hipótese da inacusatividade.....	22
3. Organização da dissertação.....	24
<b>CAPÍTULO 1- Alternância Causativa: a análise semântica de Levin e Rappaport Hovav e seus desdobramentos para os dados do português</b> .....	<b>25</b>
1.1 Levin e Rappaport- Hovav (1995, 2005, 2010).....	25
1.2 Propostas de análise da alternância causativa para o português.....	38
1.2.1 Souza (1999).....	38
1.2.2 Ciríaco (2007).....	42
1.2.3 Cançado e Godoy (2010).....	48
1.3 Síntese do Capítulo.....	51
<b>CAPÍTULO 2- Aspecto Lexical e Aspecto Gramatical</b> .....	<b>54</b>
2.1 Aspecto lexical.....	55
2.1.1 As classes aspectuais dos verbos.....	55
2.1.2 Aspecto Lexical: uma propriedade de V ou do VP?.....	59
2.1.2.1 Verkuyl (1993, 1999).....	59
2.1.2.2 Tenny (1987).....	62
2.1.2.3 Rothstein (2004).....	64
2.1.2.4 Ramchand (2008).....	67
2.2 Interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical.....	71
2.3 Síntese do Capítulo.....	79

<b>CAPÍTULO 3- Proposta de Análise para o Licenciamento da Alternância Causativa....</b>	<b>80</b>
3.1 Síntese das propriedades semânticas e aspectuais discutidas na literatura apresentada.....	80
3.2 Telicidade como propriedade licenciadora da alternância causativa.....	83
3.2.1 Naves (2005).....	83
3.2.2 Bassani e Scher (2006).....	85
3.3 Mudança de classe aspectual dos predicados.....	88
3.3.1 Os afixos verbais.....	89
3.3.2 Os verbos auxiliares e aspectuais.....	91
3.3.3 Os adverbiais.....	94
3.4 Nossa proposta de análise.....	95
3.4.1 Motivação para a existência de dois núcleos funcionais na alternância causativa.....	95
3.4.2 T e Asp como responsáveis pela codificação de aspecto gramatical e de aspecto lexical.....	98
3.4.3 Interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical no licenciamento da alternância causativa.....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

### 1 Objeto de estudo, objetivos e hipótese de pesquisa

Esta dissertação discute a relação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical no licenciamento da alternância causativa no português brasileiro (PB). A alternância causativa ocorre com verbos de dois argumentos, conforme ilustrado a seguir:

- (1) a. [João]<sub>CAUSADOR</sub> quebrou [a vidraça]<sub>TEMA</sub>.  
 b. [A vidraça]<sub>TEMA</sub> quebrou.

Nos exemplos acima, temos uma versão transitiva do verbo *quebrar* em (1a) e uma versão intransitiva em (1b). Na versão transitiva, o verbo seleciona dois argumentos – sujeito Causador e objeto Tema –, enquanto na versão intransitiva seleciona um argumento – Tema, mapeado na posição final de sujeito. Concluímos que um mesmo verbo pode mapear diferentemente os seus argumentos na sintaxe, visto que o argumento Tema *a vidraça* pode-se apresentar tanto na posição de objeto, em (1a), quanto na posição de sujeito, em (1b).

Não obstante a alternância causativa seja um fenômeno bastante produtivo no PB, constatamos que nem todos os verbos transitivos podem mudar sua configuração para uma estrutura intransitiva, conforme demonstram os exemplos em (2) e (3):

- (2) a. Anita escreveu uma nova novela.  
 b. \*Uma nova novela escreveu.
- (3) a. Maria limpou a casa.  
 b. \*A casa limpou.

Contudo, em alguns casos, é possível licenciar a alternância desde que haja inserção de material linguístico, como modificadores adverbiais, em (4c), ou verbos auxiliares, em (4d):

- (4) a. Maria limpou a casa.

- b. \*A casa limpou.
- c. ? A casa já limpou.
- d. A casa está limpando.

Vale ressaltar que, a despeito de verbos como *limpar* passarem a licenciar a alternância causativa com a introdução de advérbios ou auxiliares, o mesmo não ocorre com verbos como *escrever*:

- (5) a. Anita escreveu uma nova novela.
- b. \*Uma nova novela escreveu.
- c. \*Uma nova novela já escreveu.
- d. \*Uma nova novela está escrevendo.

O objeto de estudo desta dissertação são as sentenças, do tipo (4), cujos verbos em princípio não admitem a alternância, mas passam a alternar em contextos sintático-semânticos específicos, fato que já havia sido observado por Naves e Lunguinho (2008, p.1), que apresentam os dados abaixo:

- (6) a. Minha mãe lavou a roupa.
  - b. \*A roupa lavou.
  - c. ?A roupa já lavou.
  - d. A roupa está lavando.
- (7) a. Os pedreiros pintaram o portão.
  - b. \*O portão pintou.
  - c. ? O portão já pintou.
  - d. O portão está pintando.

Vários autores desenvolveram propostas de análise para a alternância causativa dos predicados: Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005, 2010) para a língua inglesa; Souza (1999), Naves (2005), Ciríaco (2007) e Caçado e Godoy (2010) para o PB. No entanto, nenhum deles trata da possibilidade de alguns verbos originalmente não alternantes passarem

a alternar quando coocorrem com advérbios ou auxiliares.<sup>1</sup> Nosso interesse pelo fenômeno partiu da possibilidade de licenciamento desse tipo de construção.

Como dissemos, Naves e Lunguinho (2008) examinaram construções do tipo (4), (6) e (7), em que a alternância se torna possível em contextos modificados por advérbios e verbos auxiliares. Para eles, o que licencia a alternância é a interação entre o aspecto gramatical e o lexical, ou seja, entre a informação aspectual dos auxiliares e de advérbios temporais e a informação aspectual dos predicados denotados pelos verbos principais. Porém, os autores não explicam por que verbos como *escrever*, mesmo em sentenças com modificadores, não alternam.

Buscamos ampliar essa discussão, partindo do pressuposto de que há elementos do significado dos verbos que distinguem verbos que alternam, como *quebrar*, dos que não alternam, como *escrever*. Dado que verbos como *limpar* passam a licenciar a alternância quando da inserção de modificadores, percebemos que a inserção do adverbial *já* atua aspectualmente no predicado, potencializando a leitura de culminação do resultado. Do mesmo modo, a inserção do auxiliar e do gerúndio, em *estar limpando*, dá ideia de duração que potencializa a leitura de processo e progressividade do evento.

A nossa hipótese de interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical justifica-se por identificar nos diferentes domínios a leitura aspectual, seja na culminação do evento, seja na progressividade dele. Ademais, quanto ao aspecto lexical, a classificação em um tipo aspectual ou outro é, em certa medida, subjetiva, uma vez que depende de como se olha para uma dada eventualidade. Do mesmo modo, quanto ao aspecto gramatical, a escolha por um ponto de vista ou outro parece que depende, até certo ponto, do contexto ou de uma situação discursiva.

O objetivo geral desta dissertação é propor, dentro do arcabouço teórico da Gramática Gerativa (GG), uma análise da alternância causativa em termos da categoria Aspecto. Em termos específicos, objetiva: (i) identificar propriedades semântico-lexicais dos verbos que participam da alternância causativa; (ii) analisar as condições sintáticas relacionadas à

---

<sup>1</sup>Negrão e Viotti (2008, p. 190) dizem, a respeito desse fenômeno, que a classe dos verbos de alternância causativa no PB está em expansão, passando a incluir verbos transitivos ativos, e exemplificam com os seguintes dados:

- (i) O xerox fica fazendo enquanto a gente vai almoçar.
- (ii) Com a reforma, meu jardim destruiu inteirinho.
- (iii) Esse prédio tá construindo desde que vendeu o terreno onde era a casa do vovô.
- (iv) Esse tipo de material vai copiar bem rápido.

Observamos que, em todos os exemplos, há um modificador adverbial associado ao predicado.

inserção de um modificador adverbial ou à presença de verbo auxiliar no licenciamento da alternância causativa; e (iii) descrever o comportamento sintático de verbos causativos, tendo em vista a interação entre o aspecto gramatical e o aspecto lexical. Este trabalho contextualiza a hipótese descritiva sobre a interação entre o aspecto lexical e o gramatical na alternância causativa, partindo do pressuposto de que o licenciamento dessas construções se dá composicionalmente.

A partir do que foi exposto, esta pesquisa visa responder às seguintes perguntas:

- (i) No licenciamento da alternância causativa, que propriedades aspectuais são relevantes para a interface entre a semântica lexical e a sintaxe?
- (ii) Qual o papel dos modificadores adverbiais e dos verbos auxiliares no licenciamento da alternância causativa?

Se essas questões forem respondidas corretamente, esta pesquisa contribuirá para outra possibilidade de análise do fenômeno da alternância. Nosso desafio para o desenvolvimento deste trabalho é identificar que elementos devem ser acessados e combinados para licenciar construções causativas. Nossa proposta não consiste em apresentar um novo fenômeno, nem uma nova teoria, mas em lançar um novo olhar para esse fenômeno.

De modo a dar continuidade a essa introdução, faremos uma breve explanação do referencial teórico no que diz respeito a tópicos importantes que dão suporte para o desenvolvimento de nossa pesquisa, quais sejam: a concepção de uma Faculdade de Linguagem, o modelo de Princípios e Parâmetros (P&P), incluindo os avanços do Programa Minimalista (PM) e, por fim, a hipótese da inacusatividade.

## **2 Referencial teórico**

Ao longo dos anos, é notável o fascínio que a linguagem tem exercido sobre os humanos, sobretudo em relação à capacidade dela de produzir a interação entre os seres dessa espécie. Surpreendente também é o aparato genético do qual esses seres são dotados, a faculdade humana de linguagem, caracterizada como uma verdadeira propriedade da espécie (Chomsky, 1998). A faculdade de linguagem é concebida como um órgão da linguagem, assim como o sistema visual, o sistema imunológico ou o sistema circulatório do corpo humano. Compreende-se esse órgão como um sistema modular de estrutura complexa, cujo

entendimento das partes, com suas características distintivas e interações, resulta no entendimento do todo.

Essa complexidade e sofisticação do conhecimento linguístico, de bases biológicas e universais, é mencionada por Chomsky no estudo de aquisição de linguagem. A ideia é que o ser humano já nasce com uma capacidade inata – regulada por um órgão mental – que lhe possibilita adquirir uma língua. Desse ponto de vista, o grau de experiência linguística para essa aquisição deve ser mínimo. Por exemplo, já nos primeiros anos de vida, a criança conhece mais do que lhe é fornecido pela experiência. Em outras palavras, a despeito de a criança ser exposta a um ambiente em que a fala é fragmentada e incompleta, ela domina um conjunto complexo de regras ou princípios básicos que constituem sua gramática internalizada, princípios esses que são predeterminados por um estado inicial de sua faculdade da linguagem.

A língua é resultado da manifestação do estado inicial – estado geneticamente determinado – e do curso da experiência. O processo de aquisição de uma língua se realiza por meio de dados de entrada (*input*), em que o estado inicial, mediado por um dispositivo de aquisição de linguagem – DAL, toma a experiência e provê a língua como dado de saída – estado final, estado esse que é internamente representado na mente/cérebro. Essa visão internalista da linguagem tem como foco o estado inicial da faculdade de linguagem e os estados por ela assumidos sob a influência da experiência, o que implica que há duas acepções para a faculdade de linguagem: de um lado, o aspecto interno, uniforme para a espécie humana; de outro lado, o aspecto externo, determinado pela experiência e variável de indivíduo para indivíduo, a sua gramática particular. Nessa perspectiva, a gramática de uma língua L (a gramática particular) está para a teoria sobre essa língua assim como a teoria sobre o estado inicial da faculdade de linguagem está para a gramática universal (GU).

Adaptando a visão de von Humboldt de que a linguagem envolve “o uso infinito de meios finitos”, Chomsky (1998, p. 21) defende que a língua L “determina um leque infinito de expressões, cada uma com seu som e significado”. Em outros termos, essa língua L tem como função gerar suas próprias expressões, daí a denominação Gramática Gerativa (GG). Nesse sentido, o falante desenvolve a capacidade não só de fazer generalizações sobre sua língua, como também de, intuitivamente, produzir, entender e julgar sentenças da língua. Assim procedendo, a GG permite caracterizar noções como de gramaticalidade (sentenças bem formadas) ou de agramaticalidade (sentenças consideradas malformadas).

Do ponto de vista da GG, é inegável a diversidade e a complexidade que existe entre as línguas, na medida em que se pressupõe que as línguas são variações superficiais do

mesmo tema. De acordo com Chomsky (1998), uma teoria da linguagem tem de satisfazer a duas condições: a adequação descritiva e a adequação explicativa. A primeira corresponde a uma descrição minuciosa de fatos da língua, ativa a gramática de uma língua particular; a segunda diz respeito a uma explicação adequada dos fatos gramaticais, ativa a teoria geral da linguagem, a GU. Para satisfazer essa última condição, uma gramática particular deve ser organizada por princípios universais e requerer a fixação de parâmetros, os quais são responsáveis pelas especificidades de cada língua.

## 2.1 O modelo de Princípios e Parâmetros (P&P)

O modelo de teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) oferece suporte teórico para atender às condições de adequação descritiva e explicativa. Esse modelo prediz que os seres humanos, no estágio inicial, são dotados de uma GU, com princípios universais e parâmetros finitos e binários, pertencentes à faculdade de linguagem. Para a aquisição de uma língua, os parâmetros deverão ser fixados por meio da experiência dos indivíduos.

Podemos ilustrar como princípios universais das línguas o Princípio de Projeção Estendido ( *Extended Projection Principle* – EPP), que determina que a posição de sujeito seja projetada na estrutura oracional. Porém, esse princípio não estabelece que a posição de sujeito deva ser foneticamente realizada, o que permite duas opções: a posição de realização fonética do sujeito, como no inglês, em (8); ou não há essa exigência, como no italiano, em (9):

(8) a. Maria speaks French.

b. \*Speaks French.

(9) a. Maria parla francese.

b. Parla francese.

(Radford, 2004, p. 17)

O verbo *speak*, no inglês, e o verbo *parlare*, no italiano, têm em comum o fato de serem predicados que requerem um sujeito como *Maria* e um objeto como *French/francese*. A diferença entre essas duas sentenças diz respeito ao fato de línguas como o inglês não permitirem que a posição de sujeito fique vazia e de línguas como o italiano permitirem isso, o que se denomina Parâmetro do Sujeito Nulo (ou Parâmetro *Pro-Drop*). A sentença do



italiano em (9) tem um sujeito realizado foneticamente, e a sentença em (9b), a despeito de não ter um sujeito representado fonologicamente, tem um elemento pronominal nulo que preenche a posição de sujeito, possibilitando a sua interpretação semântica. Assim, nos exemplos acima, pode-se distinguir um parâmetro com diferentes marcações de valores, o valor negativo (- *pro-drop*) para línguas como o inglês (e o francês) e o valor positivo (+ *pro-drop*) para línguas como o italiano (e o português).

Partindo do pressuposto de que a gramática que estamos construindo tem uma estrutura modular (cf. Haegeman, 1994), em que há distintos componentes que interagem, assume-se, nos termos da Teoria de Regência e Ligação (*Government and Binding Theory* – GB), que as operações do componente sintático são determinadas por módulos independentes, como a Teoria X-Barra, a Teoria  $\theta$  e a Teoria de Caso, que passamos a expor brevemente<sup>2</sup>.

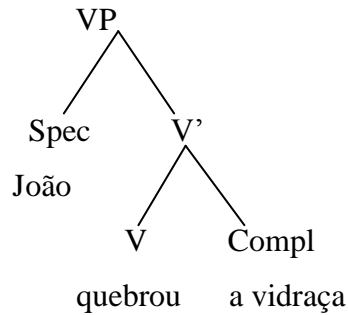
a) Teoria X-Barra

A Teoria X-Barra na GB é responsável pela representação estrutural das orações e dos constituintes sintáticos em geral. O objetivo dessa teoria é eliminar a redundância do Modelo Padrão ao dispensar regras e construir estruturas sintagmáticas a partir da projeção da estrutura argumental de um núcleo lexical. Essa projeção é composta por três níveis de categorias sintagmáticas: a categoria de nível máximo, representada por  $X''$ , reservado a um objeto sintático que não projeta; a categoria de nível intermediário  $X'$ , responsável por estabelecer a conexão entre categorias mínimas e categorias máximas, e a categoria mínima  $X^0$ , formada por categorias lexicais N(ome), V(erbo), A(djetivo) ou P(reposição) ou por categorias funcionais F(lexão), Neg(ação), D(eterminante), C(omplementador), entre outras.

Com base nessas categorias, a representação da estrutura sintagmática passa a ser estabelecida a partir de um núcleo, que projeta e determina relações ao ser combinado com complementos, modificadores e especificadores. Assim, os sintagmas e as sentenças caracterizam-se por operações binárias, representadas em forma de diagrama arbóreo. Na representação em (10), o verbo *quebrar* se liga ao seu complemento, o argumento interno *a vidraça*, e depois ao seu especificador, o argumento externo *João*.

<sup>2</sup> A exposição teórica desses três módulos é feita com base na Teoria de Regência e Ligação (GB). É importante ressaltar que o Programa Minimalista, em Chomsky (1995), discorre sobre os princípios e as restrições desses módulos como condições para a boa formação das sentenças, o que indica que as restrições e os níveis de análise que não estejam relacionados diretamente a essas condições são eliminados nesse modelo teórico.

(10)



Na projeção da estrutura sintagmática deve-se respeitar o princípio da endocentricidade, segundo o qual todo núcleo projeta um sintagma e todo sintagma tem um núcleo: VP pode conter apenas V; NP, apenas N; PP, apenas P, e AP, apenas A. Isso indica que esse princípio remete a uma estrutura hierárquica em que há relação de dominância entre os constituintes. Em relação às línguas particulares, argumenta-se que essa hierarquia é universal, estando a maneira como os constituintes são hierarquizados sujeita à variação.

b) Teoria Temática (Teoria  $\theta$ )

De acordo com a literatura, a relação entre verbos e seus argumentos se dá em termos de relações temáticas ou papéis semânticos. Por exemplo, na entrada lexical do verbo *matar*, há uma informação codificada de que esse verbo atribui papel semântico de Agente ao argumento sujeito e de Paciente ao argumento objeto. Na GB, isso é representado por meio de uma grade temática em que constam dois argumentos para o verbo *matar*, o argumento externo Agente e o argumento interno Paciente. Chomsky (1981), com vistas a assegurar que as posições sintáticas projetadas mediante o Princípio de Projeção sejam preenchidas por argumentos, estabelece a seguinte condição:

(11) Critério Teta (Critério  $\theta$ ): cada argumento é suporte de um e apenas um papel temático e cada papel temático é atribuído a um argumento.

O Princípio de Projeção garante a projeção em todos os níveis sintáticos das propriedades de seleção dos elementos do léxico. Esse princípio remete à ideia de que as estruturas sintáticas são diretamente determinadas pela estrutura argumental dos itens lexicais. Por exemplo, o verbo *limpar* projeta uma estrutura cuja posição de complemento corresponde ao argumento interno Tema subcategorizado, o que indica que esse argumento deve atender a exigências combinatórias do verbo, como em *limpar a casa*. Além disso, esse verbo projeta

uma posição de especificador que corresponde ao argumento externo, ao qual é atribuído o papel Temático de Agente.

Em relação ao argumento externo, Radford (1997) sugere que é complexa a questão de como o papel  $\theta$  é atribuído a ele. Radford (1997) menciona os trabalhos de Marantz (1984) e de Chomsky (1986), e argumenta que, a despeito de os verbos atribuírem diretamente papel  $\theta$  aos seus complementos, para o argumento externo essa atribuição será indireta, ou seja, ela é dada por todo VP e não só pelo verbo. Por exemplo, nas sentenças *John broke the window* ‘João quebrou a janela’ e *John broke his arm* ‘João quebrou seu braço’, há diferentes atribuições de papel  $\theta$  ao argumento *John*, respectivamente, Agente e Experienciador.

No quadro teórico da teoria gerativa, as funções temáticas são relacionadas aos papéis dos participantes no evento, quais sejam, Agente, Experienciador, Tema, Alvo, Causa, Instrumento, Benefactivo, Locativo, entre outros, como a seguir:



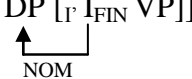
- (12)
- a. Agente/Causativo → A Maria correu no parque.
  - b. Experienciador → A Maria sentiu dor.
  - c. Tema → A Maria quebrou a cadeira.
  - d. Alvo → A Maria alcançou a ponte.
  - e. Causa → A chuva quebrou a sombrinha da Maria.
  - f. Instrumento → A Maria cortou o dedo com a tesoura.
  - g. Benefactivo → A Maria deu flores para sua mãe
  - h. Locativo → A Maria colocou o livro na estante.

Ressalte-se que não há relação estreita entre funções sintáticas e papéis temáticos, visto que tanto o sujeito quanto o objeto podem estar vinculados a vários papéis temáticos. Por exemplo, ao sujeito podem ser atribuídos os papéis temáticos de Agente, Experienciador ou Tema; do mesmo modo, ao objeto podem ser atribuídos papéis temáticos de Tema, Experienciador, Alvo. Disso deduz-se que não há um diagnóstico preciso com respeito a um papel semântico específico que o predicado atribui (Levin e Rappaport-Hovav, 2005).

### c) Teoria do Caso

Na perspectiva da Gramática Gerativa, a categoria de Caso não é uma propriedade privativa de línguas que o exibem na morfologia, situação do latim, do grego, do alemão, do russo, entre outras línguas. Na GB, Caso é uma categoria abstrata, que identifica a função

sintática de um constituinte. Para atribuição de Caso, a relação é exclusivamente local e cada um dos atribuidores de Caso atribui Caso ao sintagma determinante (DP) que se encontra no seu domínio. A exigência de que um DP foneticamente realizado precisa receber Caso constitui o chamado Filtro do Caso. Nesse sentido, licencia-se um DP por meio de papel temático e de Caso. A proposta de Chomsky (1981) é a de que a atribuição de Caso se dá na projeção do sintagma verbal (VP) e do sintagma preposicional (PP), correspondendo respectivamente ao Caso Acusativo, em (13a), e ao Oblíquo, em (13b); e na projeção do sintagma flexional (IP), correspondendo ao Caso Nominativo, em (13c). Desse modo, o Caso Nominativo é licenciado na configuração especificador-núcleo e os Casos Acusativo e Oblíquo são licenciados na configuração núcleo-complemento, como ilustrado a seguir:

- (13) a. [VP Y DP]  
  
 b. [PP P DP]  
  
 c. [IP DP [I I<sub>FIN</sub> VP]]  


(Hornstein, Nunes e Grohmann 2005, p. 113)

## 2.2 Avanços recentes do modelo de P&P: o Programa Minimalista

O Programa Minimalista representa uma teoria mais refinada e mais simples para a linguagem em relação à GB. Começa por conceber a faculdade da linguagem como uma realização ótima das condições de legibilidade impostas pelas interfaces: o componente articulatório e o conceptual. Desse modo, assume-se que a expressão das sentenças estabelece relações de interface com sistemas cognitivos responsáveis por atribuir a elas propriedades articulatório-perceptuais ou sensorio-motores (sistema A-P, em interface com a Forma Fonética), e propriedades conceito-intencionais (sistema C-I, em interface com a Forma Lógica).

Em relação às propriedades da interface, há o pressuposto de que a linguagem envolve três tipos de elementos: a) som e significado, denominados ‘traços’, b) itens lexicais, que são montados a partir dessas propriedades, c) sistema computacional, que constrói derivações a partir desses traços (Chomsky, 1998). Nesse sentido, a língua L é composta por duas partes: o léxico e o sistema computacional.

Com base no fato de que qualquer teoria da linguagem deve ser dotada de algum tipo de léxico, é razoável pensar que o léxico é o repositório de todas as propriedades idiossincráticas de itens lexicais em uma dada língua (Chomsky, 1995). Incluídas nessas propriedades estão a representação de uma forma fonológica e a especificação de sua categoria sintática e de sua característica semântica. Assim, o léxico é organizado por meio de traços formais (traços- $\phi$ : gênero, número e pessoa), traços de Caso, traços semânticos, traços categoriais e traços fonológicos. As relações entre os itens, quer direta, quer indiretamente, são estabelecidas a partir de um núcleo, o qual pode ser de natureza lexical ou funcional. Os primeiros se dividem em Nome (N), Verbo (V), Preposição (P) e Adjetivo (A), e os últimos em Complementador (C), Determinante (D), Tempo (T), entre outros.

O sistema computacional, caracterizado como mecanismo responsável pela construção de objetos sintáticos com base em um arranjo de itens lexicais selecionados no léxico, atua sobre os traços formais ou gramaticais desses itens. A derivação de uma expressão linguística se dá por meio de itens disponibilizados em uma numeração, os quais se submetem às seguintes operações: *Select* (selecionar) *Merge* (concatenar) e *Agree* (concordar) e *Move* (mover). Primeiramente os itens lexicais de uma numeração são selecionados por meio da operação *Select*, extraído-se da numeração, por exemplo, o item *A* e o item *B*. A partir desse ponto, o sistema aplica uma nova operação – *Merge*, responsável por concatenar os itens lexicais, resultando no objeto *AB*. Nos pares  $\{A,B\}$  apenas um dos itens projeta a estrutura sintática, tornando-se o núcleo do constituinte recém formado para então formar objetos sintáticos maiores. A operação *Agree*, responsável pela checagem de traços formais no decurso da derivação, checa os traços não interpretáveis das categorias funcionais (traços EPP, traços de Caso dos DPs) em relação aos traços interpretáveis denominados traços- $\phi$  dos nomes (gênero, número e pessoa).

Com a proposta Minimalista, o sistema de Caso passa a ser desenvolvido pela proposta de checagem de traços. Nesse novo formato, a noção de regência é eliminada e a checagem dos Casos Nominativo e Acusativo ocorre analogamente por meio da configuração de *Spec-head* (especificador-núcleo). Essa relação de checagem se dá entre uma Sonda – uma categoria funcional – e um Alvo – um DP ativo. Nessa operação, traços interpretáveis entram na derivação com valor especificado; em contrapartida, traços não interpretáveis devem ser checados.

Vale ressaltar que nessa operação o Princípio de Interpretação Plena (*Full Interpretation*), responsável por orientar o funcionamento do sistema computacional, determinando a convergência ou não da derivação, prevê que só pode chegar aos níveis de

interface informação passível de ser lida nesses níveis, cabendo a esse sistema eliminar informação não interpretável nessas interfaces. Dado que a interpretabilidade constitui propriedade de traços do léxico, postula-se que cada item lexical é um conjunto de traços: traços semânticos são interpretados na interface semântica, e traços fonológicos, na interface fonética; os traços formais podem ser interpretáveis ou não. Por exemplo, um traço como o de número é interpretável no nome, entrando na derivação com um valor atribuído como singular ou plural; contudo, o mesmo traço no verbo é não interpretável, sendo eliminado antes de chegar à Forma Lógica.

A operação do sistema computacional *Move* é considerada a mais complexa devido ao fato de nela serem combinadas duas outras operações *Agree* e *Merge*. Para a checagem de traços, a proposta de Chomsky é a de que os traços podem ser parametrizados com o valor “forte” ou “fraco” e a ocorrência dessa checagem se dá antes ou depois de *spell-out*. Ela ocorre antes do *spell-out* se os traços forem fortes, o que permite ser visível o movimento dos elementos em PF; do contrário, se essa checagem ocorrer depois de *spell-out*, os traços fracos são checados somente em LF e o movimento não é visível em PF.

### 2.3 A hipótese da inacusatividade

Os verbos intransitivos subdividem-se entre os inergativos e os inacusativos, conforme a hipótese da inacusatividade proposta por Perlmutter (1978 *apud* Levin e Rappaport-Hovav, 1995). Perlmutter (1978), cuja proposta tem por base a não homogeneidade da classe dos verbos intransitivos, distingue verbos inergativos de verbos inacusativos em termos das relações gramaticais entre o verbo e o único sintagma nominal contido na estrutura argumental do verbo: para os primeiros, a relação é de sujeito; enquanto para os últimos, a relação é de objeto.<sup>3</sup> O autor acrescenta, ainda, uma distinção em termos semânticos: verbos inergativos descrevem atos volicionais, como *trabalhar*, *falar* e processos corporais involuntários, como *tossir*, *espirrar*, etc. Já os inacusativos são predicados cujo argumento é semanticamente um Paciente, como *queimar*, *cair*, etc. Desse ponto de vista, considera-se que, se a ação é voluntária, trata-se de um verbo inergativo; do contrário, trata-se de um verbo inacusativo. Assim, embora o autor defenda que essa distinção seja representada sintaticamente, não nega que há fatores semânticos nela envolvidos.

---

<sup>3</sup> O trabalho de Perlmutter (1978) é desenvolvido no quadro teórico da Gramática Relacional, daí o uso dos termos “sujeito” e “objeto” na sua formulação das diferenças entre as duas classes de verbos intransitivos.

No quadro da Gramática Gerativa, cada uma dessas classes de verbos apresenta diferentes configurações sintáticas, que pretendem captar propriedades sintáticas e semânticas específicas – o verbo inergativo projeta apenas o argumento externo; o verbo inacusativo projeta apenas o argumento interno, conforme representação a seguir, retirada de Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 3):

- (14) a. Configuração sintática do verbo inergativo: NP [<sub>VP</sub>V]  
 b. Configuração sintática do verbo inacusativo: [<sub>VP</sub>V NP/CP]

Burzio (1986), ao propor uma abordagem essencialmente sintática da distinção inergativo/inacusativo, postula que os verbos inacusativos caracterizam-se por conterem apenas um argumento, o interno, e por não atribuírem Caso Acusativo a esse argumento. Consoante Burzio (1986), verbos intransitivos não constituem classe homogênea no italiano, o que corrobora a hipótese inacusativa proposta por Perlmutter (1978). Para sustentar essa proposta, o autor apresenta dados do italiano que mostram que o verbo inacusativo *arrivare*, diferentemente do inergativo *telefonare*, não seleciona argumento externo, não atribuindo função- $\theta$  externa ao seu único argumento (cf. Burzio, 1986, p. 20). Esse fato teórico pode ser verificado empiricamente por meio de testes sintáticos como a cliticização de *ne* (cf. dados em (15)) e o emprego de auxiliares (cf. dados em (16)):

- (15) a. *Ne arrivano molti.*  
 Muitos deles chegam.  
 b. \**Ne telefonato molti.*  
 Muitos deles telefonam.

- (16) a. *Giovanni è arrivato.*  
 Giovanni chegou.  
 b. *Giovanni ha telefonato.*  
 Giovanni telefonou

A gramaticalidade do verbo inacusativo *arrivare* na sentença em (15a) está, segundo o autor, condicionada à posição pós-verbal do argumento do verbo inacusativo *molti*; o mesmo não ocorrendo com o verbo inergativo *telefonare* (em 15b), o que torna a sentença agramatical. Em (16), a diferença entre as duas estruturas diz respeito à escolha do auxiliar *essere*, em

(16a), que acompanha o verbo inacusativo, e do auxiliar *avere* em (16b), que corresponde ao verbo inergativo.

No que concerne à atribuição de Caso aos argumentos dos predicados inacusativos, trata-se da propriedade lexical de que o objeto precisa ser movido para receber Caso, como na expressão *João chegou*, em que há o movimento do argumento *João* da posição de argumento interno para a posição de sujeito superficial. Podemos dizer que o argumento singular do verbo inacusativo tem propriedades de sujeito e de objeto. É um sujeito em termos de posição sintática e de marcação de Caso, mas carrega um papel- $\theta$  de objeto que, ao ser movido, deixa um vestígio na posição de objeto.

Conforme discorremos anteriormente, em construções causativas do tipo *quebrar*, como em *Maria quebrou o copo/O copo quebrou*, o mesmo verbo pode ser apresentado tanto na estrutura transitiva (Agente/Causa e Tema) quanto na estrutura intransitiva (Tema). Trata-se, como podemos observar, de uma construção intransitiva de tipo inacusativo, em que o argumento interno – complemento de V – é alçado à posição sintática de sujeito – especificador de IP, posição em que o DP tem o Caso checado como o Nominativo.

### **3 Organização da dissertação**

Esta dissertação compreende esta Introdução e mais três capítulos. No Capítulo 1, fazemos uma revisão bibliográfica da proposta semântica de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005, 2010) para a alternância causativa, estendendo a discussão às aplicações e aos desdobramentos dessa proposta para os dados do português segundo diferentes autores. No Capítulo 2, é apresentado um panorama da discussão teórica sobre aspecto lexical e aspecto gramatical. Com base nessa discussão, podemos nortear nosso trabalho e fundamentar nossa contribuição para a análise do licenciamento da alternância causativa. No Capítulo 3, apresentamos nossa proposta de análise que prevê a interação entre traços relativos ao aspecto lexical e traços relativos ao aspecto gramatical no licenciamento das construções inacusativas de verbos que usualmente se submetem à alternância causativa. Por fim, registramos nossas considerações finais.



## CAPÍTULO 1

### **Alternância Causativa: a análise semântica de Levin e Rappaport-Hovav e seus desdobramentos para os dados do português**

Neste capítulo, apresentamos a proposta semântica de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005, 2010) para a alternância causativa. Essa proposta de base semântica parte do pressuposto de que o que fundamenta a possibilidade da alternância são informações da estrutura semântico-lexical dos verbos. A argumentação deste capítulo tem como meta dar contornos mais claros à hipótese de que o comportamento estrutural do verbo, especificamente no que se refere à expressão sintática dos seus argumentos, é uma função do seu significado. Apresentamos também análises de alguns pesquisadores brasileiros (Souza, 1999; Ciríaco, 2007; Cançado e Godoy, 2010) que tomam como referência para a alternância causativa a proposta de estrutura semântico-lexical de Levin e Rappaport-Hovav.

#### **1.1 Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005, 2010)**

Os estudos de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005, 2010) consistem em explorar as estruturas léxico-conceituais definidas pelos traços presentes na entrada lexical dos verbos. As autoras constataam que a habilidade do verbo para participar da alternância causativa se correlaciona com a hipótese inacusativa, visto que na contraparte intransitiva/inacusativa o sujeito gramatical é um objeto subjacente, como nas construções *Pat broke the window/ The window broke*.

As autoras explicam o fenômeno da inacusatividade por meio de dois níveis de representação lexical, associados a cada verbo: a representação semântico-lexical e a representação sintático-lexical. A primeira, denominada estrutura conceptual lexical, compreende o significado do verbo; a segunda, nomeada estrutura argumental, codifica as propriedades argumentais sintaticamente requeridas pelo verbo. As autoras adotam a definição de Jackendoff (1990), segundo a qual a estrutura argumental diz respeito aos espaços em aberto os quais o verbo permite preencher, sendo esses espaços em aberto os argumentos, e a estrutura argumental, a parte conceitual visível para a sintaxe.

De maneira a explicar a representação semântico-lexical, as autoras salientam que os diferentes comportamentos dos verbos na expressão dos argumentos parecem determinados por elementos de significado; isto é, verbos constantes de mesma classe semântica tendem a ter o mesmo comportamento sintático. Por exemplo, Levin e Rappaport-Hovav sugerem que existem classes de verbos alternantes, como *break* ‘quebrar’, e de verbos não alternantes, como *hit* ‘atingir’, definidas por uma relação semântica. Nesse sentido, verbos como *shatter* ‘despedaçar’, *bend* ‘dobrar’, etc, seguem o padrão do verbo *break* ‘quebrar’; já verbos como *slap* ‘bater’, *bump* ‘colidir’, etc, se comportam como *hit* ‘atingir’. Segundo as autoras, os diferentes comportamentos em relação à alternância do verbo *break* e do verbo *hit* dizem respeito às propriedades semânticas de Mudança Causada e Contato, respectivamente. Essa informação é mediada pelo fato de que essas classes de verbos compartilham certos componentes básicos de significado e de que há elementos do significado desses verbos que são sintaticamente relevantes. Assim, as autoras defendem que qualquer representação semântico-lexical deve acomodar as propriedades semânticas do verbo e as classes a que eles pertencem.

Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 83) apresentam o modelo de representação semântico-lexical (*lexical semantic representation – LSR*) para verbos alternantes composto por uma forma transitiva, considerada por elas como básica, e uma intransitiva encaixada, caracterizada como derivada:

(1) *break*: [[x DO-SOMETHING] CAUSE [y BECOME BROKEN]]

No modelo em (1), a representação para verbos alternantes é composta por subeventos, representados pelo predicado CAUSE (o subevento de causa) e pelo predicado BECOME (o subevento central), este último responsável por especificar a mudança de estado associada ao verbo.<sup>4</sup> Nessa acepção, papéis semânticos de Agente e Paciente/Tema passam a ser definidos com respeito à posição dos argumentos dos verbos. O causador é associado ao subevento CAUSE, e o argumento que sofre a mudança, ao subevento BECOME. As autoras ressaltam que, embora a noção de Agente seja frequentemente definida em termos de posição do

<sup>4</sup> Nesta dissertação, optamos por não traduzir as funções conceituais e os nomes das categorias ontológicas. É importante ressaltar que esses são rótulos mnemônicos que identificam funções e conceitos que, segundo Jackendoff (1990), não dependem da língua. Por exemplo, na estrutura conceitual GO, o verbo lexicaliza a função *Event* e a preposição *into*, as categorias ontológicas *PATH* e *PLACE*, representada no esquema a seguir (Jackendoff, 1990, p. 45):

(i) [<sub>Event</sub> GO([<sub>Thing</sub> John], [<sub>Path</sub> TO ([<sub>Place</sub> IN ([<sub>Thing</sub> ROOM]))])] ]]



Desse modo, ao defenderem que a inacusatividade é sintaticamente representada e semanticamente determinada, as autoras não só reforçam a tese de que as propriedades sintáticas dos verbos são determinadas pelo seu significado, mas também sugerem que essa determinação é realizada por meio do mapeamento entre a semântica lexical e a sintaxe.

Representadas a forma básica do verbo e a derivada, bem como seus respectivos modelos semântico-lexicais e suas projeções no mapeamento sintático-semântico, Levin e Rappaport-Hovav apresentam alguns argumentos para sustentar sua proposta de análise causativa, entre eles as restrições seletivas. As autoras partem do princípio de que, na alternância causativa, o sujeito da variante intransitiva tem a mesma relação semântica com o objeto da variante transitiva. Desse modo, verbos que compartilham mesmas relações semânticas tendem a denotar restrições seletivas comuns. Por exemplo, o verbo *break* ‘quebrar’ pode apresentar um grupo de possíveis objetos na forma transitiva e um grupo de possíveis sujeitos na variante intransitiva, como em (4):

- (4) a. Antônia broke the vase/the window/ the bowl/ the radio.  
 b. The vase/the window/the bowl/the radio broke.

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 85)

As autoras observam que, se houver diferentes restrições seletivas em relação ao objeto da forma transitiva e ao sujeito da forma intransitiva, a alternância não ocorre, como depreendido em (5):

- (5) a. He broke his promise/the contract/ the world record.  
 b.\*His promise/the contract/ the world record broke.

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 85)

Desse modo, ao observarem que as restrições seletivas do objeto no uso transitivo e do sujeito no uso intransitivo não coincidem, as autoras assumem que a forma transitiva apresenta menos restrições impostas aos seus argumentos. Isso corrobora a proposta das autoras de que a forma transitiva é básica. Em relação aos verbos que alternam, como *break* ‘quebrar’, e aos verbos que não alternam, como *laugh* ‘sorrir’, as autoras apresentam a proposta de Smith (1970 *apud* Levin; Rappaport-Hovav, 1995) para quem a distinção entre verbos alternantes e não alternantes remete à noção de controle. Na análise de Smith, verbos do tipo *break* descrevem eventualidades que estão sob controle de alguma causa externa,

enquanto verbos como *laugh* descrevem eventualidades que só podem ser controladas pela própria pessoa.

Levin e Rappaport-Hovav (1995) refinam essa análise, propondo a distinção dos verbos entre aqueles que denotam eventualidades causadas externamente, aqueles que denotam eventualidades causadas internamente e aqueles de existência e de aparecimento, como uma forma alternativa para explicar o fenômeno da alternância.

As eventualidades causadas externamente têm a seguinte definição:

[...] externally caused verbs by their very nature imply the existence of an “external cause” with immediate control over bringing about the eventuality described by the verb: an agent, an instrument, a natural force, or a circumstance. (Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 92)

De acordo com as autoras, verbos que lexicalizam construções causativas em que não há restrições ao argumento de causa externa podem alternar, como exemplificado na construção causativa *The vandals/The rocks/The storm broke the windows* e sua contraparte incoativa *The windows broke*.

Contudo, elas mostram que há certos tipos de verbos que fazem parte da classe de verbos causativos, mas que não alternam. A explicação delas para esse fato é que, diferentemente de verbos como *break* (quebrar), há restrição para alguns tipos de verbos no que diz respeito à causa externa, como os relacionados a seguir (retirados de Levin e Rappaport-Hovav, 1995, p. 95):

- (6) a. The baker cut the bread.  
b. \*The bread cut.
- (7) a. Anita Brookner just wrote a new novel.  
b. \*A new novel wrote.
- (8) a. The assassin murdered the senator.  
b.\* The senador murdered.

As autoras iniciam a discussão dos dados elencados acima a partir da proposta de Smith (1970: 102 *apud* Levin e Rappaport-Hovav, 1995) segundo a qual verbos que possuem a contraparte inacusativa denotam mudança de estado, a qual não necessariamente depende de

um agente. Em outras palavras, verbos causativos que detransitivizam decorrem de uma eventualidade espontânea, sem intervenção volicional de um agente. Levin e Rappaport-Hovav argumentam que, de fato, a proposta de Smith (1970) explica a não alternância dos verbos *cut* ‘cortar’, *write* ‘escrever’ e *murder* ‘assassinar’. Esses verbos não se detransitivizam porque dependem de um agente volicional como sujeito. No entanto, as autoras ressaltam que o verbo *cut*, em (6), se distingue dos verbos *write* e *murder* pelo fato de poder lexicalizar instrumento na posição de sujeito. Em suma, os verbos *write* e *murder* lexicalizam Agente na posição de sujeito, ao passo que o verbo *cut* lexicaliza Agente ou Instrumento, como em *The baker/ The knife cut the bread*. Contudo, nenhum deles descreve eventualidade que ocorre espontaneamente.

Nesse contexto, as autoras observam que a explicação para alguns verbos não terem a contraparte intransitiva para certas escolhas de argumentos está na restrição para a detransitivização, ou seja, são verbos cujas descrições de evento necessitam da intervenção direta de um agente volitivo. Por exemplo, as construções em (9) e (10) mostram que, em (9), a intervenção de um agente animado no evento impede a alternância. Já em (10), uma força natural atua sobre o evento, permitindo a alternância:

(9) a. The waiter cleared the table.

b. \*The table cleared.

(10) a. The wind cleared the sky.

b. The sky cleared.

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 86)

Por fim, as autoras sugerem classificar os verbos dessa classe de acordo com a eventualidade que denotam: (i) se descrevem ou não uma causa externa; (ii) se descrevem ou não eventualidade que ocorre espontaneamente. Assim, os predicados que descrevem uma causa externa são basicamente transitivos e estão restritos a um Agente, como *write* (cf. (7)); *murder* (cf. (8)), e *clear* (cf. (9)), ou no caso de *cut* (cf.(6)), a um Agente ou ao Instrumento; e há predicados que descrevem eventualidades espontâneas, como *clear* (cf. (10)).

Dado que a classe de verbos alternantes se caracteriza pela ausência de especificação do evento de causa, as autoras reformulam a proposta de alternância postulando que um verbo causado externamente pode deixar seu argumento causa não exposto somente se a natureza desse evento é completamente não especificada. Elas fazem duas observações sobre essa não

especificação: (i) a falta de especificação refere-se à grande variedade de sujeitos; (ii) o verbo não deve impor qualquer especificação lexical ao subevento CAUSE.

Quanto à classe de verbos causados internamente, essa classe não participa da alternância, visto que, seguindo a proposta de Smith, descrevem eventualidades que não dependem de uma causa externa, e, nesse caso, não admitem a forma transitiva do predicado. Segundo elas, fazem parte dessa classe: (i) verbos agentivos, como *play* ‘jogar’ e *speak* ‘falar’, que remetem à propriedade de volição do agente; (ii) verbos não agentivos, como *shudder* ‘arrepisar’ e *tremble* ‘tremor’, que denotam propriedades internas dos argumentos, por exemplo, uma reação emocional; e (iii) verbos não agentivos de emissão (de som, luz, cheiro e substância), respectivamente, para *roar* ‘rugir’, *glitter* ‘brilhar’, *smell* ‘cheirar’ e *puff* ‘soprar’, que abrangem propriedades inerentes aos seus argumentos. Daí as autoras considerarem a noção de controle inapropriada, pois, segundo elas, verbos que denotam eventualidades causadas internamente, classificados como não agentivos, não dependem de controle para a realização do evento. Esse fato pode ser observado nos exemplos abaixo, para verbos agentivos que manifestam a propriedade de controle, em (11), para verbos não agentivos de reação emocional, em (12), e não agentivos de emissão, em (13):

(11) a. The children played.

b. \*The teacher played the children.

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 80)

(12) a. Mary shuddered.

b.\*The Green monster shuddered Mary

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 91)

(13) a.The jewels glittered/sparkled.

b. \*The queen glittered/sparkled the jewels.

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 92)

Além da distinção entre verbos causados internamente e verbos causados externamente, as autoras propõem a classe que inclui verbos de existência (*exist*, *flourish*), de aparecimento (*appear*, *arise*) e de desaparecimento (*disappear*), considerada por elas verbos diádicos.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> As autoras propõem que essa classe de verbos toma dois argumentos internos, um que descreve a entidade que existe e outro que descreve a localização em que essa entidade existe, diferentemente de verbos de mudança de estado, que também são verbos diádicos, mas que tomam dois argumentos, o interno e o externo.

Os verbos dessa classe são semelhantes a verbos causados internamente pelo fato de não participarem da alternância e não admitirem a construção causativa, como em (14b) e (15b), o que indica que há ausência da causa externa na representação semântico-lexical deles:

- (14) a. A picture appeared (on the screen).  
 b. \*The programmer appeared a picture (on the screen).
- (15) a. My mother lived in Boston.  
 b. \*Her job lived my mother in Boston.

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 121)

Entretanto, esses verbos não fazem parte da classe de verbos causados internamente, uma vez que não são classificados como inergativos pela regra de mapeamento: os inergativos mapeiam o argumento externo; os verbos existência, de aparecimento e de desaparecimento mapeiam dois argumentos internos: o Tema e o Locativo. Desse modo, as autoras propõem inseri-los na classe dos inacusativos, apresentando algumas evidências para isso, como o fato de, no inglês, eles não atribuírem Caso Acusativo e de, no italiano, selecionarem o auxiliar *essere*.

Contudo, as autoras observam que há alguns pares de verbos em inglês que representam um problema para a análise de que verbos causados internamente não alternam. O exemplo em (16) ilustra o par formado por verbos agentivos causados internamente (inergativos) que alternam. Nesse par, há um traço de agentividade associado ao DP *the soldiers*, em que o Locativo *the tends* é opcional na forma intransitiva e obrigatório na variante transitiva. Segundo Levin e Rappaport-Hovav, (1995, p. 188), verbos como esses passam a se comportar como inacusativos na presença do sintagma direcional *to the tends*:

- (16) a. The soldiers marched (to the tends).  
 b. The general marched the soldiers \*(to the tends).

O par em (16), diferentemente do verbo alternante *break*, não aceita que a eventualidade seja desencadeada por um instrumento ou força natural, pois é sensível à noção de agentividade. De acordo com as autoras, verbos como os de (16) fazem parte de um subgrupo de verbos



agentivos, denominados verbos de maneira de movimento (cf. Jespersen, 1927 *apud* Levin e Rappaport-Hovav, 1995).

Em oposição aos verbos agentivos de maneira de movimento, os verbos não agentivos de maneira de movimento, como *bounce* ‘saltar’ e *roll* ‘rolar’, não exigem o sintagma direcional no uso transitivo nem no uso intransitivo, como em (17):

- (17) a. The ball bounced/rolled (into the room).  
 b. The boys bounced/rolled the ball (into the room).

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 112)

Segundo Levin e Rappaport-Hovav, os diferentes comportamentos dos verbos de movimento – *march*, em (16), e *roll*, em (17) – não decorrem de duas entradas lexicais, mas da compatibilidade deles com diferentes padrões, ora o inacusativo, ora o inergativo. Em outras palavras, esses verbos são compatíveis com dois modelos semântico-lexicais distintos. No caso de verbos como *roll*, os membros dessa classe são compatíveis com argumentos animados ou inanimados. Para os primeiros, há interpretação tanto de agentividade quanto de não agentividade, como em *Max rolled down the hill* (Jackendoff, 1972 *apud* Levin e Rappaport-Hovav, 1995). Ao tomar o argumento animado, esse tipo de verbo pode descrever uma eventualidade causada internamente quando agentivo, semelhantemente a verbos do tipo *correr*, como também pode descrever uma eventualidade causada externamente quando não agentivo.

Há também verbos causados internamente que denotam mudança de estado em que essa mudança é inerente ao curso natural do desenvolvimento de entidades, não necessitando de nenhum tipo de causa externa (cf. (18)). Nessa classe de verbos não alternantes, incluem-se os verbos *bloom* ‘florir’, *blossom* ‘florescer’, *decay* ‘decompor’ e outros, conforme ilustrado a seguir:

- (18) a. The cactus bloomed/flowered early.  
 b. \* The gardener bloomed/flowered the cactus early.

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 97)

Por fim, as autoras apresentam casos em que um verbo apresenta mais de uma acepção, podendo, segundo elas, ser compatível com mais de uma construção cognitiva, como em (19) e (20). Nessas construções, a distinção entre verbos alternantes e não alternantes é

mediada pela interpretação de verbos causados externamente e verbos causados internamente. Depreende-se que, em (19), o significado do verbo *burn* (consumição por fogo) denota eventualidade causada externamente, e o predicado alterna; contrariamente, em (20), o significado verbal (emissão de calor ou de luz) denota eventualidade causada internamente, e o predicado não alterna:

- (19) a. The leaves burned.  
 b. The gardener burned the leaves.
- (20) a. The fire burned.  
 b.\* The campers burned the fire.

(Levin; Rappaport-Hovav, 1995, p. 101)

Em síntese, ao descrever as propriedades lexicais que envolvem a alternância causativa, Levin e Rappaport-Hovav assumem que verbos como *break* ‘quebrar’ têm uma única representação semântico-lexical, configurada na forma transitiva, com uma forma intransitiva encaixada. Esse tipo de verbo – caracterizado pelas autoras como pertencente a uma classe que denota eventualidade causada externamente – implica causa externa com controle imediato sobre a realização do evento. Essa representação envolve um evento complexo, formado pelos predicados CAUSE e BECOME. Já verbos causados internamente, como os inergativos *laugh*, apresentam apenas um subevento, não participando, assim, da alternância. Diferentemente dos verbos da classe dos inacusativos, verbos inergativos podem ser causativizados como em *João fez a Maria sorrir*. Com base na distinção entre eventualidades causadas externamente e eventualidades causadas internamente, as autoras sugerem que a alternância só é possível nas descrições de eventos conceptualizados sem intervenção de um agente, o que indica que a causa externa pode não ser expressa na sintaxe. Já os verbos de existência e de aparecimento, embora considerados pelas autoras como inacusativos, não participam da alternância porque, a despeito de esses verbos serem considerados diádicos, há ausência da causa externa na representação semântico-lexical desses predicados.

Ao associarem a teoria de decomposição de predicados a tipos básicos de eventos, percebemos que as autoras avançam ao apresentarem uma nova perspectiva para o problema da alternância, pois explicitam, por meio dos predicados primitivos CAUSE e BECOME e da constante <STATE>, que mecanismos operam na decomposição de predicados e,

especificamente, na alternância causativa. Ressalte-se que, em Levin e Rappaport-Hovav (2005), a representação semântico-lexical é considerada como estrutura de evento e a constante passa a ser identificada com a raiz do predicado lexicalizado.

Segundo as autoras, os operadores CAUSE e BECOME, na estrutura de evento, limitam papéis semânticos no sentido de dar uma visão global da representação semântico-lexical, bem como de identificar as propriedades comuns a várias instanciações dessas representações. Desse modo, elas sugerem que a explicação para a alternância tem relação com a raiz dos verbos, uma vez que na representação semântico-lexical os modelos são instanciados de acordo com o significado de cada verbo. Por exemplo, o verbo não alternante *hit*, diferentemente do verbo alternante *break* – de raiz <STATE> (cf. (22)), apresenta raiz <PLACE> (cf. (21)), o que indica que a distinção entre a representação das duas classes de verbos está na natureza da raiz desses verbos que apresenta distintos resultados – de mudança de estado para o verbo *break* e de contato para o verbo *hit* (Levin; Rappaport-Hovav, 2005, p. 72):

(21) [[x ACT] CAUSE [y BECOME IN <PLACE>]]

(22) [[x ACT] CAUSE [y BECOME <BROKEN>]]

Em trabalhos posteriores, as autoras refinam a proposta da raiz, ao investigarem que papel esse elemento idiossincrático do verbo desempenha na alternância causativa.

Ao defenderem que a natureza da raiz do verbo determina a alternância, Levin e Rappaport-Hovav (2010) explicitam que há distribuição complementar entre verbos de maneira, como *sorrir*, e verbos de resultado, como *quebrar*, no que diz respeito à raiz. As autoras pressupõem que os primeiros, classificados como eventos simples e não alternantes, lexicalizam o modo de realizar uma ação, enquanto os últimos, formados por eventos complexos e alternantes, codificam um estado resultante, o que corresponde respectivamente às representações semântico-lexicais em (23):

(23) a. [ x ACT<MANNER> ]

b. [[x ACT ] CAUSE [ y BECOME <RESULT-STATE>]]

(Levin; Rappaport-Hovav, 2010, p. 4)

Ao adotarem a distinção entre componentes estruturais – predicados primitivos – e componente idiossincrático – a raiz –, as autoras sugerem para essa categoria ontológica um grupo fixo de tipos que incluem *state*, *result*, *thing*, *stuff*, *place*, *manner* e *instrument*. Em (23a) a raiz pode ter tipo ontológico único, como <MANNER>, mas também pode ser que tenha mais de dois tipos, como <RESULT-STATE>, em (23b).<sup>6</sup>

Sob essa perspectiva, descrevem regras de realização lexical, como as de (24)-(28), que mostram as possíveis instanciações da decomposição de eventos, conforme demonstrado a seguir (Levin; Rappaport-Hovav, 2010, p. 4):

(24) manner [x ACT<MANNER>]

(ex: *jog*, *run*, *creak*, *whistle*, . . .)

(25) instrument [x ACT<INSTRUMENT>]

(ex: *brush*, *hammer*, *saw*, *shovel*, . . .)

(26) container [x CAUSE [y BECOME AT <CONTAINER> ]]

(ex: *bag*, *box*, *cage*, *crate*, *garage*, *pocket*, . . .)

(27) internally caused state [ x <STATE> ]

(ex: *bloom*, *blossom*, *decay*, *flower*, *rot*, *rust*, *sprout*, . . .)

(28) externally caused [[ x ACT ] CAUSE [ y BECOME <RESULT-STATE> ]]

(ex: *break*, *dry*, *harden*, *melt*, *open*, . . .)

Nos esquemas de evento acima, as raízes se integram na estrutura de evento, como modificadores em (24) e (25), ou como argumentos em (26)-(28). Em outras palavras, as autoras assumem que há restrições para a lexicalização, as quais dizem que a raiz só pode ser associada a um predicado primitivo no esquema de evento, como argumento ou como modificador, conforme indicado nos exemplos (24)-(28). As autoras assumem que raiz de maneira modifica o predicado ACT e a raiz de resultado é o argumento do predicado BECOME.

---

<sup>6</sup> Consoante a proposta das autoras, a restrição para a lexicalização assegura que a raiz tenha somente uma categoria ontológica, o que significa que somente os tipos ontológicos STATE e RESULT podem-se combinar, pois se trata de apenas um significado, o estado resultante do evento.

Dado que verbos de maneira e de resultado são verbos dinâmicos e que essa característica remete a verbos de mudança de estado, as autoras postulam que há dois tipos de mudança lexicalizada pelos verbos, a saber, a mudança escalar e a mudança não escalar.

A mudança escalar está associada a verbos que lexicalizam resultado, a qual pode ser aferida em graus, pontos e intervalos de eventos que indicam medidas ou valores. Levin e Rappaport-Hovav (2010) assumem que essas mudanças são especificadas por verbos de mudança de estado e verbos de movimento dirigido.

Para ilustrar a mudança de escala em verbos de mudança de estado, argumentam que há verbos de resultado que lexicalizam vários pontos na escala, os quais podem estar associados a uma dimensão de temperatura, como os verbos *warm* ‘esquentar’ e *cool* ‘esfriar’. Há também verbos que lexicalizam escala com apenas dois pontos, como *burst* ‘explodir’ – o ponto antes de explodir e o ponto depois da explosão, conforme a seguir:

(29) The pipe burst at 6:00 am. (Levin; Rappaport-Hovav, 2010, p. 11)

Por sua vez, verbos de movimento dirigido especificam movimento ao longo de um caminho (*PATH*), ou seja, denotam direção lexicalmente especificada por uma preposição, como *arrive* ‘chegar’, em *We will arrive in two minutes* ‘Nós chegaremos em dois minutos’.

Já verbos de maneira, como *walk* ‘caminhar’, não denotam mudança escalar, visto que se reportam a eventualidade do tipo de Atividades. Diferentemente de verbos de mudança escalar, que se pautam em uma mudança de um conjunto ordenado de valores de um atributo singular, os verbos de mudança não escalar envolvem mudanças mais complexas, as quais não necessitam ser específicas sobre o tipo de mudança que envolvem. Com base na proposta de distribuição complementar entre resultado e maneira, as autoras sustentam que verbos de resultado, que denotam uma mudança escalar composta por verbos de mudança de estado e por verbos de movimento dirigido, não lexicalizam maneira.

Levin e Rappaport-Hovav (2010) observam que a proposta de que verbos de maneira e verbos de resultado estão em distribuição complementar não se sustenta para alguns verbos que parecem lexicalizar maneira e resultado. No caso de verbos que não participam da alternância, os verbos que lexicalizam maneira, como *climb* ‘escalar’, parecem lexicalizar tanto maneira como direção, como em *Kelly climbed the tree* ‘Kelly escalou a árvore’. Do mesmo modo, o verbo *cut* ‘cortar’ lexicaliza maneira pelo fato de ocorrer na construção conativa e de não participar da alternância causativa, como em (30), mas parece poder lexicalizar resultado, como em (31) – cf. Levin e Rappaport-Hovav (2010, p. 16):

- (30) a. She got the blade pulled out and started cutting at the tape on Alex.  
 b. \*The bread cut.

- (31) Dana cut the rope, but it stayed in one piece.

As autoras não consideram esses dados como contraexemplos à proposta de que verbos de maneira e verbos de resultado estão em distribuição complementar, pois sustentam que essa lexicalização não deve ocorrer ao mesmo tempo. Segundo elas, primeiro há a lexicalização do verbo de maneira e depois de resultado ou vice-versa.

Assim, a raiz é o elemento que distingue uma classe de verbo de outra. Em outras palavras, esse elemento idiossincrático parece ser relevante para explicar a alternância, uma vez que a distinção entre os verbos que alternam e os que não alternam é decorrente dos seus significados lexicais.

## **1.2 Propostas de análise da alternância causativa para o português**

### **1.2.1 Souza (1999)**

Souza (1999) adota como referencial teórico a proposta de léxico gerativo de Pustejovsky (1995) e, para as restrições semânticas em relação à alternância causativa, o trabalho de Levin e Rappaport-Hovav (1995). Esses autores têm em comum o fato de proporem uma análise bieventual dos eventos causativos, mas com focos e implementações distintos. No que concerne à proposta da bieventualidade, a literatura prevê que os predicados causativos são constituídos por dois subeventos: o subevento causador e o subevento causado. Esses subeventos, na visão de Levin e Rappaport-Hovav (1995), são representados, na estrutura léxico-conceitual dos verbos, em termos dos operadores CAUSE e BECOME; por sua vez, Pustejovsky (1995) ressalta que se trata de eventos subsequentes, ou seja, os subeventos são ordenados de modo que o primeiro subevento precede o segundo subevento.

Souza (1999), em referência a Pustejovsky (1995), mostra que, em relação aos subeventos causador e causado, deve ser considerada a perspectiva do evento, de modo que, se a perspectiva for para o segundo subevento, o predicado tem a forma incoativa e, se a perspectiva for para o primeiro subevento, o predicado tem a forma transitiva de interpretação

causativa. Isso pode ser exemplificado, segundo o autor, com o par *matar/morrer*, no qual se tem a interpretação bieventual para o evento de *matar*, como em *João matou Caim*, e a interpretação monoeventual para o evento de *morrer*, como em *Caim morreu*. De acordo com Souza (1999), verbos de transição (cf. Pustejovsky, 1995), em regra, sempre admitem a alternância; contudo, fatores como o conhecimento de mundo refletido no tipo de causação – externa ou interna – podem bloquear a alternância. Desse modo, o par *matar/morrer* deveria admitir a alternância, pois a morte pode resultar tanto de uma causa interna quanto de uma causa externa. Contudo, o autor ressalta que o verbo *matar* ocorre somente na forma transitiva e o verbo *morrer* somente na forma intransitiva, o que indica que esses verbos são especificados no léxico com um núcleo no subevento de causa, no caso do verbo *matar*, e com um núcleo no subevento do causado, no caso do verbo *morrer*.

Souza (1999) propõe três condições para o verbo alternar: possuir sentido causativo não estritamente agentivo, ter argumento afetado e ser passível de reconstrução metonímica.

Em relação à primeira condição, o autor amplia a proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995) sobre a propriedade causação e sugere que os eventos estão associados a três tipos de causa: causa interna, causa estritamente externa, em que há acarretamento de agentividade ao causador, e causa potencialmente externa, em que não há acarretamento de agentividade ao causador, como ilustrado nos exemplos de Souza (1999, p. 95):

- (32) a. As violetas já floriram. [verbos causados internamente]  
 b.\* Minha mãe já floriu as violetas.
- (33) a. O pistoleiro assassinou Martin Luther King. [causa estritamente externa]  
 b.\* A bala assassinou Martin Luther King.  
 c.\* Martin Luther King assassinou.
- (34) a. O rapaz assou o bolo. [causa potencialmente externa]  
 b. O forno assou o bolo.  
 c. O bolo assou.

Os eventos de causa interna, segundo Souza (1999): (i) podem ser causados pelo próprio argumento, como *caminhar*; (ii) podem ser causados por processos corporais involuntários, como *espirrar*; e (iii) podem ser causados por processos involuntários, como *florir*. Esses verbos não alternam.

Nos eventos de causa estritamente externa, como *assassinar*, a causa é representada pela pessoa que executa a ação. Nesse tipo de evento não se admite a alternância, pois a mudança de propriedade ocorrida não está no argumento interno em si, mas na entidade que sofre a alteração em função do evento. Por outro lado, os eventos de causa potencialmente externa, como *assar*, caracterizam-se por denotarem alteração nas propriedades do argumento interno.

Para eventos de causa potencialmente externa, que admitem a alternância, Souza (1999) assume que a causa externa é relevante para alguns eventos, como *assar*, em (34), mas não para todos. No caso de *assar*, a entidade que sofre a mudança não pode ser responsável pela própria causa do evento; por outro lado, para eventos como *abrir*, Souza (1999, p. 96) afirma que não necessariamente se atribui a mudança de estado a uma causa externa de maneira que, em (35) e (36), a porta pode ser aberta por si só ou por qualquer outro motivo, inclusive por ação de um agente:

- (35) a. A moça abriu a porta.  
       b. A porta (se) abriu.
- (36) a. Eu empurrei a porta e a porta abriu.  
       b. Eu fechei a porta, mas a porta abriu.

Em suma, *abrir* alterna porque não depende da ação de um agente, sendo esse evento conceptualizado como espontâneo, autônomo, ou resultante de influência de uma causa externa. Diferentemente de *assassinar*, que depende de uma causa externa (agente) para a realização do evento, ou seja, trata-se de um verbo estritamente causativo, o que, segundo as condições postuladas pelo autor, impede a alternância.

Quanto à segunda condição para o verbo alternar – afetação do argumento, Souza (1999) afirma que, em eventos causativos, a propriedade de afetação denota alteração de uma propriedade de uma entidade, sendo, portanto, analisável por meio dos operadores CAUSE e BECOME. Consoante o autor, o argumento que ocorre no subevento CAUSE é causador e o argumento que ocorre no subevento BECOME, o afetado.

A última condição para o verbo alternar – a reconstrução metonímica (RM), proposta por Pustejovsky (1995), diz respeito ao “processo que faz com que, na interpretação, passemos de entidades a eventos” (Souza, 1999, p. 109). Esse processo pode ocorrer com verbos causativos a partir de argumentos de agente, instrumento ou causa. Sob essa



perspectiva, o desencadeador da reconstrução metonímica em verbos causativos alternantes como *abrir* é subespecificado. Souza (1999) observa que a proposta de subespecificação de van Voorst (1995 *apud* Souza, 1999) prediz que a alternância está condicionada à possibilidade de mais autonomia do iniciador no desenrolar do evento. Essa subespecificação pode ser verificada a partir do agente, em (37a), do instrumento, em (37b), e de uma causa natural, em (37c):

- (37) a. Eu abri a porta com a chave.  
 b. A chave abriu a porta.  
 c. O vento abriu a porta.

(Souza, 1999, p. 110)

Já (38) contrasta com (37) em relação à não ocorrência da alternância, uma vez que o verbo *assassinar* só admite a reconstrução metonímica do evento causador com base no agente:

- (38) O terrorista assassinou Gandhi.  
 # A bala/O revólver assassinou Gandhi. [RM a partir do instrumento]  
 # A questão religiosa assassinou Gandhi. [RM a partir da causa/motivação]  
 # O mau tempo assassinou Gandhi. [RM a partir da causa natural]

(Souza, 1999, p. 111)

Por fim, à semelhança do que propõe Pustejovsky (1995), Souza (1999) considera que verbos que denotam afetação, os quais se referem à mudança de estado ou de localização, têm como paradigma causativo *default* admitirem a alternância. Para Souza (1999), a proposta do paradigma causativo *default* prediz que, na falta de especificação desses verbos, ocorre a alternância. Aproximam-se desse *default* os verbos que alternam nas formas transitiva, reflexiva e intransitiva (TRI), como o verbo *fechar* em *A menina fechou a janela/A janela fechou/A janela se fechou*, ao passo que se afastam desse *default* os verbos que alternam nas formas transitiva e intransitiva (TI), como o verbo *diminuir* em *A frente fria diminuiu a temperatura/A temperatura diminuiu/\*A temperatura se diminuiu*, e verbos que alternam nas formas transitiva e reflexiva (TR), como o verbo *apavorar* em *Os gritos apavoraram a molecada/\*A molecada apavorou/ A molecada se apavorou*.

Em síntese, Souza (1999), ao examinar a influência que a semântica exerce sobre a alternância causativa, propõe algumas condições para um verbo alternar, as quais estão relacionadas ao verbo possuir sentido não estritamente agentivo, ter argumento afetado, e ser passível de reconstrução metonímica. Para a primeira condição, o autor modifica a proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995), sugerindo uma tripartição da causa em eventos de causa interna, de causa estritamente externa e de causa potencialmente externa. Em relação a essa última causa, Souza (1999) diverge da análise de Levin e Rappaport-Hovav (1995) que propõem a dependência de causa externa na conceptualização de eventos alternantes. Para o autor, em eventos como *quebrar*, ocorre a alternância porque esse verbo não lexicaliza um agente na posição de sujeito. Além disso, trata-se de um evento que pode ser conceptualizado como autônomo, espontâneo ou decorrente de uma causa externa. Para a segunda condição, o autor relaciona a propriedade afetação ao operador BECOME. Em outras palavras, utilizando-se da proposta de bieventualidade (cf. Levin e Rappaport-Hovav, 1995), o autor propõe que o argumento que ocorre no subevento CAUSE é causador e o argumento que ocorre no subevento BECOME, o argumento afetado. A última condição para verbo alternar é a de que na reconstrução metonímica deve haver subespecificação para agente, instrumento ou causa.

### 1.2.2 Ciríaco (2007)

Ciríaco (2007) considera relevantes para a alternância causativo-ergativa os papéis temáticos dos argumentos dos predicados, na medida em que, sob o ponto de vista semântico, a estrutura argumental do predicado é organizada com base na perspectiva do papel temático do argumento afetado ou paciente. A autora utiliza o termo “causativo-ergativo” para se referir a predicados que se apresentam na forma transitiva (causativa) e na forma intransitiva (ergativa). Na literatura, o termo “ergativo” também é encontrado como “incoativo” ou “inacusativo”.

Para o desenvolvimento da pesquisa, Ciríaco (2007) reformula as restrições postuladas por Whitaker-Franchi (1989) para a alternância causativa, adotando como referencial teórico a proposta de papéis temáticos de Cançado (2003, 2005).

Cançado (2003, 2005), com base em Dowty (1991), define papel temático como um conjunto de propriedades semânticas derivadas de acarretamentos estabelecidos entre os itens lexicais. Entende-se por acarretamento qualquer propriedade semântica que pode ser inferida sobre um item lexical (cf. Dowty, 1991). Por exemplo, na expressão *João quebrou o vaso com o martelo*, Cançado assume que o papel temático *João* remete a um grupo de

propriedades: ter controle sobre o desencadeamento do processo, ter intenção, usar instrumento para essa ação. Sob essa perspectiva, a autora propõe reduzir papéis semânticos a quatro propriedades discretas: desencadeador, afetado, estado e controle.

O desencadeador, que se relaciona a ações/causações, diz respeito a uma dada proposição que acarreta ao argumento ter papel no desencadeamento do processo; o afetado, que ocorre em eventos de processo, abrange mudança de um estado A para um estado B, o que pode ser decorrente de deslocamento de posse, de mudança de estado psicológico ou de mudança de estado físico; o estativo, que diz respeito a estados, indica a não alteração na propriedade do argumento em um dado intervalo; e o controle é definido como a capacidade de interromper uma ação ou um processo, podendo ser associado à animacidade.

Na proposta de Cançado, a propriedade controle pode ser associada à propriedade de desencadeador – desencadeador com controle (D/C), como em *João escreveu uma carta* – à propriedade de ser afetado – afetado com controle (A/C), como em *Maria recebeu uma herança* – e à propriedade estado – estado com controle (E/C), como em *João mora em BH*.

Ainda sobre o controle, Cançado esclarece que, para alguns verbos, a atribuição dessa propriedade depende da composicionalidade do predicador com outros argumentos ou com o adjunto. Por exemplo, em *Maria matou a galinha com a faca afiada*, a propriedade controle só é atribuída com a inserção do adjunto *com a faca afiada*. Logo, nessa expressão é possível atribuir a propriedade de desencadeador com controle do processo de matar ao argumento *Maria* e a de afetado pelo processo ao argumento a *galinha*, o que resulta na seguinte rede temática MATAR: V, {D,(C),A}.

Com base no trabalho de Cançado, Ciríaco (2007) faz análise da classificação dos verbos em relação a sua transitividade, bem como examina os processos sintáticos envolvidos na alternância. Nesse sentido, ao assumir que há uma forma básica dos verbos e que a outra forma é licenciada por propriedades semântico-lexicais, a autora não postula duas entradas lexicais para o verbo, ou seja, uma transitiva e outra intransitiva. Nas palavras de Ciríaco (2007, p. 47), seria mais econômico pensar na existência de uma forma básica e em restrições semântico-lexicais que permitem a outra forma. Nesse sentido, a autora considera ser razoável postular que existem verbos basicamente transitivos que se tornam intransitivos e vice-versa.

Ciríaco (2007) desenvolve a hipótese de que a alternância resulta de dois processos: o de ergativização e o de causativização. O primeiro ocorre com verbos basicamente causativo-transitivos. Nesse processo sintático, o argumento interno é alçado à posição de sujeito, e o argumento externo desencadeador pode ser apagado ou deslocado para a posição de adjunção, como no exemplo, *João quebrou o vaso/O vaso quebrou*. Já no processo de causativização há

inserção de um argumento desencadeador à estrutura argumental de um verbo basicamente intransitivo, como em *A chave sumiu/João sumiu a chave*. Desse modo, o verbo causativo *quebrar* é um verbo basicamente transitivo, visto que, independente do contexto, tem como acarretamento lexical um desencadeador do processo, e essa propriedade pode ser inferida tanto na estrutura transitiva quanto na intransitiva. Por outro lado, o verbo *sumir* é um verbo basicamente intransitivo porque não acarreta a propriedade de desencadeador.

Ciríaco (2007) delimita seu objeto de pesquisa apenas ao processo de ergativização. Sob essa perspectiva, parte do pressuposto de que há condições semântico-lexicais que licenciam a construção ergativa para alguns verbos e para outros não. Assim, apresenta as restrições para a alternância propostas por Whitaker-Franchi (1989), para em seguida reformulá-las. No trabalho de Whitaker-Franchi (1989) são propostas duas restrições para a alternância: a primeira é a exigência de que o argumento interno de um verbo precisa receber papel temático de paciente ou afetado para participar da alternância; a segunda prediz que verbos que requerem um agente na posição de sujeito na forma causativa não participam da alternância.

Com base nessas restrições, Ciríaco (2007) sugere mais restrições para a construção ergativa: (i) ter a forma transitiva  $xVy$ , sendo  $y$  um DP; (ii) ter a forma transitiva  $xVy$ , e acarretando a  $x$  a propriedade de desencadeador do processo e a  $y$  a propriedade de afetado; (iii) ter a forma transitiva  $xVy$ , contudo, o verbo não deve acarretar controle sobre o processo, ou seja, nos termos de Whitaker-Franchi (1989), não deve ser verbo estritamente agentivo. Em suma, Ciríaco (2007) propõe que um verbo alternante deve ter as seguintes redes temáticas: {D; A} (desencadeador; afetado) ou {D(C); A} (desencadeador, com opcionalidade para o controle).

A autora observa que o verbo *quebrar* atende a essas restrições, pois, na forma transitiva  $xVy$ , ao argumento  $x$  é acarretada a propriedade de desencadeador no processo e a  $y$  a propriedade de afetado. No que se refere à propriedade controle, ela é opcional, pois *quebrar* pode não acarretar a  $x$  a propriedade de ter controle, como na expressão *João quebrou o vaso com o empurrão que levou*. Por outro lado, esse verbo pode ser compatível com controle quando essa propriedade é acarretada composicionalmente, como em *João quebrou o vaso intencionalmente/\*O vaso quebrou intencionalmente*. Entretanto, Ciríaco (2007, p.72) observa que há verbos que atendem a todas as restrições, mas não alternam, por exemplo, o verbo *carregar*:

(39) a. João carregou a mala.

b.\*A mala carregou.

Desse modo, a autora acredita que o verbo *carregar* não aceita a ergativização pelo fato de ele não permitir que o argumento *João* tenha um papel no desenrolar do processo de forma mediada, como na expressão *\*João carregou a mala com o impulso que levou*.

Ciríaco (2007) observa ainda que a alternância não é possível para esse tipo de verbo, mesmo quando o acarretamento de controle ocorre com um sujeito inanimado, como em *O vento carregou as folhas/\*As folhas carregaram*. Segundo ela, esse dado mostra que pode haver uma restrição mais geral para o processo de ergativização. Assim, com base na proposta de Cançado (2000 *apud* Ciríaco, 2007) de causa direta e indireta, propõe uma abordagem mais refinada para explicar a alternância: as propriedades desencadeador direto e desencadeador indireto. Conforme depreendido em (40), o argumento *João* apresenta a propriedade de ser desencadeador direto no processo de *quebrar*, enquanto em (41) essa mesma condição não é dada a João, pois, de acordo com Ciríaco (2007), o evento de quebrar é intermediado por um evento anterior – o desencadeador indireto, sendo possível a paráfrase, *O empurrão que João levou quebrou o vaso*. Logo, a autora conclui que verbos do tipo *quebrar* são compatíveis tanto com a propriedade desencadeador direto quanto com a propriedade de desencadeador indireto:

(40) João quebrou o vaso com um martelo.

(41) João quebrou o vaso com o empurrão que levou.

(Ciríaco, 2007, p. 77)

A partir da proposta de desencadeador direto e de desencadeador indireto, Ciríaco (2007) apresenta mais restrições para o processo de ergativização. A primeira prediz que verbos causativos que aceitam o processo de ergativização são compatíveis com as propriedades de desencadeador indireto e afetado, {D (indireto); A}:

(42) a. O empurrão que João levou entornou vinho na mesa.

b. O vinho entornou.

(Ciríaco, 2007, p. 77)

Dado que a autora considera que a propriedade relevante para explicar a alternância é a de desencadeador indireto e que verbos como *quebrar* apresentam a possibilidade de alternar tanto com a propriedade de desencadeador direto quanto com a de desencadeador indireto, a autora reformula a rede temática para {D/(C)/(indireto); A}, a qual determina que o controle é uma propriedade compatível com um desencadeador direto, como em (43b), mas não com um desencadeador indireto, como em (43a), conforme ilustrado abaixo:

- (43) a. O empurrão que João levou entornou vinho na mesa.  
 b. O João entornou o vinho de propósito.  
 c. O vinho entornou.

(Ciríaco, 2007, p. 78)

Por fim, a autora aponta que há verbos não compatíveis com as propriedades de um desencadeador indireto, pois permitem apenas a propriedade desencadeador direto em sua estrutura argumental, como os denominados por ela verbos ‘estritamente diretos’, cuja rede temática é {D/(C)/direto; A}:

- (44) a. \*O empurrão que João levou carregou a mala.  
 b. \*A mala carregou.

(Ciríaco, 2007, p. 79)

Considerando as restrições elencadas, a autora observa que, para passar pelo processo de ergativização, é necessário que o verbo seja compatível também com as propriedades de um desencadeador indireto. Nesse sentido, assume que seres animados, instrumentos e forças naturais, como em (45), são desencadeadores diretos, e eventos e qualidades, como em (46), são desencadeadores indiretos:

- (45) a. João/A bola /O vento quebrou o vaso.  
 b. O vaso quebrou.
- (46) a. O empurrão que João levou quebrou o vaso.  
 b. O vaso quebrou.

(Ciríaco, 2007, p. 79)

De acordo com a autora, dependendo do significado do verbo, pode haver ou não a construção ergativa. Por exemplo, o verbo *carregar*, como tratado anteriormente, não é compatível com a propriedade desencadeador indireto, portanto, não aceita a ergativização. Contudo, se esse verbo tiver o sentido de ‘dar carga’ passa a ser compatível com essa propriedade, o que permite a ergativização:

- (47) a. João carregou os aparelhos eletrônicos.  
 b. A chegada da energia carregou os aparelhos eletrônicos.  
 c. Os aparelhos eletrônicos carregaram.

(Ciríaco, 2007, p. 79)

Resumidamente, Ciríaco (2007) postula que a propriedade desencadeador do processo é relevante para a noção sintática de transitividade, de modo que o verbo causativo basicamente transitivo ( $xVy$ ) possui o acarretamento lexical de desencadeador do processo para um de seus argumentos e um verbo causativo que não possui o acarretamento lexical de desencadeador é um verbo basicamente intransitivo ( $xV$ ), de tipo inacusativo. Para estabelecer a transitividade do verbo, a autora admite dois processos sintáticos: a causativização e a ergativização, o primeiro ocorre com verbos basicamente intransitivos da forma  $xV$  (verbo *sumir*); o segundo ocorre com verbos basicamente transitivos  $xVy$  (verbo *quebrar*).

Ciríaco (2007) descreve os processos que originam as alternâncias sintáticas no intuito de investigar como as propriedades semântico-lexicais estão correlacionadas à estrutura sintática e, para o processo de ergativização, propõe reformular a proposta de Whitaker-Franchi (1989). Nesse contexto, propõe explicar a alternância com base nas propriedades desencadeador direto e desencadeador indireto. Apresenta a rede temática {D (indireto); A}, a qual prediz que, para passar pelo processo de ergativização, o verbo deve ser compatível com a propriedade de desencadeador indireto e ser afetado; contudo, constata que o verbo *quebrar*, além de apresentar a propriedade de desencadeador indireto também apresenta a propriedade de desencadeador direto. Nesse sentido, reformula a rede temática para {D/(C)/(indireto);A} e propõe a rede temática {D/(C)/direto, A} para verbos de tipo *carregar*, que não alternam. Para finalizar, a autora assume que seres animados, instrumentos e forças naturais são desencadeadores diretos e que eventos e qualidades são desencadeadores indiretos.

### 1.2.3 Cançado e Godoy (2010)

Cançado e Godoy (2010) apresentam uma proposta de representação semântico-lexical de itens predicadores, a qual consiste nos níveis sintático-lexical, conforme proposto por Hale e Keyser (1993, 2002), e semântico-lexical, sob a forma de decomposição de predicados, como proposto por Levin e Rappaport-Hovav (1995, 1998, 1999, entre outros). De um lado, o nível semântico-lexical organiza e caracteriza semanticamente as classes verbais e, de outro lado, o nível sintático-lexical supõe as possíveis configurações sintáticas e as alternâncias argumentais dessas classes. Para as autoras, o que relaciona esses dois níveis é a raiz, pois no nível sintático-lexical, a raiz é o elemento que faz parte de uma categoria gramatical e no nível semântico-lexical, esse elemento implica uma categoria ontológica. Neste Capítulo, nós nos restringimos à proposta semântica desenvolvida pelas autoras, pois essa proposta dialoga com o trabalho de Levin e Rappaport-Hovav.

Para a proposta semântica, Cançado e Godoy (2010) propõem apresentar um refinamento da proposta de Levin e Rappaport-Hovav de verbos que codificam na raiz um resultado, propondo que verbos que apresentam diferentes tipos de resultados podem ser classificados entre os que denotam uma mudança de estado e verbos que denotam uma ação.

Para os verbos alternantes de mudança de estado como *quebrar*, *preocupar* e *amadurecer*, as autoras propõem uma subclassificação semântica em verbos causativos/agentivos, verbos estritamente causativos e verbos incoativos, respectivamente.

Em relação a verbos causativos/agentivos como *quebrar*, as autoras modificam a representação semântico-lexical de Levin e Rappaport-Hovav (2005), em (48), para proporem uma estrutura em que é possível marcar a opcionalidade para o agente. Assim, apresentam o predicado ACT entre parênteses, como em (49):

(48) v:[X ACT ] CAUSE [Y BECOME<STATE>]] (Cançado e Godoy, 2010, p. 4)

(49) v:[X (ACT) ] CAUSE [Y BECOME<QUEBRADO>]]  
(Cançado e Godoy, 2010, p. 5)

Na estrutura em (49), o participante X é uma força externa que pode ser agente, instrumento ou mesmo uma eventualidade, como em *João quebrou o vaso*, em que X apresenta interpretação ambígua entre Agente e eventualidade. Segundo elas, a interpretação agentiva depende da composicionalidade do sujeito com um modificador que expresse volição, como



em *João quebrou o vaso deliberadamente*. Para as autoras, essa distinção semântica na posição de sujeito interfere na projeção da estrutura sintático-lexical dos verbos, pois verbos que acarretam um Agente lexicalmente não participam da alternância.

A segunda subclassificação de verbos de mudança de estado – denominada verbos estritamente causativos – é representada pelo verbo *preocupar*, conforme indicado na estrutura em (50a). Essa estrutura compreende o participante X interpretado como uma causa não especificada; além disso, ela difere da dos verbos causativos/agentivos pelo fato de verbos do tipo *preocupar* não terem interpretação agentiva, o que justifica a sua não vinculação com o predicado primitivo ACT. Uma evidência para a interpretação não agentiva é o fato de verbos desse tipo não aceitarem instrumento, como em (50b):

(50) a. preocupar: [[X ] CAUSE[BECOME<PREOCUPADO>]].

b. \*A filha preocupou a mãe com uma faca.

(Cançado e Godoy, 2010, p. 7)

Quanto à última subclasse de verbos de mudança de estado, os denominados verbos incoativos, como *amadurecer*, Cançado e Godoy (2010), com base na proposta de Cançado e Amaral (2010), propõem a representação para esse tipo de verbo, como em (51). Nessa representação, o argumento X e o predicado primitivo CAUSE são representados entre parênteses para marcar opcionalidade, indicando que a mudança de estado está relacionada à causa. Essa estrutura indica uma eventualidade que pode ser acrescentada ao verbo por um processo de causativização:<sup>7</sup>

(51) amadurecer: ([X ] CAUSE)[BECOME<MADURO>]]

Cançado e Godoy (2010, p. 11)

As autoras observam que, embora essa classe de verbos seja semelhante à classe de verbos como *quebrar* por denotar mudança de estado e por aparecer tanto na forma transitivo-causativa quanto na forma intransitivo-incoativa, há distinções semânticas e morfossintáticas em relação a esses verbos – para manter o foco do nosso trabalho, apresentamos apenas as distinções de natureza semântica. As autoras se apoiam na proposta de Cançado e Amaral (2010), segundo a qual a distinção semântica entre verbos causativos do tipo *amadurecer* e

<sup>7</sup> Segundo as autoras, o processo de causativização consiste na possibilidade de inserção de uma causa, o que significa que essa causa não é inerente ao verbo.

verbos do tipo *quebrar* se deve ao fato de o processo ocorrer internamente para o primeiro verbo e externamente para o segundo, semelhantemente à proposta de Levin e Rappaport-Hovav (1995) de eventualidades causadas internamente e eventualidades causadas externamente. Assim como no caso de verbos de tipo *preocupar*, as autoras classificam os verbos incoativos do tipo *amadurecer* em verbos estritamente causativos, ou seja, são verbos que não admitem um agente na posição de sujeito:

(52) \*A empregada amadureceu a banana com o forno.

(Cançado e Godoy, 2010, p. 9)

Para a segunda classe de verbos de resultado, denominados verbos de ação, constituída pelos verbos *location* (locação), e *locatum* (localização), as autoras fazem a seguinte observação: (i) são verbos estritamente agentivos, pois têm um agente implícito; (ii) são verbos que têm uma estrutura complexa composta por dois subventos de causação: um subvento de ação e um subvento de resultado. Essa classe de verbos não participa da alternância causativa. Cançado e Godoy (2010) apresentam distinções semânticas que podem ser captadas por meio da decomposição de predicados na representação em (53) para verbos *location* (localização), como em *João hospitalizou a Maria*, que possuem raiz PLACE (*no hospital*) e, em (54), para verbos *locatum* (locação), como em *O João amanteigou o bolo*, de raiz THING (*com manteiga*):

(53) *hospitalizar*: [[X ACT ] CAUSE[Y BECOME[IN<HOSPITAL>]]]

(54) *amanteigar*: [[X ACT ] CAUSE [Y BECOME[WHITH<MANTEIGA>]]]

(Cançado e Godoy, 2010, p. 10)

Em síntese, a proposta das autoras envolve a natureza semântica das classes verbais de verbos de mudança de estado e verbos de ação, especificamente no que diz respeito à representação da raiz desses verbos. A primeira classe menciona verbos alternantes compostos por verbos causativos/agentivos (*quebrar*), verbos estritamente causativos (*preocupar*) e verbos incoativos (*amadurecer*). Embora essas classes de verbos possuam o mesmo tipo de raiz, cada uma delas tem uma representação semântico-lexical distinta no que se refere ao participante X: a primeira apresenta opcionalidade para o predicado ACT; a segunda não possui esse predicado primitivo, uma vez que o elemento X é interpretado como

uma causa; a terceira denota um verbo causado internamente (cf. Levin e Rappaport-Hovav, 1995), o que significa que, para esses verbos, não se admite um agente na posição de sujeito da representação semântico-lexical deles.

Para a classe de verbos de ação, *location e locatum*, as autoras justificam a não alternância pelo fato de serem verbos estritamente agentivos e de apresentarem estrutura complexa com dois subeventos, um de ação e um de resultado, denotando modificação na raiz desses verbos.

### 1.3 Síntese do Capítulo

Neste capítulo, apresentamos algumas propostas de base semântica para explicar a alternância causativa. A principal delas, de Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005, 2010), aponta que aspectos da estrutura de evento são relevantes no licenciamento da alternância causativa. As autoras propõem a distinção entre eventualidades causadas externamente e eventualidades causadas internamente e verbos de existência e de aparecimento como uma forma de explicar por que alguns verbos alternam e outros não. Na proposta das autoras, os predicados alternantes dizem respeito àqueles que denotam eventualidades causadas externamente. Verbos causados externamente implicam uma causa externa com controle imediato sobre o evento descrito pelo verbo, sendo esse controle realizado por algo ou alguém exterior ao evento, como um Agente, Causador ou Instrumento. Na concepção das autoras, o que distingue um predicado que alterna de outro que não alterna tem relação com a causa externa ser um agente ou não. Isto é, se a descrição do evento envolver uma causa externa sem intervenção direta de um agente volitivo, o verbo alterna; do contrário, o verbo não alterna. Desse modo, é condição essencial para a alternância o fato de a natureza do subevento causador não ser lexicalmente especificada, o que remete à possibilidade de vinculação lexical de causa externa na estrutura do evento de verbos inacusativos. Os predicados não alternantes compõem a classe de verbos que denotam eventualidades causadas internamente e a de verbos de existência, de aparecimento e de desaparecimento.

As autoras se utilizam da teoria da decomposição de predicados formada pelos elementos primitivos CAUSE e BECOME e da raiz para representar os componentes de significado relevantes para a descrição dos predicados alternantes. Defendem que o tipo ontológico do verbo (raiz) desempenha papel relevante na alternância causativa, pois se integram na estrutura do evento, seja como modificador do evento, seja como argumento,

respectivamente para verbos de maneira, do tipo *run*, classificados como verbos não alternantes e para verbos de resultado, do tipo *break*, classificados como alternantes. A proposta da raiz dos verbos é importante para nossa pesquisa porque as autoras demonstram que verbos que codificam uma raiz de tipo ontológico STATE associada ao predicado primitivo BECOME alternam. Ademais, em relação à propriedade causa, as autoras limitam o fenômeno da alternância causativa ao mencionarem que o traço semântico de causa externa pode ser subespecificado.

Souza (1999) amplia a proposta de classificação de eventos de Levin e Rappaport-Hovav (1995) para eventos de causa interna, de causa estritamente externa (em que há acarretamento de agentividade do causador) e de causa potencialmente externa (em que não há acarretamento de agentividade do causador). Considera que eventos de causa externa e eventos de causa interna não alternam. Souza (1999) sugere que os predicados alternam devido às seguintes condições: (i) ter argumento afetado, ou seja, o predicado deve apresentar as propriedades causador e afetado, as quais são associadas aos operadores CAUSE e BECOME; e (ii) admitir a reconstrução metonímica, com base em uma grande variedade de argumentos como Agente, Instrumento e Causa.

O que muda na proposta de Souza em relação à proposta de Levin e Rappaport-Hovav é a maneira como esses eventos são conceptualizados. Percebemos na análise de Souza (1999) que, não obstante o autor considere a propriedade Afetação como uma importante justificativa para os verbos alternarem, ao se utilizar da reconstrução metonímica para sustentar sua proposta, o autor parece dar mais relevância para a interpretação do sujeito do que para o sintagma verbal, ou seja, para a relação do verbo com o seu complemento.<sup>8</sup>

Ciríaco (2007) considera que as funções semânticas estão relacionadas a papéis temáticos. Similarmente a Levin e Rappaport-Hovav (1995), a autora adota a hipótese de uma forma básica para a transitividade, mas, diferentemente delas, não assume que a sentença causativo-transitiva precede a sentença ergativa. Para a autora, a construção ergativa é derivada de propriedades semânticas do verbo, sendo projetada diretamente na sintaxe. Para explicar a alternância, Ciríaco (2007) adota a proposta de Cañado (2003, 2005) de reduzir os papéis temáticos às propriedades desencadeador, afetado, estado e controle, sendo essa última verificada composicionalmente. Sob essa perspectiva, propõe que verbos alternantes do tipo

---

<sup>8</sup> Para uma análise alternativa, que considera mais relevantes os traços do predicado [V+DP], ainda que não elimine os traços do DP sujeito, ver Naves (2005).

*quebrar* devem ser compatíveis com a propriedade de desencadeador indireto com opcionalidade para controle, os quais têm a representação temática {D/(C)/(indireto); A}.

Observamos na proposta de Cançado e Godoy (2010) um refinamento da proposta de Levin e Rappaport-Hovav em termos da subdivisão de verbos que denotam diferentes resultados. Em relação a verbos alternantes de mudança de estado, as autoras descrevem o mesmo tipo ontológico STATE, mas propõem diferentes notações para o predicado que contém o participante X. Em eventos causados externamente, como *quebrar*, o participante X se vincula o predicado ACT, marcado como opcional para o agente. Para verbos do tipo *preocupar*, denominados verbos estritamente causativos, o participante X é interpretado como causa. Por fim, para verbos causados internamente como *amadurecer*, as autoras se apoiam nos trabalhos de Cançado e Amaral (2010) e propõem marcar opcionalidade para o predicado CAUSE, no sentido de reforçar que a mudança de estado está vinculada a uma causa interna. Já em relação a verbos de ação que não alternam, os do tipo *location* (locação) e *locatum* (localização), a decomposição de predicados desses verbos difere apenas quanto à modificação da raiz de localização PLACE para os primeiros e de complemento THING para os últimos. Para esses verbos, o participante X está vinculado ao predicado ACT, sem a notação entre parênteses, o que significa que são predicados estritamente agentivos.

## CAPÍTULO 2

### Aspecto Lexical e Aspecto Gramatical

O estudo do aspecto verbal está diretamente relacionado à nossa investigação sobre o comportamento dos verbos na alternância causativa, especificamente na relação estabelecida entre esse fenômeno e as classes aspectuais a que pertencem esses verbos. Mira Mateus *et al* (1983, p. 125) apresentam a seguinte definição para Aspecto:

Aspecto é a categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural: (i) por seleção de um predicator pertencente a uma dada classe; (ii) por quantificação do intervalo do tempo em que o estado de coisas descrito está localizado, e/ou (iii) por referência à fronteira inicial ou final desse intervalo, ou a intervalos adjacentes.

Na concepção de Mira Mateus *et al*, os meios de expressão do aspecto em português envolvem processos lexicais e processos gramaticais. Os primeiros compreendem as classes aspectuais dos itens lexicais e a formação de palavras; os últimos, os processos gramaticais que envolvem as formas verbais, os verbos aspectuais e os advérbios. Com efeito, consideramos o aspecto verbal uma categoria linguística cuja expressão pode ser realizada lexicalmente, a partir da informação semântica do item lexical, e gramaticalmente, atentando-se para as flexões verbais e os modificadores na interpretação aspectual do predicado.

Neste Capítulo, apresentamos propostas de análise do aspecto lexical encontradas na literatura, as quais se reportam aos efeitos que os diferentes domínios – o lexical e o gramatical – têm sobre a leitura aspectual. Nas palavras de Pustejovsky e Tenny (2000), não está claro se há necessariamente dois sistemas distintos ou se eles fazem parte de um mesmo sistema que opera em diferentes níveis de composição. Apesar disso, cabe-nos justificar que é relevante para nossa pesquisa estabelecer a distinção entre essas duas instâncias, compreendendo a fronteira entre uma e outra, para então tratarmos combinação delas. Isso facilita a elaboração da nossa proposta sobre a interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical nos contextos de alternância causativa, a ser desenvolvida no Capítulo 3.

## 2.1 Aspecto lexical

Para os estudos sobre a categoria Aspecto, valemos-nos da noção de *Aktionsart*, na bibliografia alemã, que remete a modos de ação e fornece um importante aparato teórico para designar a natureza aspectual do predicado ou a sua duração interna na representação de evento ou estado de coisas. Sob essa perspectiva, o aspecto é tomado como uma propriedade semântica determinada pelo significado do verbo, ou pelo significado do verbo e por seus argumentos internos e adjuntos.<sup>9</sup>

### 2.1.1 As classes aspectuais de verbos

Vendler (1967), com referência à constituição aspectual dos verbos, realizou a tarefa de descrevê-los em classes aspectuais, propondo uma classificação quadripartida para essas classes, conforme Quadro 1 a seguir. Contudo, o autor ressalta que essas classes não são fechadas, ou seja, ele abre a possibilidade de que pode haver outras classificações para os verbos.

Quadro 1: Classes aspectuais segundo Vendler (1967)

CLASSE ASPECTUAL	PROPRIEDADES
Atividades	Essa classe tem duração temporal indefinida e não envolve culminação. Além disso, denota ações de forma homogênea. Exemplos: <i>empurrar, correr, etc.</i>
Estados	Essa classe é homogênea, não tem ponto final definido e não denota ação e mudança. Exemplo: <i>conhecer, amar, etc.</i>
Culminações	Essa classe denota eventos heterogêneos e envolve um instante temporal único e definido. Exemplos: <i>quebrar, rasgar, etc.</i>
Processos Culminados	Essa classe denota eventos heterogêneos e apresenta duração intrínseca. Exemplos: <i>escrever uma carta, desenhar um círculo, etc.</i>

<sup>9</sup> Agradecemos à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Suely A.C Cabral (c.p) por nos alertar a respeito da peculiaridade dos adjuntos adverbiais de se apresentarem em diferentes posições nas sentenças. Esses modificadores se distinguem dos complementos dos verbos. Deixamos para um trabalho futuro a análise de que tipos de adjuntos estão relacionados à classificação dos predicados quanto ao aspecto lexical.

A classificação aspectual de Vendler (1967) recupera discussões originais de Aristóteles, envolvendo a distinção aspectual entre *kinesis* (movimento) e *energeia* (fato ou realidade), em que contrasta ações que são completas por si mesmas (*energeia*), classificadas como atéticas e denotadas por Estado e Atividade, com ações que são inerentemente incompletas (*kinesis*), necessitando de um ponto final para se configurarem como eventos téticos, classificadas como Processo Culminado e Culminação.<sup>10</sup>

Tenny (1987) acrescenta a essa descrição o traço aspectual de delimitação, associando essa propriedade ao traço que define duração. Nesse sentido, a autora usa a propriedade de delimitação como uma ferramenta de investigação linguística que caracteriza as classes aspectuais em termos de um traço aspectual de delimitação do evento, conforme a seguir:

Quadro 2: Classes aspectuais segundo Tenny (1987)

CLASSE ASPECTUAL	TRAÇOS DEFINIDORES	TRAÇO ASPECTUAL
Processos culminados	duração definida	delimitado
Culminações	duração breve ou nenhuma duração	delimitado
Atividades	duração indefinida	não delimitado
Estativos	duração indefinida	não delimitado

Smith (1991) denomina as classes aspectuais de tipos de situações. A autora argumenta que cada tipo de situação se distingue por um grupo de propriedades conceituais e temporais, o que permite a divisão entre situações estativas (eventos de Estados) e situações não estativas (eventos que consistem de estágios sucessivos, como Atividades e Processos Culminados, ou de estágios singulares, como Semelfactivos e Culminações). No que concerne ao significado aspectual da sentença, Smith (1991) especifica as classes aspectuais de Vendler (1967) em traços – [+/-estativo], [+/-duração] e [+/-tético] – e inclui a classe de eventos semelfactivos. O traço [ $\pm$ estativo] se subdivide em [+estativo], em que o esquema temporal consiste de momentos indiferenciáveis, e [-estativo], que caracteriza eventos dinâmicos que consistem de estágios e envolvem agentividade, atividade e mudança; o traço [ $\pm$ durativo] se subdivide em [+duração], que categoriza situações idealizadas como durativas (Estados, Atividades e Processos Culminados), e em [-durativo], que categoriza eventos instantâneos (Culminações e Semelfactivos); e por último, o traço [ $\pm$ tético] se subdivide em [+tético], para

<sup>10</sup> Seguindo Mira Mateus *et al* (2003), usamos, como tradução dos termos *accomplishment* e *achievement*, as expressões Processo Culminado e Culminação, respectivamente.



eventos que denotam um ponto final natural, e em [-téllico], para eventos caracterizados como processos que independem de um ponto final, resultando na caracterização a seguir:

Quadro 3: Classes aspectuais segundo Smith (1991)

<b>SITUAÇÕES</b>	<b>ESTÁTICA</b>	<b>DURATIVA</b>	<b>TÉLICA</b>
Estados	[+]	[+]	[-]
Atividades	[-]	[+]	[-]
Processos Culminados	[-]	[+]	[+]
Semelfactivos	[-]	[-]	[-]
Culminação	[-]	[-]	[+]

Já Rothstein (2004) depreende da classificação vendleriana duas propriedades que considera cruciais na categorização de eventualidades ou tipos de eventos, quais sejam: se a eventualidade tem um ponto final natural, ou seja, se é télica, e se é possível analisar o evento como progressivo, ou seja, se o evento tem estágios. A autora sugere derivar as quatro possibilidades combinatórias disponíveis das classes aspectuais de Vendler (1967) a partir desses dois traços semânticos fundamentais [ $\pm$  télico] e [ $\pm$ estágios], conforme tabela a seguir:

Quadro 4: Classes aspectuais segundo Rothstein (2004)

<b>CLASSE ASPECTUAL</b>	[ $\pm$ estágios]	[ $\pm$ téllico]
Estados	-	-
Atividades	+	-
Culminações	-	+
Processos culminados	+	+

De acordo com a autora, separar as classes lexicais por traços possibilita fazer previsões sobre como essas classes se relacionam umas com as outras, seja para marcar oposições, seja para fazer generalizações. O sistema de traços proposto nesse quadro prevê a mudança aspectual dos predicados. Por exemplo, Estados compartilham um traço comum com Atividades e Culminações, mas não com Processos Culminados, o que, nas palavras da autora, resulta no fato de que é mais fácil mudar a leitura de Estados para Atividades ou para Culminações do que para a leitura de Processos Culminados.

Segundo Rothstein (2004, p. 18), os eventos [-télico] – Estados e Atividades – compartilham as propriedades de homogeneidade e cumulatividade. Contudo, a autora pondera que há graus distintos da homogeneidade: enquanto os Estados são totalmente homogêneos, as Atividades são homogêneas em intervalos mínimos, ou seja, diferentemente de Estados, eventualidades de Atividades possuem o traço [+estágio] e por essa razão podem ocorrer naturalmente com o progressivo, no inglês, por exemplo.

Por outro lado, os eventos [+télico] – Processos Culminados e Culminações – possuem comportamentos diferentes das eventualidades de Estados e Atividades; no entanto, é necessário ressaltar que, similarmente a eventualidades de Atividades, os eventos de Processos Culminados contêm estágios. Nesse contexto, é possível afirmar que esses dois tipos de eventos podem ocorrer no progressivo, conforme ilustram os eventos de Processos Culminados em (1a) e (1b) e de Atividades em (1c):

- (1) a. John is eating a sandwich.  
 b. Mary is building a house.  
 c. Bill is running/crying.

Rothstein (2004, p. 22)

Em suma, apresentamos nesta seção as propriedades (em termos de traços) propostas por alguns pesquisadores em relação à proposta original das classes aspectuais de Vendler (1967). Percebemos que elas se diferenciam em termos de ampliação ou da especificação de traços: delimitação (Tenny, 1987), telicidade (Smith, 1991), estágios (Rothstein, 2004).

Em relação às classes aspectuais e a alternância causativa, pesquisas têm demonstrado que o traço [+télico] é relevante para a alternância dos verbos causativos, no que tange a explicar por que alguns verbos alternam e outros não (cf. Naves, 2005; Bassani e Scher, 2006). Para essas autoras, as classes aspectuais que possuem o traço [+télico] – Culminações e Processos Culminados – favorecem o licenciamento da alternância, enquanto as classes que possuem o traço [-télico], como Estados e Atividades, não favorecem a alternância. Voltaremos a essa questão no Capítulo 3.

### 2.1.2 Aspecto lexical: uma propriedade de V ou do VP?

Na literatura, há questionamentos no que diz respeito a generalizações tanto em relação à telicidade quanto em relação às classes lexicais propostas por Vendler (1967). É importante mencionar que, conquanto as classes lexicais de Vendler (1967) sejam muito criticadas por serem entendidas como de natureza essencialmente lexical, o autor deixa pistas de que há possibilidade de um mesmo verbo exprimir valores aspectuais diferentes em função de outros elementos a que se associa, tais como complementos ou modificadores adverbiais. Por exemplo, Vendler (1967) considera o verbo *run* ‘correr’, como um evento de Atividade, enquanto *run a mile* ‘correr uma milha’, como um evento de Processo Culminado, o que indica que, mesmo sem tratar explicitamente do assunto, o autor provavelmente já previa a ideia de composicionalidade, dada a importância do complemento verbal para a interpretação aspectual, conforme proposto por outros autores. Posto isso, partimos do pressuposto de que o aspecto é dado composicionalmente pelo verbo e seus argumentos (cf. Verkuyl, 1993, 1999; Tenny, 1987; Rothstein, 2004; e Ramchand, 2008) e objetivamos apresentar as diferentes análises encontradas na literatura a esse respeito.

#### 2.1.2.1 Verkuyl (1993, 1999)

Verkuyl (1993, 1999), ao considerar a aspectualidade no nível da sentença, propõe tratar a categoria do aspecto lexical a partir da análise composicional dos predicados, ou seja, da relação entre verbo + complemento. De acordo com o autor, a classificação de um predicado como télico ou atélico se dá no nível sentencial, ou seja, no VP. A ideia básica de composicionalidade proposta pelo autor está estabelecida na combinação dos traços [ $\pm$ ADD TO] do verbo e do [ $\pm$ SQA] do complemento. O traço [+ADD TO] expressa a propriedade do verbo de progressividade do evento de mudança e não estatividade, enquanto o traço [-ADD TO] é encontrado em verbos estativos; o traço [+SQA] indica que o NP possui uma quantificação específica e o traço [-SQA] denota a não especificação dessa quantificação. Em outras palavras, o autor se utiliza dos traços aspectuais [ $\pm$ ADD TO] e [ $\pm$ SQA] para o cálculo aspectual.

Verkuyl (1993, 1999) ilustra a proposta de interação desses dois traços e verifica que nas expressões de aspecto durativo *They ate cheese* ‘Eles comeram queijo’ e de aspecto terminativo ou télico *They ate a sandwich* ‘Eles comeram um sanduíche’, a distinção entre

essas expressões está na natureza do argumento interno do verbo *eat* denotado por *cheese* e por *a sandwich*. De acordo com o autor, há alguma propriedade inerente do verbo *eat* que determina a extensão de propriedades possíveis nas sentenças, seja para quantificação, denotada pelo NP como em *ate a sandwich*, seja para delimitação de massa como em *ate cheese*. Desse modo, no desdobramento da expressão *They ate cheese*, o traço [+ADD TO] correspondente ao verbo *eat* é provido de sentido de não estatividade, o que remete à ideia de progresso no tempo; esse traço é conjugado com o traço [-SQA] de quantificação indefinida, indicado pelo NP *cheese*. Na expressão *ate a sandwich*, o traço [+ADD TO] combinado com o traço [+SQA] corresponde à leitura de uma expressão terminativa delimitada por *a sandwich*. Para corroborar essa análise, o autor observa que o traço do verbo *eat* ‘comer’ difere do traço do verbo *want* ‘querer’, em relação à duração. O traço do verbo *want* não denota intervalo de tempo, não permitindo, assim, a leitura terminativa, como em *Judith wanted a sandwich* ‘Judith queria um sanduíche’.

Verkuyl (1993, 1999) trata as classes lexicais como uma composição de unidades menores que, combinadas, resultam em uma unidade maior que é a sentença. Sob essa perspectiva, sugere que VPs atélicos são derivados quando o V é [+ADD TO] e o NP é [-SQA], e os VPs télicos são derivados quando o V é [+ADD TO] e o NP é [+SQA]. Observamos que, na proposta de Verkuyl (1993, 1999), o traço que determina a telicidade é o traço positivo do NP quantificado [+SQA], o que indica que é relevante para a leitura aspectual a informação de cardinalidade ou quantidade do NP na posição de argumento interno. O autor ilustra que em (2a) a informação de medida ou nome contável é localizada na parte determinante do NP, o que não ocorre em (2b):

- (2) a. She played a sonata, three sonatas, some sonatas, etc.  
 b. She played music, sonatas, etc.

(Verkuyl, 1993, p. 203)

A conclusão do autor é de que, sendo o traço verbal [+ADD TO], os NPs podem expressar valores aspectuais distintos a depender dos traços representados, ou seja, se o NP é [+SQA], a sentença é télica, como em (2a), e se o NP é [-SQA], a sentença é atélica, como em (2b). Isso implica que as informações aspectuais figuram no nível do VP e não no nível do significado do verbo.

Ademais, esses diferentes níveis de leitura desencadeiam a distinção entre aspectualidade interna e aspectualidade externa que o autor postula. Enquanto a primeira se

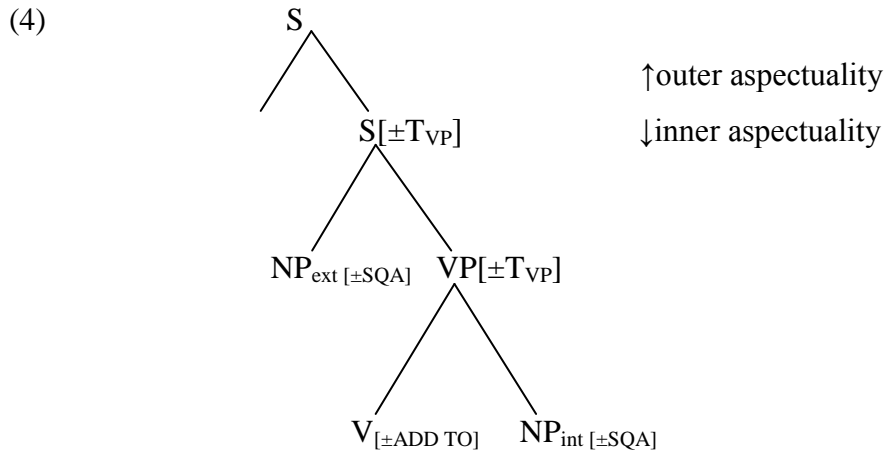
verifica na sentença ou na estrutura argumental dos verbos, entendendo-se por estrutura argumental dos verbos a composição do verbo e de seus argumentos interno e externo, a aspectualidade externa opera com base na inserção de modificadores na sentença. Por exemplo, acrescentando o modificador *for x hours* à sentença *She played music* ‘Ela tocou música’, a sentença resultante *She played music for x hours* ‘Ela tocou música durante x horas’ passa a dar ideia de terminatividade. De acordo com a explicação do autor, esse modificador, no contexto da sentença, significa um grupo de horas, o que pode equivaler ao dia todo ou a parte desse dia, isto é, a primeira sentença não determina o fim do evento de tocar, mas na segunda a expressão *por x horas* determina o limite desse evento.

Verkuyl (1993, 1999) ainda é mais específico quanto à relação entre o traço [+ADD TO] e o traço de quantificação [+SQA], propondo uma análise em que esse traço introduz uma ideia de escala em que são exigidos pelo menos dois pontos para registrar uma eventualidade télica combinada ao traço [+ADD TO]. Segundo o autor, participantes da eventualidade como o iniciador e o que ele denomina *undergoer* contribuem para essa leitura de escala. Disso decorre que a eventualidade télica denotada pelo traço [+ADD TO] dever ser mapeada numa escala limitada para os participantes [+SQA] e, se um ou mais participantes carregam o traço [-SQA], o evento é atélico. Retomando a ideia de composicionalidade da combinação do traço [ $\pm$ ADD TO] com o traço [ $\pm$ SQA], o autor postula que a interação entre o traço [ $\pm$ ADD TO] com o traço [ $\pm$ SQA] resulta o valor [ $\pm$ T], ou seja, o aspecto terminativo ou durativo, conforme a seguir:

- (3) a. Judith            ate            three sandwiches  
       [+SQA] + [+ADD TO] + [+SQA] = [+T]  
 b. Judith            ate            sandwiches  
       [+SQA] + [+ADD TO] + [-SQA] = [-T]  
 c. Judith            wanted        a sandwich  
       [+SQA] + [-ADD TO] + [+SQA] = [-T]

(Verkuyl, 1993, p. 20)

Na representação em (4), Verkuyl (1993, p. 202) fornece um esquema simplificado e mostra como a composicionalidade opera na estrutura sintagmática, a partir das noções aspectualidade externa e a aspectualidade interna (no esquema, [ $\pm$ T<sub>VP</sub>] remete ao traço Terminativo (ou não) do VP, e S remete à Sentença):



Dada a interação com os dois traços na estrutura sintagmática, o autor propõe o *Plus-principle* (Princípio do Mais) que se traduz da seguinte maneira: na derivação da sentença, o valor aspectual será terminativo se o traço verbal  $[\pm\text{ADD TO}]$  e o traço nominal  $[\pm\text{SQA}]$  forem positivos, do contrário, se houver algum traço negativo, a sentença será durativa. A partir dessa argumentação, o autor estabelece um sistema que deriva três tipos de eventualidades:

- (5)
- a. Estados – com o traço  $[-\text{ADD TO}]$
  - b. Processos – com traços  $[\text{+ADD TO}]$  e  $[-\text{SQA}]$ , correspondem às Atividades de Vendler
  - c. Eventos – com traços  $[\text{+ADD TO}]$  e  $[\text{+SQA}]$ , correspondem às Culminações e Processos Culminados de Vendler

#### 2.1.2.2 Tenny (1987)

Tenny (1987) trata a telicidade composicionalmente como noção veiculada à interação do verbo com seus argumentos em termos de delimitação do evento, de tal forma que essa propriedade é responsável por medir o evento. Consoante a autora, o evento é delimitado quando denota duração definida no tempo. Por exemplo, na expressão *Kim will climb the silo* ‘Kim subirá no silo’, a delimitação do evento de subir depende de Kim alcançar o silo, o que significa que esse evento demanda uma extensão de tempo, ou uma escala, que deve ser finita. Partindo desse pressuposto, a autora observa que algumas expressões têm relação com o término do evento e outras não, como *push a cart* ‘empurrar a carroça’, em que o evento de empurrar descreve uma ação não delimitada.

Segundo Tenny (1987), há informação aspectual que faz parte da entrada lexical dos verbos e que auxilia na interpretação de delimitado e não delimitado; contudo, ela observa que a interpretação de delimitação parece depender mais de fatores gramaticais do que da informação contida na entrada lexical do verbo. Acrescenta ainda que a informação aspectual toma a forma de uma função associada ao verbo que mapeia o argumento direto e que pode ser identificada pela noção de mudança de estado ou por alguma escala (finita ou infinita). Por exemplo, com a inserção de um adjunto é possível mudar a leitura de um verbo que denota evento não delimitado, do tipo *push*, para um evento delimitado em *push the car to San Francisco*. Esse exemplo mostra que, além de delimitar o evento, o sintagma alvo *to San Francisco* marca um ponto em uma escala determinada pela mudança de localização.

A sentença (6) mostra que, dada a combinação do verbo *eat* ‘comer’ com o argumento *the apple* ‘a maçã’, o predicado torna-se delimitado, diferentemente de (7), em que o item lexical verbal *slept* ‘dormir’ não possibilita obter a leitura de delimitação, uma vez que remete a um evento em que não está presente o argumento do verbo, condição que, segundo a autora, é essencial para a delimitação do predicado (Tenny, 1987, p. 197):

(6) Dustin ate the apple. (delimitado)

(7) Dustin slept. (não delimitado)

Dado que a propriedade de delimitação está relacionada à transitividade do verbo, Tenny (1987) a correlaciona à afetação, caracterizando-a como propriedade semântica vinculada à posição sintática do argumento interno do verbo.<sup>11</sup> Com efeito, a propriedade afetação denota que o argumento passa por uma mudança de estado que faz do evento em que participa um evento delimitado. Disso decorre que a propriedade afetação é tratada pela autora como uma propriedade aspectual em que é possível identificá-la nas seguintes situações: temas incrementais, como *eat an apple* ‘comer uma maçã’; predicados de mudança de estado, como mudança de localização, em *push the car to San Francisco* ‘empurrar a carroça até São Francisco’; culminações, como *The terrorist exploded the bomb* ‘O terrorista explodiu a bomba’; e argumentos-caminho – *PATH*, como *Sue walked the appalachian Trail* ‘Sue caminhou na trilha dos Apalaches’.

<sup>11</sup> A autora não nega que pode haver afetação também no argumento interno indireto. Nesse sentido, pondera que o argumento do verbo parece mais afetado quando a ação é expressa pelo argumento direto.

Tenny (1987) postula a conexão entre delimitação e estrutura argumental. Contudo, observa que a delimitação é codificada no sintagma verbal (VP), e, nesse caso, o argumento externo está fora desse domínio. Segundo ela, o argumento externo não fornece a escala do evento e a mudança que ocorre nesse argumento não é necessariamente caracterizada como mudança em um parâmetro singular. Assim, a delimitação é atribuída somente ao argumento interno, que é o argumento afetado, e ao argumento oblíquo, que é o argumento que denota a escala do evento.

### 2.1.2.3 Rothstein (2004)

Para Rothstein (2004), a composicionalidade, com relação à interpretação de telicidade, decorre da interação entre as propriedades dos verbos (classes aspectuais lexicais) e as propriedades do VP. Por exemplo, as expressões *build a house* ‘construir uma casa’ e *build houses* ‘construir casas’ são respectivamente, VPs télico e atélico nucleados pelo verbo de Processo Culminado *build*. Do mesmo modo, *run the store* ou *run a mile* são VPs télicos nucleados por um verbo de Atividade *run*.

A autora aponta que a inserção de modificadores temporais *in a time* e *for a time* serve de teste padrão para identificar respectivamente os VPs atélicos, como em (8a) e (8b), e os VPs télicos, como em (8c) e (8d):

- (8) a. John Knew Mary for years/\*in a year.  
 b. John danced for hours/\* in an hour.  
 c. John spotted Mary in a few minutes/\*for a few minutes.  
 d. John built the house in a few weeks/\*for a few weeks.

(Rothstein, 2004, p. 8)

Segundo a autora, é possível localizar o ponto télico de um evento por meio do modificador *in a time* tanto para Culminação como para Processo Culminado. Esse modificador adverbial tem a função de localizar uma eventualidade que decorre em um certo período, o que sugere uma mudança escalar, sendo o ponto télico o final de uma determinada hora, conforme ilustrado em (9a) e em (9b):

- (9) a. The guest arrived in an hour.  
 b. Neta painted a picture in an hour.

(Rothstein, 2004, p. 40)



De acordo com Rothstein (2004), a inserção do modificador temporal *in a time* em eventualidades de Processo Culminado e de Culminação mostra que esses eventos têm estruturas aspectuais diferentes: para os primeiros é possível modificar a leitura de parte do subvento de Atividade (cf. (10)), enquanto para os últimos, pode-se localizar temporalmente o ponto télico (cf. (11)):

- (10) a. We are eating dinner in half an hour.  
 b. I am writing a book in six months.
- (11) a. The plane is landing in half an hour.  
 b. We are reaching Tel Aviv Central in five minutes.

(Rothstein, 2004, p. 43)

Como se pode depreender, os verbos de Processo Culminado, em (10), nos informam que os eventos de *comer* e de *escrever* ocorrem no prazo de meia hora em (10a) e no de seis meses em (10b), ao passo que nas Culminações, em (11), a mudança de estado télico ocorre instantaneamente no tempo descrito no enunciado, ou seja, em meia hora em (11a) e em cinco minutos em (11b). Isso remete à possibilidade de estender os eventos em (10), mas não os eventos em (11), uma vez que Culminações são consideradas pontuais.

A ideia de que as classes aspectuais ostentam comportamentos linguísticos diferentes dos inicialmente previstos e de que partilham propriedades semânticas com as classes que lhes estão mais próximas é formulada pela autora em termos de classes que sofrem uma operação de mudança de tipo (*type-shifting operation*). Rothstein (2004) menciona o trabalho de Landman (1992) e defende que nessa operação é possível combinar um evento de Atividade com um evento de Culminação e derivar um evento de Processo Culminado abstrato. Para explicar como acontece essa derivação, primeiramente a autora analisa o problema que concerne ao uso dos progressivos nas Culminações, argumentando que as Culminações, por serem eventos instantâneos e não possuírem o intervalo de tempo exigido para a progressividade, são incompatíveis com a forma progressiva:

- (12) a. \*Jane is reaching the summit of the mountain.  
 b. \*Mary is spotting her friend at the party.

(Rothstein, 2004, p. 36)

Em seguida, leva em consideração que há Culminações perfeitamente possíveis na forma progressiva, indicando similaridade com a forma progressiva nos Processos Culminados, como em *Dafna is painting a picture* ‘Dafna está pintando um quadro’, como se pode perceber nos exemplos abaixo:

- (13) a. *Dafna is finding her shoes.*  
 b. *The plane is landing.*  
 c. *Jane is just reaching the summit.*

(Rothstein, 2004, p. 36)

Rothstein (2004), em sua análise, ressalta que esse processo é diferente do que envolve a progressividade dos Processos Culminados, e essa diferença diz respeito à extensão desses eventos. A autora observa que os eventos de Culminação *find* ‘encontrar’, *land* ‘aterrissar’ e *reach* ‘alcançar’, em (13), são mais curtos que os de Processo Culminado como *Mary is building a house* ‘Mary está construindo uma casa’. A autora também se reporta à proposta de Smith (1991) que sugere que as Culminações no progressivo destacam-se por possuírem estágios preliminares. Nesse sentido, Rothstein (2004) propõe uma explicação semântica que leva em conta as propriedades das Culminações e argumenta que, como o progressivo não trata as Culminações como um tipo especial de Processo Culminado, a proposta da operação de mudança de tipo pode resolver essa lacuna ao derivar um Processo Culminado a partir de uma Culminação.

Para sustentar essa proposta de derivação, a autora se vale do paradoxo do imperfectivo, que prediz diferentes acarretamentos aos argumentos dos predicados. Por exemplo, a homogeneidade dos eventos de Atividade como *run* ‘correr’ em *Neta is running* ‘Neta está correndo’ implica que Neta correu em qualquer intervalo da eventualidade; os eventos de Processo Culminado, ao contrário, induzem ao paradoxo do imperfectivo, ou seja, a expressão *Mary was building a house* ‘Mary estava construindo uma casa’ não implica que Mary construiu a casa. De acordo com a autora, isso evidencia que a estrutura incremental dos Processos Culminados é denotada por predicados quantificados e com estágios. Segundo a autora, a incrementalidade é uma propriedade que pertence a uma eventualidade que ocorre pouco a pouco até atingir o ponto final. Já nas Culminações e nas Atividades não há possibilidade de ocorrer essa estrutura incremental, uma vez que os primeiros eventos são quantificados mas não têm estágios, e os últimos têm estágios mas não são quantificados.

Embora o processo incremental requeira que o evento decorra em estágios, essa condição não é suficiente para garantir que um ponto télico seja alcançado.

Rothstein (2004), com base nos trabalhos de Krifka (1992, 1998), menciona que as propriedades incrementais de verbos podem ser derivadas tanto de uma relação gradual entre o verbo e seus argumentos pacientes, como também de uma relação entre o verbo e seus argumentos-caminho, como no caso de Atividade como *run to the store* ‘correr para a loja’.

Na análise da autora, em eventos de Processo Culminado, parte do significado lexical dá informações sobre que características o subevento de Atividade tem e que tipo de evento garante o uso do progressivo. Por outro lado, eventualidade de Culminação na forma progressiva não se concretiza em estágios, como em *Mary is arriving at the station* ‘Mary está chegando à estação’, cuja interpretação é a de que, se o evento não for interrompido, *arrive at the station* ‘chegar à estação’ indica o ponto de culminação ou ponto télico.

Sob essa perspectiva, Rothstein (2004) assume que a operação de mudança de tipo desencadeada por meio da forma progressiva de Culminação denota um Processo Culminado abstrato ou derivado. Em outras palavras, no significado desse evento derivado há um grupo de eventualidades formado pela composição de uma Atividade ( $e_1$ ) – em que, lexicalmente, não há especificação das propriedades particulares – e uma Culminação ( $e_2$ ) – que é a denotação da culminação lexical.

É importante ressaltar que a operação de mudança de tipo deve preservar o significado do predicado lexical original, fator esse que é relevante na construção do novo significado do predicado derivado. Segundo a autora, os Processos Culminados e os Processos Culminados derivados apresentam características diferentes no que diz respeito ao estágio desses eventos: os primeiros são determinados pelo significado dos verbos; já em relação aos últimos, embora não sejam especificados lexicalmente, devem ser contextualmente determinados.

#### 2.1.2.4 Ramchand (2008)

Para Ramchand (2008), a questão da composicionalidade aspectual envolve as noções *undergoer* e *PATH*. Em relação à telicidade, segundo a autora, semanticamente tem-se falado que a combinação dos componentes processo e resultado cria um Processo Culminado complexo, (cf. Parsons, 1990; Pustejovsky, 1991; Higginbotham, 2001)<sup>12</sup>. Na base de análise da autora, esses dois componentes de subeventos, além da possibilidade de serem encontrados

---

<sup>12</sup> O acesso à obra desses autores se deu por intermédio de Ramchand (2008)

separadamente ou combinados com diferentes significados verbais, também podem ser explorados para criar tipos mais complexos ou mais simples em muitos sistemas e até mesmo mudar o tipo de evento. Ramchand (2008) postula, ainda, que não há um correspondente um-para-um entre argumento interno e traço semântico [+télico], mesmo quando o argumento interno é quantificado (cf. Krifka 1987, 1992 *apud* Ramchand, 2008), o que lhe permite afirmar que as eventualidades de Culminação em (14) são télicas, independentemente de o argumento interno ser quantificado, caso de (14b), ou expresso, caso de (14a); por outro lado, a sentença (15) não implica telicidade, mesmo com existência do argumento interno e de um argumento quantificado:

(14) a. John stood up in a second.

b. They found gold in three hours.

(Ramchand, 2008, p. 25)

(15) John pushed the cart for hours.

(Ramchand, 2008, p. 26)

Ramchand (2008) pretende fazer uma distinção mais fina em termos de como o objeto direto mapeia o evento. A autora equipara eventos de mudança à noção caminho e, com base nisso, pretende sustentar que o argumento interno está correlacionado à estrutura denominada *PATH*. Observa que, em relação à telicidade, não obstante o argumento interno sofra mudança de estado, empiricamente isso não significa que essa mudança deva implicar um estado final. Isso significa que uma mera mudança gradual no argumento pode significar uma propriedade distinta e que é separada do fator ‘atingir um resultado’, como no caso do verbo *melt* ‘derreter’ abaixo, que mostra a dependência do fator resultado para alcançar a telicidade:

(16) The chocolate melted for three minutes in the back seat of the car (before we rescued it).

(Ramchand, 2008, p. 27)

Segundo Ramchand (2008), verbos que apresentam argumento afetado por uma mudança gradual, sem atingir um resultado definido, comportam-se, frequentemente, como inacusativos. A autora (*op. cit.*, 2008, p. 28) aponta que a noção de argumento *undergoer* denota algum tipo de mudança ou transição que pode estar relacionado a uma localização, como em (17), a um estado, como em (18), ou ao espaço vazio, relacionado a uma propriedade material, como em (19):

(17) The ball rolled down the hill.

(18) The mangoes ripened in the sun.

(19) The bucket filled with rain.

A noção *undergoer* inclui ainda o argumento de verbos de mudança de estado, como *dry* ‘secar’ e *yellowed* ‘amarelar’, e de movimento, como *push* ‘puxar’ e *drive* ‘dirigir’. Nesse sentido, o objeto *undergoer* diz respeito a um estado transicional que não necessariamente implica telicidade, mesmo quando é quantificado. A autora (*op. cit.*, 2008, p. 28) postula que há noções menos quantificadas (*quantized-ness*) ou de quantificação especificada (*specified quantity*), conforme apresentado, respectivamente, em (20) e (21):

(20) The document yellowed in the library for centuries.

(21) John pushed the cart for an hour.

A autora observa que, na literatura aspectual, verbos de consumição e de criação fazem parte de uma classe que tem comportamento distinto de outros verbos em relação à noção objeto quantificado. Na esteira de Levin (1999) e outros autores, Ramchand (2008, p. 30) aponta que esses tipos de verbos dizem respeito a um caso específico de algum atributo do objeto que contribui para medida em escala, que é homomórfica com os verbos. Essa propriedade é, na visão da autora, similar à noção caminho *PATH*, como em *Mary ran along the beach*. Nesse sentido, o argumento *PATH* denota vários domínios: pode ser derivado de objeto como no caso de verbos de criação e de consumição, pode ser proveniente de uma escala e pode denotar um caminho explicitado por um sintagma preposicional (PP), como no caso de verbos de movimento.

A autora ressalta também que, em verbos de movimento como *push* (empurrar), o argumento *PATH* descreve a noção *undergoer* em termos de complementaridade. Para ilustrar, mostra que o argumento caminho *PATH* em (22) descreve o grau em que a noção *undergoer* aparece especificado pelo sintagma preposicional *along the beach* ‘ao longo da praia’, sendo o objeto DP *the coconut* ‘o coco’ o próprio argumento *undergoer*, uma vez que experiencia a mudança de localização. Ademais, somente com a especificação de localização

final dessa transição é possível gerar a telicidade, como no caso do sintagma preposicional *along the beach*. Segundo a autora, a classificação télico depende dos acarretamentos desencadeados pela natureza do objeto direto:

(22) John pushed the coconut along the beach. (Ramchand, 2008, p. 30)

Ainda sobre os verbos de criação e de consumição, a autora aponta que o efeito de telicidade nessa classe com objetos quantificados, como em *eat an apple* ‘comer uma maçã’, se dá nos acarretamentos semânticos e não na codificação da determinação lexical dos verbos.

Em suma, a autora sustenta que há uma classe de verbos que denota transição, cujo argumento *undergoer* está sujeito à mudança, e outra classe de verbos em que essa mudança é denotada pelo argumento *PATH*. Contudo, mostra que há verbos que se comportam diferentemente por serem obrigatoriamente télicos. Esses verbos sistematicamente rejeitam o teste do modificador adverbial *for an hour*, visto que não sofrem mudança e já têm especificado um resultado final na entrada lexical deles. Ramchand (2008, p. 32) os denomina *RESULTEE*, ou seja, verbos que não dependem da interação entre argumento interno e elementos quantificados para serem interpretados como télicos (cf. (23) e (24)):

(23) John broke the stick in a second/\*for seconds.

(24) Mary arrived in two minutes/\*for two minutes.

Segundo a autora, a telicidade para os tipos de eventos em (23) e (24) é diferente da telicidade de combinação semântica do [V + OBJETO DIRETO] (seja *undergoer* ou *PATH*). Nessa perspectiva, em termos de decomposição de subeventos, a autora postula que é necessário distinguir entre processo e mudança, e incluída nessas distinções está a realização de um estado resultante ou *telos*. Vale ressaltar que, na decomposição de subeventos referida pela autora, há três participantes: o *initiator* (que pode ser o causador do evento), o *undergoer* (que se refere ao argumento direto relacionado ao processo do evento) e o *resultee* (que representa o estado resultante).

## 2.2 Interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical

Comrie (1976, p. 3-4) define aspecto gramatical como as diferentes maneiras de visualizar a constituição temporal interna de uma situação. Partindo dessa noção, o autor afirma que o aspecto perfectivo “olha de fora da situação, sem necessariamente distinguir sua estrutura interna”, enquanto o aspecto imperfectivo “olha do lado de dentro da situação e, como tal, diz respeito à estrutura interna da situação”. Em outras palavras, representado pelas categorias sintáticas que operam sobre o léxico (afixos verbais, modificadores adverbiais e auxiliares), o aspecto gramatical estabelece, na representação sintática, intervalos de tempo que podem ser fechados (perfectivos) ou abertos (imperfectivos).

Nessa mesma linha, Smith (1991) trata o aspecto gramatical como aspecto de ponto de vista (*viewpoint aspect*), em oposição ao aspecto lexical, denominado por ela por aspecto de situação (*situation aspect*), como já foi dito anteriormente. Tomado como a perspectiva de uma dada situação, o aspecto do ponto de vista é a maneira pela qual o falante escolhe descrever a eventualidade e essa escolha aspectual lhe permite discorrer sobre situações em diferentes ângulos, o que pode envolver parte de uma situação como ou começo, ou meio, ou fim – aspecto imperfectivo –, ou uma situação completa com início, desenvolvimento e término – aspecto perfectivo.

De acordo com Smith (1991), a despeito de o aspecto lexical e o aspecto gramatical serem noções independentes, há convergência entre esses dois domínios. Nesse sentido, a autora aponta que os componentes aspectuais interagem nas sentenças com base na informação dada pelas formas linguísticas. Em outras palavras, na composicionalidade da sentença, enquanto o tipo de situação é sinalizado pelo verbo e seus argumentos, o ponto de vista é sinalizado pelo morfema gramatical e os auxiliares, sendo o esquema temporal associado a cada tipo de situação e ponto de vista. Ademais, acrescentam-se à leitura aspectual certos adverbiais, que fornecem informações temporais adicionais à eventualidade, o que pode determinar a leitura aspectual.

Para ilustrar como esses dois domínios aspectuais operam nas sentenças, a autora mostra que em (25a) a eventualidade se completa quando o alvo *to school* ‘para a escola’ é alcançado, o que marca a culminação. Já (25b) focaliza apenas parte da eventualidade de *walk* ‘caminhar’, não sendo possível definir a culminação, mesmo com a presença do sintagma *to school* – fato que se atribui ao progressivo. Em (25c), a eventualidade de caminhar foi

completada (o que se observa pela marca de perfectivo), mas a culminação não foi expressa, diferentemente de (25a):

- (25) a. Mary walked to school.  
 b. Mary was walking to school.  
 c. Mary walked in the park.

(Smith, 1991, p. 5)

Como podemos notar nos dados em (25), a autora dá uma visão geral dessa interação com as noções essenciais de cada um desses domínios, quais sejam: telicidade, que corresponde ao aspecto lexical, e perfectividade, que corresponde ao aspecto gramatical.

O ponto de vista perfectivo, na concepção de Smith (1991), traduz-se no intervalo de tempo fechado, cujas situações são interpretadas como completas. Consoante a autora, o tempo passado simples no inglês (*simple past tense*) (cf. (25a) e (25c)), operado pela forma perfectiva *walked* ‘andou’, denota eventualidade completa em que há fronteiras entre o ponto de vista inicial e o ponto de vista final. Por exemplo, a sentença em (25a) diz respeito ao evento de interpretação fechada que iniciou, terminou e resultou na chegada de Mary à escola, o que está representado no esquema em (26):

- (26) [I////////F]

(Smith, 1991, p. 95)

Apesar de descrever eventos como completos, o perfectivo pode ser associado a diferentes classes aspectuais de predicados, ou seja, pode ocorrer com eventos atéticos, como no caso de Atividade (cf. (27a)) ou com eventos télcos, como no caso de Processo Culminado (cf. (27b)) e Culminação (cf. (27c)):

- (27) a. Lily swam in the pond.  
 b. Mrs Ramsey wrote a letter.  
 c. Mr Ramsey reached the lighthouse.

(Smith, 1991, p. 106)

Ao contrário, o ponto de vista imperfectivo, em (25b), operado pelo morfema de progressivo (-*ing*) em *walking* ‘andando’, focaliza uma subparte da eventualidade de caminhar, não incluindo o ponto inicial nem o final. O aspecto imperfectivo está relacionado à



estrutura interna do evento e, diferentemente do perfectivo, indica intervalos de tempo abertos, o que remete a situações incompletas ou inacabadas. Desse modo, na sentença progressiva somente o tempo de intervalo no contorno temporal da eventualidade é visível para a interpretação semântica, conforme esquema temporal a seguir proposto por Smith (1991, p. 111)

(28) [I.....F]

Segundo Smith (1991), no inglês, o ponto de vista também pode ser indicado pela presença ou ausência do auxiliar verbal, isto é, a ausência do auxiliar representa o perfectivo e a presença do auxiliar *was* (em (25b), por exemplo), em *Mary was walking to school*, remete ao imperfectivo. Os advérbios também têm papel importante nessa composição aspectual, uma vez que tanto podem marcar a culminação quanto podem bloqueá-la. Por exemplo, a expressão *in an hour* ‘em uma hora’ indica realização da eventualidade dentro daquela hora, ao contrário de *for an hour* ‘por uma hora’, que remete à duração. Assim, a expressão *Bill walked in an hour* denota eventualidade télica, diferentemente de *Bill walked for an hour*, que bloqueia a culminação do evento.

Em relação ao aspecto lexical, Smith (1991) observa que os verbos são unidades linguísticas que realizam um tipo de situação: há aqueles que têm o traço [+télico] intrínseco, como os verbos *build* ‘construir’ e *wrote* ‘escrever’, e aqueles que não têm esse traço, como *walk* ‘caminhar’. Assinala também que, embora os verbos sejam centrais para definir o tipo de situação, o valor aspectual depende da combinação desse item lexical com complementos ou sintagmas preposicionais. Eventualidade de Atividade, como *walk*, designa processo, o que significa que esses eventos não denotam alvo, culminação ou ponto final natural, mas simplesmente estágios sucessivos da eventualidade; contudo, é possível denotar o ponto final arbitrário com a inserção de certos sintagmas preposicionais (cf. (25a) *versus* (25c)).

A interação entre os dois domínios também é prevista nos trabalhos de Mira Mateus *et al* (2003). Em referência a uma situação descrita pelo predicado, as autoras tratam o aspecto em termos de perspectiva e foco. Lembram que estabelecer uma distinção entre aspecto lexical (*Aktionsart*) e aspecto gramatical pode ser uma estratégia um tanto equivocada, na medida em que, ao empregar diferentes processos linguísticos, é possível veicular informação aspectual de mesma natureza. Elas exemplificam que as sentenças *Maria canta árias/ Maria cantava árias/ Maria costumava cantar árias de óperas famosas* possuem mesma leitura habitual.

As autoras defendem que vários fatores contribuem e interferem na determinação do valor aspectual de um predicado. No aspecto lexical, a natureza semântica dos predicados contribui para a leitura aspectual com base nas distinções semânticas duração, dinamicidade e homogeneidade. Um dos fatores que determinam essa leitura advém da informação aspectual dos verbos e dos seus complementos. Mira Mateus *et al* (2003, p. 137) ilustram como ocorre essa interferência:

- (29) a. Ela correu na pista (durante meia hora).  
 b. Ela correu os dez mil metros (em 31m e 32s).  
 c. Ela corre pelo clube de Braga.  
 d. Ela está a correr na pista do seu clube.

Corroborando a ideia de composicionalidade, as autoras analisam (29a) como Atividade, (29b) como Processo Culminado, (29c) e (29d) como Estados, que podem ser respectivamente habitual e progressivo. Desse modo, mostram que as diferentes leituras em (29) têm relação com a presença de expressões inseridas no predicado. Esses exemplos ilustram um mesmo verbo em contextos distintos, como também os diferentes tipos aspectuais que lhe são compatíveis.

Na descrição de situações, a depender das informações aspectuais, pode-se identificar se houve ou não mudança no valor aspectual. Em (30), as sentenças mostram que, não obstante cada uma dessas eventualidades denote um tipo diferente de situação – em (30a) Processo Culminado e em (30b) Culminação –, não há alteração quanto à informação aspectual veiculada, ou seja, quanto à culminação do evento. Logo, a informação temporal do passado, em (30), está associada ao ponto final do evento:<sup>13</sup>

- (30) a. A garota leu o livro.  
 b. A garota morreu.

Contudo, diferentemente das construções em (30), em que eventos de Processo Culminado e de Culminação contemplam a noção término, em (31) o valor da desinência modo-temporal caracterizada na forma perfectiva muda a situação do evento de Estado em (31a) e de Atividade em (31b). Em (31a), pode-se atribuir um limite a um estado de estar

---

<sup>13</sup> Os exemplos (30)-(32) foram adaptados de Mira Mateus *et al* (2003).

doente, a partir do qual é possível inferir um estado contrário como o de *A garota não está mais doente*. Do mesmo modo, em (31b), o perfectivo atribui um ponto final à eventualidade de Atividade, que passa a figurar como Processo Culminado. Isso indica que há independência entre cada uma dessas instâncias aspectuais:

- (31) a. A garota esteve doente.  
b. A garota tocou violão.

Já com relação ao aspecto imperfectivo, que remete a situações incompletas, é necessário atentar para as diferentes nuances que essas formas verbais denotam quando combinadas com expressões adverbiais. Em (32a) e (32b) as autoras mencionam que não há alteração aspectual de ordem gramatical desses predicados. Em (32a) o valor imperfectivo não atribui nenhum limite ao estado, ou seja, ontem a garota estava doente e hoje é possível que ela ainda esteja. O mesmo ocorre em (32b), em que o imperfectivo não impõe limite à estrutura interna da eventualidade de Atividade. Entretanto, (32c) assinala alteração aspectual, visto que o predicado ‘ler o livro’, que denota Processo Culminado, quando expresso no imperfectivo, não indica que houve a culminação da eventualidade.

- (32) a. A garota estava doente ontem.  
b. A garota brincava enquanto sua mãe trabalhava.  
c. A garota lia o livro quando sua mãe chegou.

Quanto aos advérbios, Mira Mateus *et al* (2003) destacam sua função modificadora de localização no tempo e no espaço. Segundo as autoras, os adverbiais de tempo podem ser agrupados semanticamente em: localização temporal – que permite situar a eventualidade descrita numa sentença como absoluta (cf. (33a)) ou relativa (cf. (33b)); frequência – que envolve quantificação fora do quadro da unidade temporal (cf. (34)); e duração – que regula a duração de intervalos de tempo ou de eventualidades mediada por uma relação entre a entidade medida e porções de tempo quantificadas (cf. (35))<sup>14</sup>.

- (33) a. O Manuel nasceu a 9 de Outubro de 1992.  
b. Os convidados chegam neste momento.

---

<sup>14</sup> Os exemplos de (33)-(36) foram retirados de Mira Mateus *et al* (2003, p. 169-170)

(34) Desde que começou o Porto 2001, eles têm ido a um espetáculo duas vezes por semana.

- (35) a. O atleta correu durante duas horas.  
b. A criança leu o livro em duas horas.

Vale ressaltar, com relação ao dado (35), que os adverbiais de duração *por x tempo* ocorrem com expressões atélicas e os adverbiais *em x tempo*, com predicados télicos. Nesse caso, a diferença entre uma e outra expressão adverbial reside na delimitação do evento para os predicados télicos. Em outras palavras, eventualidades de Atividades como a de (36a) aceitam tranquilamente a expressão adverbial *por x tempo*, diferentemente de (36b), cuja eventualidade de Estado não denota duração:

- (36) a. Ele caminhou na floresta durante/ por duas horas.  
b. \*Ele nasceu durante/ por dois anos.

Rothstein (2004) faz menção à interação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical dizendo que a interpretação aspectual da sentença vai além das informações lexicais, o que indica que as informações sobre as flexões verbais também atuam nessa interpretação. No que diz respeito ao aspecto lexical, Rothstein (2004) propõe que cada classe aspectual apresenta restrições específicas, as quais se referem aos tipos de significado do verbo e aos tipos de eventos que podem estar na denotação desses verbos. Por exemplo, a sentença (37a) indica um Estado e (37b), um Processo Culminado; quanto ao aspecto gramatical, a autora observa que o contraste entre perfectivo e imperfectivo está associado à perspectiva do evento: em (38a) podem ocorrer as formas do perfectivo ou do imperfectivo (*built/was building*) e, em (38b), apenas a do perfectivo (*built*):

- (37) a. Mary loved John very much. (Estado)  
b. Mary built a house. (Processo Culminado)
- (38) a. He lived in a hotel while he built/was building the house. (perfectivo,imperfectivo)  
b. He built the house and then sold it for profit. (perfectivo)

Em relação à (38), Rothstein (2004) observa que é necessário verificar as propriedades que envolvem a perfectividade e a imperfectividade antes de classificar eventos como *build a house* (construir uma casa) em perfectivos ou imperfectivos.

Bhatt e Pancheva (2005) observam que, em princípio, seria esperado que o aspecto gramatical e o aspecto lexical devessem ser combináveis com todos os tipos de situações, atendendo o requisito de composicionalidade. Contudo, em algumas línguas isso não acontece, havendo algumas restrições quanto à interação entre aspecto de ponto de vista e aspecto de situação. Acrescentam que a classe dos Estados é particularmente restrita translinguisticamente. Por exemplo, informam que há línguas em que a forma progressiva não se combina com eventualidades de Estado (cf. (39a) e (39b)) ou muda essa eventualidade de Estado para Atividade (cf. (39c) *versus* (39d)):

- (39) a. \*Maya is knowing the answer.  
 b. \*John is fearing ghosts  
 c. \*Maya is being asleep.  
 d. Maya is sleeping.

(Bhatt e Pancheva, 2005, p. 24)

De igual modo, em Hindi, o progressivo, ao se combinar com eventualidades de Estado, muda o tipo aspectual do predicado para eventualidade de Culminação:

- (40) a. ??Maya uttar jaan rahii hai.  
 Maya answer know Prog.f be.Prs  
 ‘Maya is coming to know the answer.’  
 b. ??Maya lambii ho rahii hai.  
 Maya tall.f be Prog.f be.Prs  
 ‘Maya is becoming tall.’

(Bhatt e Pancheva, 2005, p. 27)

Em contraste, a morfologia do imperfectivo se combina com Estado em Hindi, passando a denotar estado habitual:

- (41) a. Maya uttar jaan-tii hai.

Maya answer know-Hab.f be.Prs

‘Maya knows the answer.’

b. laRkiyaaN/??Maya lambii ho-tii hai.

Girls/Maya tall.f be-Hab.f be.Prs

‘Girls are (usually) tall./#Maya is usually tall.’

(Bhatt e Pancheva, 2005, p. 27)

Com relação à forma perfectiva de predicados estativos, Bhatt e Pancheva (2005) mencionam que, em línguas como o Grego (cf. (42)) e o Búlgaro (cf. (43)), a morfologia do perfectivo muda a eventualidade de Estado para Culminação:

(42) O Kostas *ayapise* tin Maria to 1991.

The Kostas love-PAST.PERFECTIVE.3SG the Mary in 1991.

‘Kostas fell in love with Mary in 1991.’

(43) Maria *obik-n-a* Kosta

Maria love-PAST.PERFECTIVE.3SG Kosta

‘Maria fell in love with Kosta.’

Segundo Bhatt e Pancheva (2005), uma explicação alternativa para as línguas eslavas seria a de que o prefixo ou o sufixo *n* contribui para telicidade, ou atuam como marcadores de telicidade, indicando a mudança de classe aspectual (cf. Filip, 2000 *apud* Bhatt e Pancheva, 2005). Explicitam que a telicidade, por sua natureza, remete à mudança de estado, e, conseqüentemente, é necessário que o alvo seja alcançado, como nas Culminações e Processos Culminados. Bhatt e Pancheva (2005, p. 28) observam, entretanto, que no búlgaro o prefix *n* é compatível com Atividade:

(44) Ivan *pis-n-a*

Ivan scream-PAST.PERFECTIVE.3SG

‘Ivan started screaming.’

Ressaltam ainda que, no chinês, a partícula *le*, embora seja considerada um marcador de ponto de vista perfectivo que não contribui para a telicidade, quando combinada com eventualidades de Estado, muda o tipo aspectual do predicado para Culminação:

- (45) Mali bing-le  
 Mali sick-LE  
 ‘Mali got sick’

(Bhatt e Pancheva, 2005, p. 28)

Os dados de (39) a (45) ilustram, portanto, a interação entre aspecto gramatical (as formas verbais ou partículas marcadoras de perfectividade ou imperfectividade) e o aspecto lexical (a classe aspectual dos predicados).

### 2.3 Síntese do Capítulo

Neste Capítulo, apresentamos algumas das principais propostas de análise de base aspectual encontradas na literatura em relação ao aspecto lexical e ao aspecto gramatical.

Quanto ao aspecto lexical, relacionamos separadamente as classes aspectuais e a discussão sobre o fato de a interpretação aspectual estar no V (verbo) ou no VP (sintagma verbal). Ao descrever os diferentes refinamentos que os autores dão para as classes aspectuais de Vendler (1967), percebemos que o critério que Rothstein (2004) propõe em termos de traços, especificamente no que diz respeito à possibilidade de mudança de tipo aspectual em decorrência da formação de classes naturais de predicados originadas pela composição dos traços [ $\pm$ estágios] e [ $\pm$  télico], pode-se constituir uma importante ferramenta para a descrição da interação entre o aspecto lexical e o gramatical no caso da alternância causativa.

Trata-se de diferentes domínios – o do léxico, que especifica as situações como terminadas ou não, e o da gramática, que remete à morfologia verbal e aos elementos linguísticos envolvidos na estrutura sintagmática da sentença, como os auxiliares aspectuais e os advérbios –, interagindo composicionalmente para a interpretação aspectual dos predicados.

## CAPÍTULO 3

### Proposta de Análise para o Licenciamento da Alternância Causativa

Neste capítulo, construímos nossa proposta de análise para o problema que estamos estudando, que é o licenciamento da alternância causativa. Dado que o significado verbal tem relação com a possibilidade ou não de um verbo alternar (cf. Levin e Rappaport-Hovav, 1995, 2005, 2010) e que propriedades semânticas dos verbos restringem a alternância sintática dos predicados, acreditamos que a natureza aspectual desses predicados tenha relação com o licenciamento da alternância causativa. Desse modo, propomos examinar as propriedades aspectuais tomadas como relevantes para a possibilidade de manifestação dos verbos causativos nas variantes transitiva e intransitiva.

#### 3.1 Síntese das propriedades semânticas e aspectuais discutidas na literatura apresentada

Nesta seção, apresentamos uma síntese das propriedades semânticas e aspectuais discutidas nos capítulos 1 e 2 desta dissertação, com o objetivo de dar sustentação para a proposta de análise que pretendemos desenvolver.

No que diz respeito às propriedades semânticas, entendemos que a teoria de decomposição do significado dos verbos ou da estrutura de eventos, utilizada por Levin e Rapaport-Hovav (1995, 2005, 2010) para explicar os comportamentos diversos dos verbos na projeção da estrutura argumental, permite reconhecer elementos do significado que são tomados como primitivos semânticos, expressos pelos predicados DO, CAUSE e BECOME, os quais são associados aos argumentos ou participantes (x e y) e à raiz dos verbos. No caso da alternância causativa, Levin e Rappaport-Hovav (1995, p. 83) assumem que verbos alternantes têm uma estrutura de evento tal que, submetida a regras de mapeamento (explicitadas no Capítulo 1), possibilita duas configurações sintáticas: a transitiva e a intransitiva:

- (1) a. [x DO SOMETHING] CAUSE [y BECOME STATE]



b. [y BECOME STATE]

Na proposta das autoras, a causa externa, representada em (1a) pelo argumento x associado ao subevento causador, pode deixar de ser expressa na sintaxe apenas se esse subevento não for lexicalmente especificado, isto é, se a entrada verbal não for lexicalmente especificada quanto à natureza da causa, o que dá origem à construção inacusativa em (1b). Isso explica por que a conceptualização do evento na construção inacusativa não envolve intervenção direta de um agente, o que indica que o evento é constituído como se ocorresse espontaneamente (cf. (2b)):

- (2) a. A ventania/ O João/ A pedra quebrou o vidro.  
b. O vidro quebrou.

Outra propriedade dos verbos que participam da alternância causativa, segundo as autoras, é que o subevento causado é associado ao argumento que sofre uma mudança de estado. Apesar disso, embora as autoras assumam que a propriedade de mudança de estado seja central para caracterizar os verbos causativos alternantes, observam que nem todos os verbos causativos transitivos de mudança de estado têm a variante intransitiva e alguns verbos intransitivos que não são verbos de mudança de estado têm uso transitivo causativo. A propriedade de mudança de estado é atualizada pelas autoras em termos da distinção entre as propriedades da raiz verbal: de resultado ou de maneira. Segundo elas (*op. cit.*, 2010, p. 4), verbos alternantes denotam eventualidades complexas que codificam estado resultante, cuja raiz de resultado é o argumento do predicado BECOME:

- (3) [[x ACT] CAUSE [y BECOME <RESULT-STATE>]]

Em outras palavras, as autoras apresentam, como propriedades semânticas que caracterizam a classe dos verbos causativos alternantes, a causação não especificada lexicalmente (a qual é associada ao argumento do subevento CAUSE na estrutura transitiva) e a mudança de estado (expressa por uma raiz de resultado e associada ao argumento do subevento BECOME).

Vimos, ainda, no Capítulo 1, que essas duas propriedades (causação e mudança de estado) recebem diferentes tratamentos nas propostas de autores brasileiros que trabalharam com a alternância causativa, em diferentes correntes teóricas. Souza (1999) adotando o

referencial teórico do léxico gerativo (cf. Pustejovsky, 1995), restringe a propriedade de causação nos predicados alternantes às causas potencialmente externas e trata a propriedade de mudança de estado em termos da noção de afetação.

Já Ciríaco (2007), adotando a Teoria Generalizada de Papéis Temáticos de Cançado (2003, 2005), propõe redes temáticas que distinguem os predicados alternantes dos não alternantes: desencadeador direto para verbos não alternantes {D/(C)/(direto); A} e desencadeador indireto para verbos alternantes {D/(C)/(indireto); A}, ambos com opcionalidade para controle, de forma que podemos ler as propriedades causação e mudança de estado, em termos dos papéis temáticos desencadeador indireto com opcionalidade para controle.

A noção de controle opcional, por sua vez, é tratada por Cançado e Godoy (2010) em termos de um refinamento da estrutura de eventos de Levin e Rappaport-Hovav, em que os primitivos ACT e CAUSE são marcados como opcionais na estrutura léxico-conceitual dos verbos – o que é representado formalmente pelos parênteses nas estruturas propostas por Cançado e Godoy (2010) para os verbos alternantes de mudança de estado *quebrar*, *preocupar* e *amadurecer*:

(4) *quebrar*: [[x (ACT)] CAUSE [y BECOME <QUEBRADO>]]

(5) *preocupar*: [[X] CAUSE [BECOME <PREOCUPADO>]]

(6) *amadurecer*: ([X] CAUSE) [BECOME <MADURO>]]

Concluimos, com relação às propriedades semânticas relativas à alternância causativa, que as propostas giram em torno da ideia de que a causação é subespecificada para os predicados alternantes (independentemente de isso ser tratado em termos das noções de causação externa *versus* interna, desencadeador direto *versus* indireto ou controle) e que o argumento interno da construção transitiva, que é o único argumento expresso na construção intransitiva, se caracteriza por uma mudança de estado (causada ou espontânea) – o que é tratado em termos da noção de afetação em algumas propostas de análise.

A propriedade semântica de afetação nos leva a buscar explicações de natureza aspectual para a alternância causativa, uma vez que essa propriedade do argumento interno vem sendo associada à codificação sintática da telicidade, que define classes de predicados quanto ao aspecto lexical (*Aktionsart*). Tendo isso em vista, apresentamos, no Capítulo 2,

propostas de análise do aspecto lexical – especificamente da propriedade de telicidade – na sintaxe.

Verkuyl (1993, 1999) propõe que o cálculo aspectual para identificar a propriedade de telicidade é realizado por meio do traço [ $\pm$ ADD TO] do verbo (eventualidades dinâmicas ou não dinâmicas) e do traço [ $\pm$ SQA] (quantificado ou não quantificado) do complemento. De acordo com o autor, a telicidade ou terminatividade do evento se dá somente se os dois traços forem positivos, ou seja: [+ADD TO] e [+SQA] = [+T]. Se qualquer um dos traços for negativo, a eventualidade será durativa.

Tenny (1987) examina a telicidade em termos da noção de delimitação do evento, sendo que essa propriedade envolve o evento descrito por um argumento afetado ou por um argumento oblíquo, em três situações: tema incremental, mudança de estado e argumento caminho (*PATH*).

Rothstein (2004) também argumenta que a estrutura incremental e o argumento caminho remetem à culminação da eventualidade e defende que a concepção de mudança de estado é aspectual, na medida em que se refere à mudança gradual denotada pela estrutura incremental – acepção diferente da noção de mudança de estado tomada semanticamente.

Ramchand (2008), diferentemente de Verkuyl (1993, 1999), não assume a quantificação como propriedade para diagnosticar a telicidade. Ao contrário, corrobora a análise de Rothstein com relação à noção de *PATH* e ressignifica a propriedade de causação com base na noção de *undergoer*, que seria a responsável por distinguir predicados causativos transitivos alternantes de predicados transitivos não alternantes, respectivamente para os verbos de mudança de estado como *dry* ‘secar’ e para os verbos de criação como *write* ‘escrever’.

## **3.2 Telicidade como propriedade licenciadora da alternância causativa**

Nesta seção, apresentamos a análise que Naves (2005) e Bassani e Scher (2006) fazem para a alternância causativa, no que diz respeito à propriedade aspectual de telicidade.

### **3.2.1 Naves (2005)**

Naves (2005) defende a composicionalidade dos traços [télico] e [mudança de estado] para o licenciamento da alternância causativa (incluindo na classe de verbos causativos os

predicados psicológicos do tipo de *preocupar*).<sup>15</sup> A autora explica que a motivação para uma análise em termos dos traços do verbo e do argumento interno diz respeito ao fato de que a sintaxe licencia a construção intransitiva, formada somente pelo verbo e seu argumento interno (alçado à posição de sujeito sintático), independentemente da associação desse predicado com um argumento externo. Dado que o traço do sintagma verbal tem estreita relação com a leitura aspectual, Naves (2005, p. 157) observa que, em relação à alternância, as classes aspectuais vendlerianas apresentam diferentes comportamentos:

(7) Estados

- a. João sabe inglês.
- b. \*Inglês sabe.

(8) Atividades

- a. João quebra coco na praia.
- b. \*Coco quebra na praia.

(9) Processos Culminados

- a. A cozinheira derreteu a manteiga.
- b. A manteiga derreteu.

(10) Culminações

- a. O menino quebrou a vidraça.
- b. A vidraça quebrou.

Segundo a autora, na proposta de traços de Smith (1991), o traço que distingue eventualidades de Estado (cf. (7)) e de Atividade (cf. (8)), de um lado, e eventualidades de Processo Culminado (cf. (9)) e de Culminação (cf. (10)), de outro, é o traço [télico]. Do exposto, a autora conclui que telicidade é um traço relevante para explicar a alternância

---

<sup>15</sup> Naves (2005) justifica essa inclusão com base no fato semântico de que os predicados psicológicos da classe de *preocupar* têm interpretação causativa (*João preocupa a mãe = João causa a mãe ficar preocupada*) e no fato sintático de que esses predicados alternam sintaticamente os seus argumentos, de maneira estruturalmente semelhante à dos predicados causativos canônicos:

- (i) a. João preocupa a mãe.  
b. A mãe se preocupa (com o João).
- (ii) a. O vento quebrou o copo.  
b. O copo se quebrou (com o vento).

sintática em (9) e em (10). Contudo, o fato de eventualidades de Processo Culminado e de Culminação, consideradas télicas, alternarem não significa que todas as sentenças desse tipo possam alternar, como nos exemplos de Culminação em (11) e de Processo Culminado em (12), retirados de Naves (2005, p. 159):

- (11) a. João atingiu o topo da montanha.  
 b. \*O topo da montanha (se) atingiu.
- (12) a. Os pescadores construíram a jangada.  
 b. \*A jangada construiu.

Segundo Naves (2005), a impossibilidade da alternância em (11) e (12) pode estar relacionada ao fato de o argumento interno desses predicados não receber a interpretação de mudança de estado, a única interpretação possível para esses predicados é a de delimitação do evento. Em suma, o que distingue predicados que alternam em (9) e (10) de predicados que não alternam em (11) e (12) é o traço de mudança de estado. Naves (2005) conclui que a composicionalidade dos traços [télico] e [mudança de estado] é relevante para o licenciamento da alternância, o que a autora expressa por meio do seguinte esquema (cf. (13a)):

- (13) a.  $V_{[télico]} + NP_{[+mudança\ de\ estado]} \rightarrow \surd alternância$   
 b.  $V_{[télico]} + NP_{[-mudança\ de\ estado]} \rightarrow *alternância$   
 c.  $V_{[atélico]} \rightarrow *alternância$

(Naves, 2005, p. 159)

O esquema mostra que, se o traço semântico [mudança de estado] não está presente (cf. (13b)) ou se o predicado não possui o traço [télico], a alternância sintática resulta agramatical.

### 3.2.2 Bassani e Scher (2006)

Bassani e Scher (2006) utilizam-se da classificação de traços temporais de Smith (1991), buscando identificar que traço aspectual é determinante para formar sentenças de

alternância ergativa, bem como a que categoria aspectual vendleriana pertencem os verbos que permitem esse tipo de construção.

Segundo as autoras, predicados de Estado, cujos traços são estativo, durativo e atélico, e predicados de Atividade, de traços dinâmico, durativo e atélico, se distinguem em relação ao traço estativo e ao traço dinâmico, respectivamente. Esses predicados não possuem o traço atélico, fato que os impede de participarem da alternância ergativa. Nesse sentido, o traço temporal estativo e o traço atélico são descartados na análise das autoras, restando desses traços apenas o traço durativo.

Para eventualidades de Processo Culminado, cujos traços são dinâmico, durativo e atélico, as autoras sugerem que essa categoria se constitui de verbos que denotam um processo e um resultado. Segundo elas, na estrutura interna desses predicados, a mudança de estado é a propriedade que caracteriza a telicidade, sendo essa mudança manifestada com diferentes resultados, tais como: (a) objetos afetados: *dobrar a camisa*; (b) objetos construídos: *escrever uma carta*; (c) objetos consumidos: *destruir uma casa*; (d) experienciadores afetados: *destruir a Maria*; (e) relação caminho-alvo: *caminhar para a escola*.

Já predicados de Culminação, de traços dinâmico, instantâneo e atélico, diferem dos predicados de Processo Culminado quanto ao traço instantâneo, traço esse que envolve um único estágio. Similarmente à categoria Processo Culminado, as autoras propõem para a mudança de estado dessas eventualidades os seguintes resultados: (a) objeto afetado: *perder um papel*; (b) objetos construídos: *imaginar uma cidade*; (c) objetos consumidos: *explodir a bomba*; (d) experienciador afetado: *ver um cometa*; e (e) relação caminho-alvo: *chegar a São Paulo*.

De acordo com Bassani e Scher (2006), a especificação dos traços durativo e instantâneo não é relevante para a sentença de alternância ergativa, uma vez que esse fenômeno ocorre tanto com eventualidades de Processo Culminado (durativas) – cf. (14) – quanto com eventualidades de Culminação (instantâneas) – cf. (15):

- (14) a. Maria encheu o galão.  
b. O galão encheu.
- (15) a. A Maria furou a bola.  
b. A bola furou.

(Bassani; Scher, 2006, p. 234)

Sendo assim, as autoras postulam que o único traço temporal comum às sentenças de alternância ergativa é o de telicidade.

Bassani e Scher (2006, p. 238) observam que, na ocorrência de um determinado objeto na sentença de Atividade, por exemplo, esse predicado passa a constituir um predicado télico. A quantificação do objeto em (16b), por exemplo, muda a categoria Atividade para a categoria Processo Culminado derivado. Contudo, as autoras mencionam que, mesmo tendo passado a denotar um evento télico, o predicado não alterna, como demonstra a sentença (16c). Isso explica, segundo as autoras, a não homogeneidade em relação ao comportamento de predicados pertencentes a uma dada categoria aspectual, como ilustrado a seguir:

- (16) a. Bruno leu gibis.  
 b. Bruno leu os gibis.  
 c. \*Os gibis leram.

Por fim, as autoras assumem a falta de uniformidade internamente em relação às categorias de Processo Culminado e de Culminação. Contudo, elas não se detêm nas razões para o não licenciamento da alternância, apesar de identificarem que eventualidades como a descrita em (16b) possuem os mesmos traços de sentenças como (14a) e (15a). Desse modo, mencionam a possibilidade de haver outras propriedades das sentenças que estão em jogo, quais sejam, as propriedades do argumento agentivo ou as do tipo do objeto.

Em síntese, Naves (2005) e Bassani e Scher (2006) tratam da telicidade em suas análises para a alternância com base nos traços temporais propostos por Smith (1991). Contudo, Naves (2005) explica que a falta de uniformidade quanto ao comportamento das eventualidades de Culminação e de Processo Culminado está relacionada ao traço de mudança de estado (em oposição à noção de delimitação do evento). Diferentemente, Bassani e Scher (2006), embora especifiquem a estrutura interna dos predicados de Processo Culminado e de Culminação em termos de mudança de estado denotada por várias formas de resultado, ao se depararem com a assimetria de comportamento desses predicados, sugerem que a causa desse comportamento heterogêneo pode residir nas propriedades do argumento agente (volicionalidade ou controle) ou do argumento objeto (em termos do tipo de resultado denotado).

Tendo em vista esses dois trabalhos, para a análise que vamos desenvolver, adotamos a ideia de que telicidade é um traço relevante para o licenciamento sintático da alternância causativa, o qual deve ser checado por um núcleo funcional na estrutura.

### 3.3 Mudança de classe aspectual dos predicados

Nesta seção, voltamos ao nosso problema de pesquisa para mostrar que não apenas as propriedades do argumento interno atuam na mudança de classe lexical dos predicados (como demonstrado na seção anterior pelos dados em (16)), mas também elementos de natureza gramatical, como os afixos verbais, os verbos auxiliares e aspectuais e alguns advérbios, podem alterar a classe aspectual dos predicados, favorecendo ou não a alternância sintática. Nosso objetivo nesta seção consiste em examinar a atuação desses operadores aspectuais nas construções, bem como verificar que tipo de interferência esses operadores exercem na leitura aspectual nos predicados.

Antes de iniciarmos essa discussão, recordamos que o problema consiste em distinguir formalmente três comportamentos dos verbos: a classe de *quebrar* participa da alternância causativa sem a exigência de modificadores ou de um tempo verbal específico – cf. (17) –; a classe de *limpar* só admite a alternância causativa quando em um tempo verbal perfectivo ou quando o predicado está modificado por um auxiliar/aspectual ou um adverbial, conforme já apontaram Naves e Lunguinho (2008) – cf. (18) –; e a classe de *escrever* não participa da alternância causativa, nem mesmo com a presença de perfectivo ou de modificadores – cf. (19):

(17) a. João quebrou/quebrava as vidraças.

b. As vidraças quebraram/quebravam.

(18) a. Maria limpou a casa.

b. \*A casa limpou.

c. ?A casa (já) limpou.

d. A casa está limpando.

(19) a. Maria escreveu uma novela.

b. \*Uma novela escreveu.

c. \*Uma novela (já) escreveu.

d. \*Uma novela está escrevendo.



Com base nos dados acima, levantamos a hipótese de que há elementos linguísticos que atuam nessas estruturas de modo a permitir que uma estrutura que originalmente não alternava passe a ser licenciada. Esses elementos são os afixos, auxiliares e advérbios, que passamos a descrever em seguida, do ponto de vista da interpretação aspectual do predicado (o que implica pensar a interação entre aspecto lexical e gramatical, já descrita na seção 2.2 desta dissertação).

### 3.3.1 Os afixos verbais

No português, a flexão nas formas simples dos verbos opera em duas categorias morfossintáticas: a flexão de tempo-modo-aspecto, que codifica morfologicamente informação sobre essas três categorias, e a flexão de pessoa e número, que codifica a concordância com o sujeito oracional. A morfologia flexional tem papel importante na análise do nosso problema de pesquisa, na medida em que acarreta a distinção aspectual entre perfectivo e imperfectivo que é codificada, por exemplo, pelas formas verbais do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito, respectivamente. Vale ressaltar que, embora o mesmo morfema codifique tempo e aspecto, é preciso estabelecer a distinção entre essas duas categorias. De um lado, a categoria gramatical tempo se encarrega da constituição temporal externa da situação; de outro lado, a categoria gramatical aspecto designa os diferentes modos de perceber a constituição temporal interna da situação.

No dado referente à alternância que denota eventualidade de Processo Culminado em (18a) *Maria limpou a casa*, a morfologia verbal dá o valor perfectivo à expressão, o que implica a noção semântica de eventualidade acabada ou completa.<sup>16</sup>

Tomando a noção do aspecto de ponto de vista de Smith (1991), é possível ver a eventualidade no todo, o que caracteriza a telicidade. Porém, a perfectividade não está restrita somente a eventualidades télicas, Wachowicz e Foltran (2007, p. 227) mostram que a morfologia flexional marca a perfectividade das sentenças mesmo que o VP seja atélico, como denotado com verbos de Estado (cf. (20a)) ou de Atividade (cf. (20b)):<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Comrie (1976) ressalta que essa afirmação é mais precisa quando contrastada com a forma imperfectiva, pois o imperfectivo indica situação em progresso e o perfectivo indica situação que tem um fim. Essa observação se deve a outras possibilidades de interpretação em que mostra uma situação que não se concretizou, como em *He persuaded me for a long time, but didn't persuade me* ('Ele me convenceu por longo tempo, mas não me convenceu').

<sup>17</sup> As autoras mencionam que as línguas eslavas apresentam um sistema verbal em que os verbos, lexicalmente, se classificam em dois grupos distintos: os perfectivos e os imperfectivos (cf. Nadalin, 2005). Segundo elas, no dicionário português-polonês é comum encontrar para determinado verbo em português, pelo menos, dois verbos correspondentes em polonês. Por exemplo, o verbo *escrever* corresponde em polonês pelo menos a dois verbos –

- (20) a. Um dia, João soube matemática.  
 b. As crianças empurraram o carrinho.

As autoras (*op. cit* 2007, p. 227) ainda argumentam que, mesmo com VPs télicos de Processo Culminado em (21a) e de Culminação em (21b), em que a quantificação do NP objeto não tem cardinalidade específica, o valor aspectual será perfectivo. Para as autoras, esses dados explicitam que há sobreposição de valores semânticos que, composicionalmente, vão se integrando na sentença:

- (21) a. A Lígia preparou aula.  
 b. A Fernanda encontrou canetas.

As autoras apontam que o fato de o valor perfectivo, marcado pela flexão verbal do pretérito perfeito, ser identificado tanto em VPs atélicos quanto em VPs télicos indica que as instâncias lexicais e gramaticais atuam em diferentes domínios.

Entretanto, é preciso reconhecer que, em determinados contextos, perfectividade e telicidade parecem se sobrepor. Conforme abordamos anteriormente, o tempo pretérito perfeito delimita a situação descrita por meio de um ponto final, que pode ser interpretado como o ponto télico. Já a forma verbal do presente do indicativo marca situação em andamento, eliminando qualquer possibilidade de interpretação de término da eventualidade, fato que impede que verbos como *limpar* alternem:

- (22) a. Maria limpa a casa.  
 b. \*A casa limpa.

Para Comrie (1976), o presente é dêitico por representar o momento da fala. Por isso, quando aplicado principalmente a Estados e Atividades, esse tempo verbal dá homogeneidade às eventualidades, sinalizando uma situação atemporal que se estende no tempo. Nesse sentido, do ponto de vista aspectual, esse tempo assinala alterações aspectuais com ideia de habitualidade, que podemos verificar nas seguintes situações: (i) Atividade, como em *A Maria corre*; (ii) Processo Culminado, *A Maria lê um livro*, *A Maria lê um livro todas as semanas*;

---

*pisać* e *napisać*, sendo o primeiro imperfectivo e o segundo perfectivo. No polonês, alguns verbos derivam da forma imperfectiva por meio do acréscimo do prefixo *na*.

(iii) Culminação, como em *O Maria ganha a corrida todos os anos*. Ressalte-se que a interpretação de habitualidade é compatível com o uso de adverbiais.

Segundo Wachowicz (2003, 2005), o presente caracteriza duratividade, homogeneidade, que são marcas de imperfectividade. No dado em (22a), podemos dizer que a presença do tempo presente indica que a sentença é tomada como habitual. Podemos notar que se acrescentarmos um adverbial ao predicado, esse adverbial pode ter a função tanto de delimitar a eventualidade quanto de não delimitá-la, como respectivamente em *Maria limpa a casa em 2 horas* e *Maria limpa a casa sempre*.

O fato, com relação aos dados de (17) a (19), é que a morfologia de perfectivo parece atuar em (18c) no sentido de produzir uma operação de mudança de tipo (cf. Rothstein, 2004) de Atividade para Processo Culminado – ou seja, de evento atélico para télico. Isso seria possível, na nossa análise, porque *a casa* se caracteriza pelo traço [mudança de estado], o qual só é ativado, para efeitos da alternância, quando o predicado é interpretado como télico (cf. Naves (2005) e esquema transcrito em (13) neste Capítulo).

No caso dos verbos da classe de *quebrar*, o presente, quando associado a modificadores de natureza adverbial, faz a operação contrária: muda um evento de Culminação em Atividade, o que resulta na agramaticalidade da alternância, como no caso do exemplo de Naves (2005), transcrito em (8) neste Capítulo.

A situação dos verbos da classe de *escrever* é distinta, uma vez que o argumento interno desses predicados não carrega o traço [mudança de estado], portando, em vez disso, a interpretação de delimitação de evento ou de objeto construído (no sentido de Bassani e Scher (2006)). Na nossa análise, esse fato impediria a alternância sintática, independentemente da interação com a morfologia verbal.

### 3.3.2 Os verbos auxiliares e aspectuais

Os verbos auxiliares e os aspectuais veiculam conteúdos gramaticais que, além de compreenderem as noções tempo-modo-aspecto e número-pessoa, abrangem também a estrutura interna do evento, conforme verificado nos enunciados (23b-d), em oposição a (23a):

- (23) a. O operário constrói o prédio.  
 b. O operário está construindo o prédio.  
 c. O operário começa a construir o prédio.

d. O operário continua a construir o prédio.

Em (23a) tem-se a forma mais básica que denota o tempo presente, modo indicativo e 3ª pessoa do singular. Em (23b) ocorrem as noções gramaticais de (23a), acrescidas de mais especificação da estrutura interna do predicado, a forma progressiva. Em (23c), a eventualidade de construir é focalizada do início do processo e, em (23d), construir é um ato que tem início em momento anterior e se estende até o presente.

Parece que o fator determinante para que um verbo seja caracterizado como auxiliar é a sua seleção categorial (c-seleção), fato que indica que a classe dos auxiliares se restringe a verbos que subcategorizam infinitivo (cf. (24a)), gerúndio (cf. (24b)) e particípio (cf. (24c)):

- (24) a. A garota vai estudar.  
 b. A garota está estudando.  
 c. A garota tinha/havia saído.

Em relação ao licenciamento da alternância, o dado em (18d), *A casa está limpando*, mostra que a morfologia do progressivo (estar + gerúndio) influencia a classe aspectual do predicado, uma vez que a alternância passa a ser gramatical (em oposição a (18b), *A casa limpou*). A nossa explicação para esse fato é que, embora o progressivo tenha a propriedade de bloquear o ponto télico, interrompendo a culminância da eventualidade, o que mostra que a leitura do progressivo não abrange pontos extremos como no perfectivo, cria-se a expectativa de que esse ponto télico exista, ou seja, a perspectiva inconclusa do evento é tomada a partir da pressuposição de que o evento teria um ponto final previsível. Desse ponto de vista, a expressão *A casa está limpando* não implica que a casa foi limpa, pois a progressividade denota eventualidade em curso, mas implica que o evento se interrompe antes de atingir um ponto final pressuposto, o que está associado à mudança de estado da casa.<sup>18</sup> Portanto, a morfologia *-ndo* opera na sentença produzindo um valor durativo, próprio dos predicados dinâmicos – Processo Culminado e Culminação –, o que resulta na possibilidade de mudança de tipo aspectual da classe do verbo (no caso do verbo *limpar* em (18)), de Atividade para Processo Culminado.

<sup>18</sup> Argumentamos com Smith (1991) que há inferência de um ponto final que é licenciado pela informação visível, como mostra a ilustração em (28) do capítulo 2. De outro modo, o imperfectivo, que caracteriza situação aberta, pode ser compatível tanto com situação que continua como também com a que ainda não se completou (como no caso do evento télico). A autora mostra que há situações que são restritas à imperfectividade, não havendo a possibilidade da forma perfectiva, como em *Mary was walking to school but she didn't actually get there* e *\*Mary walked to school but she didn't actually get there*.

O uso do progressivo parece depender da interpretação do predicado, seja para diagnosticar situações de característica permanente (predicados estativos), seja para identificar situações de características transitórias de afetação/mudança de estado (predicados eventivos). Nesse caso, a ocorrência do progressivo com verbos da classe de *escrever* não resulta no licenciamento da alternância pela mesma razão explicitada anteriormente, com relação ao uso do perfectivo: o argumento interno de um verbo dessa classe não possui o traço relevante de [mudança de estado].

Da mesma forma, os auxiliares aspectuais, também denominados operadores aspectuais, têm sido descritos como verbos indicadores de fases do evento, quais sejam: o início em (25a), o desenvolvimento, em (25b), e o fim, em (25c):

- (25) a. A Maria começou a andar.  
 b. A Maria continua andando.  
 c. A Maria terminou de andar.

A esse respeito, Lunguinho (2005) observa que verbos como *começar*, *continuar* e *terminar* selecionam predicados que contêm a noção de fase em sua estrutura aspectual interna, de maneira que é possível identificar o ponto inicial, a progressão e a culminação (ponto final) dos eventos com os quais se combinam. Interessantemente, são verbos que, quando usados como núcleos de predicado, permitem a alternância causativa:<sup>19</sup>

- (26) a. Pedro começou a palestra às quatro.  
 b. A palestra começou às quatro.
- (27) a. Pedro continuou a palestra (após o incidente).  
 b. A palestra continuou (após o incidente).
- (28) a. Pedro terminou a palestra às seis.  
 b. A palestra terminou às seis.

Construções com os operadores aspectuais podem, portanto, alterar o valor aspectual básico dos predicados (cf. Mira Mateus *et al*, 2003). Em relação à alternância para verbos do

---

<sup>19</sup> A esse respeito, ver o trabalho de Rech (2011).

tipo *limpar*, a análise é a mesma que vimos desenvolvendo: o traço de [mudança de estado] do argumento interno permite ler o evento como passível de culminação (correspondente ao momento em que a mudança de estado se completa). Nessa perspectiva, os aspectuais criam uma pressuposição de ponto final do evento (no caso de *começar* e de *continuar*) ou apontam especificamente para esse ponto final (no caso de *terminar*). Em outras palavras, uma eventualidade descrita com o verbo aspectual *terminar* pode deixar de ser Atividade para ser um Processo Culminado, como em *A casa terminou de ser limpa*.

### 3.3.3 Os adverbiais

Para Smith (1991), as expressões adverbiais especificam a localização temporal da eventualidade, contribuindo para o significado aspectual da sentença. As expressões adverbiais interagem diretamente com o sistema aspectual por meio das seguintes denotações de localização: os advérbios *ontem*, *antes* etc; de duratividade: as expressões *por uma hora*, *de uma hora até às 3 horas* etc; de completude: as expressões *em uma hora*, *dentro de uma hora* etc; de frequência: os adverbiais *frequentemente*, *nunca*, *três vezes por semana*, *toda semana* etc.

Com relação à alternância, podemos verificar esses quatro tipos de denotação dos adverbiais licenciando a construção intransitiva: adverbiais de localização (29a), de duratividade (29b), de completude (29c) e de frequência (29d):

- (29) a. A casa do Paulo limpou ontem de manhã.  
 b. A casa limpa durante a manhã.  
 c. A Rosa disse que essa casa limpa em duas horas.  
 d. A casa limpa todos os dias.

Quanto ao advérbio *já*, que ocorre no dado (18c), ?*A casa já limpou*, Azeredo (2008) diz que os sintagmas verbais podem ser modificados por meio de elementos adverbiais temporais como o advérbio *já*, cuja função é marcar o contraste entre as etapas inicial e final do processo. Para Travaglia (1994), a inserção desse advérbio parece sempre reforçar o perfectivo e o acabado, o que indica que o adjunto adverbial teria papel relevante na determinação do aspecto na sentença.

Em suma, a nossa proposta é que a mudança de tipo aspectual do predicado depende da qualidade específica do predicado e da presença de certos elementos linguísticos

introduzidos na sentença, os quais atuam gramaticalmente no sentido de captar os traços disponíveis na sintaxe e reorganizá-los de maneira a alterar a classificação aspectual do predicado, criando as condições específicas para o licenciamento da alternância causativa. Corroboramos a proposta de Naves (2005) de que esses traços são [telicidade] e [mudança de estado], o que exclui desse contexto predicados télicos cujo argumento interno carrega outras interpretações que não a de mudança de estado, como no caso do verbo *escrever*, que não licencia a alternância mesmo com a inserção de modificadores adverbiais:

- (30) a. Anita escreveu uma nova novela.  
 b. \*Uma novela já escreveu.  
 c. \*Uma novela escreve(u) todo dia.

Nesse sentido, podemos nos valer da explicação de Wachowicz (2011), segundo a qual o primitivo de incrementalidade em posição de objeto, que não aparece em certos verbos como *quebrar*, mas aparece em verbos como *escrever*, oferece restrição semântica ao fenômeno da alternância. A autora argumenta ainda que, subjacentemente à noção de incrementalidade do objeto direto está o traço *PATH*, que descreve a trajetória do evento de movimento de *escrever*.

### 3.4 Nossa proposta de análise

Temos defendido ao longo de toda a pesquisa que na construção do valor aspectual de um enunciado interagem a natureza aspectual da relação predicativa, o tempo gramatical e outros elementos eventualmente presentes na sentença, tais como os verbos auxiliares e aspectuais e certos adverbiais. Nesta seção, objetivamos dar um tratamento formal a esse conjunto de propriedades que interage na sentença produzindo o licenciamento da alternância causativa.

#### 3.4.1 Motivação para a existência de dois núcleos funcionais na alternância causativa

No desenvolvimento da nossa proposta de análise, assumimos que há duas projeções funcionais responsáveis pela codificação das propriedades aspectuais da sentença: Asp, que codifica aspecto lexical (especificamente telicidade), e T, que codifica aspecto gramatical

(além de codificar a categoria tempo, propriamente dita). Partindo do pressuposto de que verbos da classe de *quebrar* participam da alternância causativa, verbos da classe de *limpar* admitem essa alternância em contextos sintáticos modificados e verbos da classe de *escrever* não admitem alternância nem mesmo em contextos sintáticos específicos, desenvolvemos a hipótese de que essas duas projeções operam conjuntamente no licenciamento da alternância causativa, o que se reflete na interação entre elementos gramaticais e classes aspectuais e dá origem às operações de mudança de tipo aspectual dos predicados.

Essa hipótese de que predicados que alternam causativamente projetam duas categorias funcionais – T e Asp – tem por base os trabalhos de Naves (1998) para a alternância de predicados psicológicos e de Silva (2011) para o estudo dos verbos que participam (ou não) da alternância causativa e média.

Naves (1998, p. 80), em sua análise sobre a ocorrência da alternância nos predicados psicológicos – cf. dados em (31) a seguir – adota a proposta de Lobato (1998) de que as projeções funcionais da estrutura gramatical subjacente às construções sintáticas das línguas naturais são o sintagma temporal (TP) e o sintagma aspectual (AspP). Naves (1998) utiliza-se da noção de bieventualidade das estruturas causativas (Levin e Rappaport Hovav, 1995). No trabalho da autora, a interpretação dos predicados com argumento Experienciador na posição de objeto (cf. (31a)) implica a existência de um subevento referente ao processo de causação e de um subevento referente à experiência psicológica (à qual se vincula a noção de mudança de estado). Cada um desses subeventos está associado, respectivamente, aos argumentos Causador e Experienciador, o que está ilustrado na representação em (31a’):

- (31) a. João preocupou a Maria.  
b. A Maria se preocupou com o João.

- (31) a’. [E<sub>1</sub>João causou [E<sub>2</sub>a Maria se preocupar]]

Naves (1998, p. 80)

Dado que a alternância apresentada pelos predicados psicológicos do português envolve uma estrutura com o argumento Experienciador na posição de objeto e o Causador na posição de sujeito, Naves (1998) define, para a configuração sintática das estruturas dos predicados psicológicos alternantes, duas posições de especificadores disponíveis para os sintagmas nominais argumentos dos verbos causativos psicológicos: [spec, AspP], ocupada pelo Experienciador, e [spec, TP], ocupada pelo Causador.



Destacamos também o trabalho de Silva (2011, p 11) que analisa a diferença entre verbos que formam construções ergativas e médias (cf. (32)) e verbos que só formam construções médias (cf. (33)):<sup>20</sup>

- (32) a. João abriu a porta.  
 b. A porta abriu.  
 c. Essa porta abre facilmente.
- (33) a. João pintou a janela.  
 b. \*A janela pintou.  
 c. Essa janela pinta rapidamente.

Para Silva (2011), o núcleo Asp codifica o traço aspectual dos predicados que alternam causativamente e o núcleo T codifica o traço semântico Modo/Instrumento. Silva (2011) adota a proposta de Salles e Naves (2009), segundo a qual na estrutura conceitual-lexical de verbos do tipo *pintar* está prevista a informação semântica Modo/Instrumento. Esses verbos pressupõem um instrumento, mesmo quando não expresso fonológica e sintaticamente na sentença, em oposição a verbos como *abrir*, que não pressupõem um instrumento, sendo possível dizer algo como *A porta abriu sozinha*.

Em sua análise, Silva (2011) assume que o traço relevante que distingue construções ergativas, como (34a), de construções médias, como (34b) e (35), é o traço télico. Segundo ela, a presença desse traço nas construções ergativas atribui interpretação eventiva com tempo específico ao evento e leitura de afetação ao argumento interno, diferentemente do que ocorre nas construções médias, que denotam interpretação estativa sem especificação de tempo e com leitura de propriedade do argumento interno. A autora propõe que o núcleo funcional Asp codifica a propriedade de evento nas construções ergativas, dando conta do traço aspectual lexical de telicidade e defende que predicados do tipo *abrir*, que alternam tanto na construção ergativa quanto na média, podem ou não projetar AspP (além de T), enquanto os do tipo *pintar*, que só alternam na construção média, só projetam T, como ilustrado em (34) e em (35), respectivamente:

---

<sup>20</sup> Lembramos que as construções ergativas constituem o que estamos chamando de alternância causativa e, portanto, correspondem ao nosso objeto de estudo nesta dissertação.

(34) Verbos do tipo de *abrir*a. Alternância ergativa: [TP Essa porta<sub>j</sub> abriu<sub>k</sub> [AspP t<sub>j</sub> t<sub>k</sub> [VP t<sub>k</sub> t<sub>j</sub>]]]b. Alternância média: [TP Essa porta<sub>j</sub> abre<sub>k</sub> [[VP t<sub>k</sub> t<sub>j</sub>]]](35) Verbos do tipo de *pintar*Alternância média: [TP Essa porta<sub>j</sub> pinta<sub>k</sub> [[VP t<sub>k</sub> t<sub>j</sub>]]]

Silva (2011, p. 83)

Por fim, Silva (2011) aponta como consequência dessa análise (entre outras) o fato de que o núcleo Asp, além de ser considerado objeto de variação translinguística, também é objeto de variação intralinguística, podendo, em relação a essa última, ocorrer em algumas construções, mas não em outras, a depender os traços aspectuais lexicais dos verbos, e que as construções alternantes e as médias são sintaticamente distintas, embora sejam superficialmente semelhantes.

Em suma, os trabalhos de Naves (1998) e de Silva (2011) reforçam a nossa proposta de que no licenciamento da alternância causativa estão envolvidos esses dois núcleos funcionais – T e Asp.

### 3.4.2. T e Asp como responsáveis pela codificação de aspecto gramatical e de aspecto lexical

Nessa análise, defendemos, portanto, que a projeção Asp codifica a propriedade de telicidade (aspecto lexical ou aspectualidade interna – cf. Verkuyl (1993, 1999)) e a projeção T codifica (im)perfectividade (aspecto gramatical ou aspectualidade externa – cf. Verkuyl (1993, 1999)). Nesse sentido, acreditamos ser relevante apresentar as propostas de alguns autores em relação à checagem da telicidade.

van Hout (2000, p. 242) menciona que outros elementos, além do verbo, determinam o tipo de evento do predicado, incluindo-se prefixos, partículas, sintagmas preposicionais, etc. Com base nisso, argumenta que os modificadores temporais do holandês – *jarenlang* (por anos) e *in een jaar* (em um ano) – revelam, respectivamente, eventualidades atélicas – cf. (36a) – e télicas – cf. (36b):

(36) a. Elena heeft jarenlang/\*in een jaar geschreven.

Elena has years-long/\*in a year written

‘Elena wrote for years/\*in a year.’

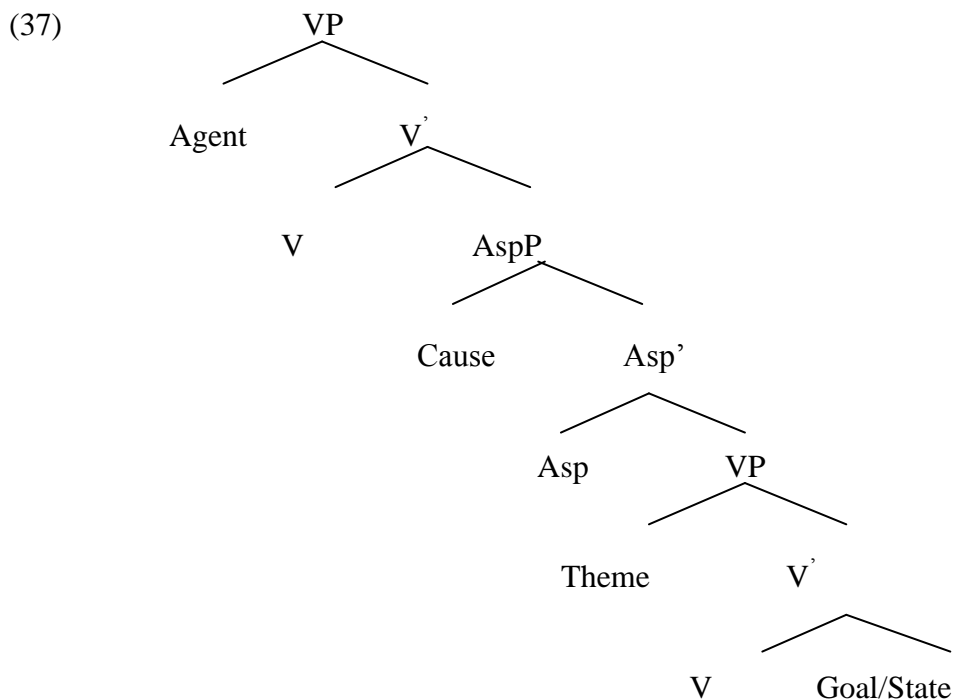
b. Elena heeft \*jarenlang/in een jaar haar boek geschreven.

Elena has \*years-long/in a year her book written.

‘Elena wrote her book \*for years/in a year.’

A autora observa que a presença do objeto direto é condição para a interpretação de telicidade e que os argumentos oblíquos ou a forma intransitiva do verbo não desencadeiam essa interpretação. Nesse caso, somente a estrutura em (36b), de eventualidade de Processo Culminado, descrita na forma transitiva, é considerada pela autora como télica, tendo em vista a presença do objeto direto, com valor incremental. Dado isso, ela sugere que telicidade é um traço morfossintático que, introduzido na derivação, deve ser checado. A autora menciona os trabalhos de Borer (1994) e de van Hout (1996), e sugere que, em sua análise, essa checagem ocorre em AgrOP, ou seja, o argumento em Spec, AgrO é associado ao participante do evento responsável pela culminação da eventualidade.

Para a nossa análise, entretanto, consideramos de van Hout (2000) somente a intuição de que telicidade é um traço formal que precisa ser checado sintaticamente, mas descartamos a ideia de que a posição de checagem é AgrOP, uma vez que estamos observando que não apenas o argumento interno direto, mas também outros constituintes podem operar mudanças de tipo aspectual nos predicados em análise nesta dissertação. Assumimos, com autores como Travis (2010, p. 141), que eventualidades de Processo Culminado são subjacentemente Atividade com ponto final definido. Segundo a autora, essa complexidade semântica pode ser representada por uma estrutura sintática complexa, como a de (37):



Nessa estrutura, Asp é o ponto onde a culminação ou o argumento do predicado BECOME é codificado. Ou seja, em Asp o traço de telicidade é computado. A autora ressalta que vários elementos entram nessa computação – o núcleo do verbo, o objeto e o alvo ou resultado –, excluindo-se dela o argumento externo.

### 3.4.3 Interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical no licenciamento da alternância causativa

Em nossa pesquisa, sugerimos que a interação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical licencia a alternância causativa com verbos do tipo *limpar*, mediante a inserção de elementos gramaticais que atuam como modificadores da classe aspectual desses verbos. Adotando a proposta de estrutura de Travis (2010) para o licenciamento da propriedade de telicidade, podemos concluir que esses elementos gramaticais operam sobre a categoria Asp, inserindo um ponto final para a eventualidade e, com isso, alterando a classe aspectual do predicado, de Atividade para Processo Culminado – o que está de acordo com a intuição de Naves e Lunguinho (2008), para quem a possibilidade de alternância com esses predicados diz respeito à interpretação do evento do ponto de vista do processo em si ou da culminação.

Na nossa análise, assim como na de Silva (2011), verbos do tipo *quebrar* projetam tanto os núcleos Asp quanto T na construção causativa. Portanto, verbos do tipo *quebrar* alternam porque apresentam as propriedades de telicidade (eventualidade de Culminação) e de

mudança de estado, as quais produzirão, no âmbito da categoria AspP, a interpretação relevante para licenciar a alternância causativa. Contudo, se a eventualidade descrita pelo verbo *quebrar* for apresentada na forma verbal do presente (que denota marcas de imperfectividade), acompanhada de um elemento adverbial, como nos dados *João quebra coco na praia/ \*Coco quebra na praia*, retirados de Naves (2005) e transcritos em (8) neste Capítulo, a alternância não ocorre porque a presença simultânea de imperfectivo em T e de um modificador adverbial operando sobre Asp impede a codificação da propriedade de telicidade (não sendo a propriedade de mudança de estado suficiente para licenciar a alternância, conforme apontado por Naves (2005)). Cabe lembrar que, assim como a forma perfectiva, a forma imperfectiva por si só não muda a leitura aspectual da sentença, sendo necessária a coocorrência, mesmo implícita, de outros elementos linguísticos que produzem a mudança do tipo aspectual do predicado.

Para a classe de verbos de tipo *escrever*, consideramos, seguindo Silva (2011) que apenas T é projetado, uma vez que esses verbos denotam o acarretamento de delimitação ou de objeto construído (cf. Bassani e Scher, 2006), o que não favorece a alternância. Argumentamos com Wachowicz (2011) que o primitivo *PATH* que esses verbos carregam bloqueia a alternância. Postulamos que, nesses casos, *PATH* produz a interpretação de telicidade inerentemente, de maneira que o traço não precisa ser checado em Asp. Esses predicados não projetam Asp, e os elementos acrescentados à estrutura sintática não mudam a classe aspectual dos predicados, pois são inerentemente delimitados pela noção de *PATH*. Desse modo, a alternância não pode ser licenciada, mesmo assim nesses contextos.

Por fim, para a classe de verbos do tipo *limpar*, que a princípio são predicados atélicos e, portanto, não alternam porque não projetam AspP, argumentamos que a presença de certos elementos linguísticos inseridos na estrutura desses predicados possibilitam a projeção de um núcleo Asp sobre o qual se opera uma mudança de tipo aspectual. Isso é possível porque nesses predicados o argumento interno tem a propriedade de mudança de estado, semelhantemente a verbos do tipo *quebrar*.

Em síntese, a diferença entre os verbos *quebrar*, *escrever* e *limpar* deve-se ao fato de que o primeiro alterna porque codifica T e Asp, onde há a checagem de traços de telicidade e de mudança de estado; o segundo não alterna porque codifica apenas T, pois a eventualidade já é inerentemente delimitada pelo primitivo *PATH*, não sendo necessária a projeção de Asp para a checagem de telicidade; e o terceiro, que envolve uma eventualidade em princípio atélica, mas com mudança de estado do argumento interno, pode opcionalmente projetar Asp, quando da inserção de elementos linguísticos que contribuem para a mudança de tipo

aspectual, cuja operação ocorre sobre a projeção Asp, de maneira a possibilitar a interpretação de telicidade e a licenciar, por consequência, a alternância causativa. Fica em aberto, nesta pesquisa, a identificação da posição sintática em que esses elementos linguísticos (especialmente os de natureza adverbial) são projetados, definindo-se, apenas, que se trata de uma posição acima de AspP, que deve estar sob o domínio desses elementos, a fim de que a operação de mudança de tipo aspectual possa ocorrer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação investigou a relação entre o aspecto lexical e o aspecto gramatical no licenciamento da alternância causativa, em que podem ser identificados três tipos de comportamento, conforme demonstrado por meio das classes de verbo de tipo *quebrar*, *limpar* e *escrever*.

Para identificar as propriedades semântico-lexicais dos verbos que participam da alternância, expusemos a proposta formulada por Levin e Rappaport-Hovav (1995, 2005, 2010) de que o comportamento do verbo, no que se refere à expressão sintática de seus argumentos, é determinado pelo seu significado. Sob essa perspectiva, as autoras propõem um modelo de representação semântico-lexical composto pelos subeventos CAUSE, BECOME e pela raiz STATE, em que o causador é associado ao subevento CAUSE e o argumento que representa a mudança de estado é associado ao subevento BECOME. De acordo com as autoras, o elemento CAUSE precisa ter natureza não especificada para que seja licenciada a alternância. Os trabalhos de autores brasileiros sobre o tema da alternância causativa, entre os quais resenhamos Souza (1999), Ciríaco (2007), Cançado e Godoy (2010), serviram de base para nossa pesquisa.

No Capítulo 2, propusemos descrever o comportamento sintático de verbos causativos com base na propriedade aspectual de telicidade, apontada nos trabalhos de Naves (2005) e de Bassani e Scher (2006) como relevante para a alternância causativa. Para construir a nossa argumentação, descrevemos as classes aspectuais de Vendler (1967) e o refinamento que autores como Tenny (1987), Smith (1991) e Rothstein (2004) dão para essas classes em termos de traços, observando que o traço temporal comum às classes aspectuais de predicados que alternam é o traço télico. Apresentamos também algumas das análises encontradas na literatura a respeito da interpretação composicional do aspecto lexical – cf. Verkuyl (1993, 1999), Tenny (1987), Rothstein (2004) e Ramchand (2008). Nossa proposta para o licenciamento da alternância causativa foi descrita no Capítulo 3.

Ao retomarmos nosso problema de pesquisa ratificamos a importância da interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical na alternância causativa, na medida em que elementos de natureza gramatical, como os afixos verbais, os verbos auxiliares e aspectuais e alguns advérbios atuam sobre as propriedades lexicais dos predicados, produzindo uma mudança de classe aspectual. Sugerimos, seguindo Silva (2011), que construções alternantes projetam Asp e construções não alternantes projetam apenas T.

Desse modo, propusemos que verbos da classe de *quebrar* alternam, pois checam a propriedade lexical de telicidade no núcleo Asp. Do contrário, verbos da classe de *escrever* acarretam a noção *PATH* que, inerentemente, delimita a eventualidade, sendo desnecessária a projeção de Asp para checagem de telicidade – isso bloqueia a alternância, uma vez que apenas o núcleo T é projetado. Já verbos da classe de *limpar* têm um comportamento diferente, pois passam de não alternantes para alternantes, o que se deve aos elementos gramaticais inseridos nesses predicados, os quais operam sobre a categoria Asp, alterando, assim, a classe aspectual do predicado.

Esperamos que esta pesquisa contribua para os estudos sobre a alternância causativa, especificamente no que diz respeito à interação entre traços aspectuais de natureza lexical e gramatical que atuam no licenciamento dessa alternância, e que contribua também para o entendimento da interação entre aspecto lexical e aspecto gramatical nas diferentes línguas naturais.



## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, L. C. 2008. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha.
- BASSANI, I. S.; SCHER, A. P. 2006. Os traços temporais e as estruturas do português brasileiro. *Revista Letras* n. 19. Ed. UFPR.
- BHATT, R., PANCHEVA, R. 2005. Aspect: an overview. *LSA 130: The Syntax and Semantics of Aspect*. Disponível para acesso em: <http://migre.me/9ux0G>.
- BURZIO, L. 1981. *Intransitive verbs and italian auxiliaries*. Cambridge, Mass. Tese de Doutorado. MIT.
- CANÇADO, M. 2005. Posições argumentais e propriedades semânticas. *DELTA*. v. 21:1, p. 23-56.
- CANCADO, M.; GODOY, L. 2010. Representação lexical de classes verbais do PB. Manuscrito. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/profs/marciacancado>>.
- CANCADO, M; AMARAL, L. 2010. A Representação Lexical dos Verbos Incoativos no PB. *Revista da Abralín*, v.9, n.2, p. 123-147.
- CHOMSKY, Noam. 1981. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- \_\_\_\_\_. 1995. *The minimalist program*. Cambridge, Massachussets: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- CIRÍACO, L. S. 2007. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- COMRIE, B. 1976. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Textbooks in Linguistics.
- DOWTY, D. 1991 Thematic proto-roles and argument selection. In *Language*, 67, n.3.

- FRANCHI, C.; CANÇADO, M. 2003. Teoria generalizada dos papéis temáticos. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2.
- HAEGEMAN, L. 1994. *Introduction to government and binding theory*. Oxford: Blackwell.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. 2005. *Understanding minimalism*. New York: Cambridge University Press.
- JACKENDOFF, R. 1990. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. 1995. *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1999. Objecthood: an event structure perspective. *CLS*, n. 35, v. 1.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Argument realization*. Cambridge University Press, New York.
- \_\_\_\_\_. 2010. Reflections on manner/result complementarity. In: E. Doron; M. Rappaport Hovav, e I. Sichel (eds.) *Syntax, lexical semantics and event structure*. Oxford: Oxford University Press, p. 21-38.
- LOBATO, L. 1998. What the form of Portuguese past participles reveals about formal features and language development. Manuscrito.
- LUNGUINHO, M. V. S. A. 2005. *Ordem dos verbos auxiliares: uma análise em termos de traços*. Dissertação de Mestrado, Brasília: UnB.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* 1983. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Almedina.
- \_\_\_\_\_. 2003. *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. rev. aum. Lisboa: Caminho, p. 127-190.
- NADALIN, E. 2005. *Aktionsart e Aspecto verbal: uma análise dessa distinção no Polonês*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná.
- NAVES, R. 1998. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas com verbos psicológicos*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB.
- NAVES, R. R. 2005. *Alternâncias sintáticas: questões e perspectivas de análise*. Tese de Doutorado, Brasília: UnB.
- NAVES, R. R.; LUNGUINHO, M. V. 2008. *Aspecto e alternância causativa*. In: Encontro do Centro de Estudos Linguísticos do Sul (CELSUL), 8, Porto Alegre. Handout de apresentação.

NEGRÃO, E. V; VIOTTI, E. 2008. Estratégias de impessoalização no português brasileiro. In: PETER, M; FIORIN, J. L. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, p.179-203.

PERLMUTTER, D. 1978. Impersonal passive and the unaccusative hypothesis. In: JAEGLER, J. *et al* (Eds). *Proceedings from IV Annual Meeting of the BLS*. Berkley, Califórnia.

PUSTEJOVSKY, J. 1995 *The generative lexicon*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

RADFORD, A. 1997. *Syntactic theory and the structure of English: a minimalist approach*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 2004. *Minimalist syntax: exploring the structure of English*. Cambridge: Cambridge University Press.

RAMCHAND, G. C. 2008. *Verb meaning and the lexicon*. Cambridge.

RECH, N. F. 2011. O processo de auxiliaridade verbal no português brasileiro: uma análise dos aspectuais. *Revista Letras*, Curitiba, n.84, p. 111-136.

ROTHSTEIN, S. 2004. *Structuring Events: a study in the semantics of lexical aspect*. Oxford: Blackwell Publishing.

SALLES, H.; NAVES, R. 2009. O estatuto da preposição *com* em construções com alternância sintática. *Revista Polifonia*, Cuiabá, n. 17, p. 9-27.

SILVA, C. F. 2011. *Construções ergativas e médias: uma distinção em termos aspectuais e semânticos*. Dissertação de Mestrado. Brasília:UnB.

SMITH, C. 1991. *The parameter of aspect*. Dordrecht.: Kluwer Academic Publishers.

SOUZA, P. C. de. 1999. *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.

TRAVIS, L. 2010. *Inner aspect: the articulation of VP*. Dordrecht: Springer.

TENNY, C. L. 1987. *Grammaticalizing aspect and affectedness*. Tese de Doutorado. MIT.

TENNY, C. L.; PUSTEJOVSKY, J. 2000. *Events as grammatical objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. United States: CSLI Publications.

TRAVAGLIA, L. C. 1994. *O Aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 3 ed., Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.

vAN HOUT, A. 2002. Event Semantics in the Lexicon Syntax Interfaces. In: TENNY, C. L.; PUSTEJOVSKY, J. 2000. *Events as grammatical objects: the converging perspectives of lexical semantics and syntax*. United States: CSLI Publications, p. 239-277.

VENDLER, Z. 1967. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

VERKUYL, H. J. 1993. *A theory of aspectuality: the interpretation between temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. 1999. *Aspectual issues - studies on time and quantity*. Stanford: CSLI Publications, p. 201-218.

WACHOWICZ, T. C. 2003. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. São Paulo, Tese (Doutorado em Linguística), USP.

\_\_\_\_\_. 2005. *O aspecto do auxiliar*. Comunicação apresentada em reunião do GT 'Teoria da Gramática', da ANPOLL. UFMG. Ouro Preto-MG.

\_\_\_\_\_. 2011. Primitivos semânticos e aquisição de estrutura argumento no PB. Simpósio Internacional Linguagens e Culturas UFSC- Florianópolis. No prelo.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. 2007. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 48, n. 2, p. 211-232.

WHITAKER-FRANCHI, R. C. 1984. *As sentenças ergativas: um estudo semântico e sintático*. Dissertação de Mestrado. IEL-Unicamp, Campinas.